



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

PAULO HENRIQUE SILVA

**A CIRCULAÇÃO DE “APOCALIPSE”  
NA MÍDIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA:  
PERCURSOS DE UMA FÓRMULA DISCURSIVA**

CAMPINAS,  
2019

PAULO HENRIQUE SILVA

**A CIRCULAÇÃO DE “APOCALIPSE”  
NA MÍDIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA:  
PERCURSOS DE UMA FÓRMULA DISCURSIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pelo aluno Paulo Henrique Silva e orientada pelo Prof. Dr. Sírio Possenti

CAMPINAS,  
2019

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Si38c Silva, Paulo Henrique, 1992-  
A circulação de "Apocalipse" na mídia contemporânea brasileira : percursos de uma fórmula discursiva / Paulo Henrique Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Sírio Possenti.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Polêmica. 3. Bíblia. N.T. Apocalipse. I. Possenti, Sírio. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The "Apocalypse" circulation in brazilian contemporary media : courses of a discursive formula

**Palavras-chave em inglês:**

Discourse analysis

Polemics

Bible. N.T. Revelation

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística

**Banca examinadora:**

Sírio Possenti [Orientador]

Ana Raquel Motta de Souza

Luciana Salazar Salgado

**Data de defesa:** 22-07-2019

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-3529-4443>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0528191097936417>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Sirio Possenti**

**Ana Raquel Motta de Souza**

**Luciana Salazar Salgado**

**IEL/UNICAMP  
2019**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

Para ver as coisas, é preciso olhar muitas vezes.

(Alice Krieg-Planque)

*À minha mãe, Esther Silva,  
por ser a base que sempre me possibilitou  
todo e qualquer crescimento.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Esther Silva, e à minha vó, Adalgiza da Silva, por sempre estarem comigo.

À minha família por todo incentivo, auxílio e afeto.

Ao professor Sírio Possenti, não apenas pela orientação distinta e por todas as conversas que possibilitaram a produção dessa pesquisa, mas também por despertar em mim o amor pela docência dedicada.

À professora Ana Raquel, pela atenta leitura e pelas muitas considerações que me fizeram retomar perspectivas teóricas importantes dantes abandonadas, mas que me fizeram concluir a pesquisa.

À professora Marcela Fossey, pelas considerações feitas no exame de qualificação.

Aos amigos da pós, pelo companheirismo, pela amizade e por todos os momentos de desabafo – em especial ao Hélio, ao Jeff, ao Wesley, ao Marcelo e à Rebecca.

Aos professores da pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, por todos os momentos em sala de aula e pelo aprendizado proporcionado, por inúmeras vezes, fora dela.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Esta dissertação, situada no campo teórico-metodológico da Análise do Discurso, tem o objetivo de analisar a circulação de “apocalipse” e suas reformulações tanto no interior, quanto no exterior do seu campo discursivo de origem, o religioso. A produtividade semântico-discursiva dessa unidade lexical a coloca no centro de diversas polêmicas, atravessando campos como o artístico, o filosófico, o acadêmico/científico, o literário, o jornalístico e o político, conforme mostram os textos reunidos. O *corpus* é constituído por textos de vários gêneros, em sua maioria notícias, charges, editoriais e artigos de opinião publicados na mídia impressa (jornais e revistas de grande circulação) e em suas versões digitais. A primeira questão é verificar o estatuto formulaico da unidade lexical “apocalipse”, analisando se estão presentes as quatro características da fórmula, a saber, a cristalização, a inscrição discursiva, a referência social e a polemicidade. Se não se garantisse que “apocalipse” atingira o estatuto formulaico, isso não seria um problema, pois, o que mais importa, segundo Maingueneau (2008b), é que as fórmulas são um caso de percurso. Tratar a unidade lexical como uma fórmula foi proveitoso, pois, a partir desse procedimento, exploramos o percurso de “apocalipse” e descobrimos coisas sobre as fórmulas. Outra questão é investigar em que medida “apocalipse” (e suas variantes) funciona como um “lugar” privilegiado para “compreender a forma como os diversos atores sociais organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 9). A metodologia de pesquisa está centrada no dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso, em especial nos princípios e procedimentos contidos nas obras de autores como Maingueneau (2008b, 2010, 2015) e Krieg-Planque (2003, 2008, 2010). Além do fato de o discurso religioso estar constantemente presente no mundo contemporâneo, a pesquisa se justifica, entre outros aspectos, também pelo fato de os trabalhos que mobilizam a noção de fórmula em Análise do Discurso serem relativamente novos e poucos no Brasil, além da necessidade de fornecer dados para desenvolvimentos recentes de aspectos afins à noção de fórmula. “Apocalipse” atende três propriedades das fórmulas discursivas. Após a análise, concluiu-se que o fato de a propriedade polêmica ser tão grande afeta a propriedade de cristalização. Não obstante, os resultados apontam que “apocalipse” atingiu o estatuto formulaico e é um tipo de fórmula diferente das prototípicas.

**Palavras-chave:** análise do discurso; polêmica; Bíblia. N.T. Apocalipse.

## ABSTRACT

This dissertation, situated in the theoretical-methodological field of Discourse Analysis, has the objective of analyzing the circulation of “apocalypse” and its reformulations both inside and outside its discursive field of origin (the religious). The semantic-discursive productivity of this lexical unit puts it at the center of several controversies, crossing fields such as the artistic, philosophical, academic/scientific, literary, journalistic and political, as the collected texts show. The corpus consists of texts of various genres, mostly news, cartoons, editorials and opinion articles published in the print media (newspapers and magazines of great circulation) and in their online versions. The first question is to verify the formulaic status of the lexical unit “apocalypse”, analyzing whether the four characteristics of the formula are present, namely, crystallization, discursive inscription, social reference and polemicity. If one didn’t guarantee that “apocalypse” had reached formulaic status, this wouldn’t be a problem, since, what matters the most, according to Maingueneau (2008b), is that the formulas are a case of course. Treating lexical unity as a formula was helpful, because, from this procedure, we explored the “apocalypse” course and discovered things about the formulas. Another question is to investigate to what extent “apocalypse” (and its variants) functions as a privileged “place” to “understand how the various social actors organize, through discourses, relations of power and opinion” (KRIEG- PLANQUE, 2010, p. 9). The research methodology is centered on the theoretical-analytical device of Discourse Analysis, especially in the principles and procedures contained in the works of authors such as Maingueneau (2008b, 2010, 2015) and Krieg-Planque (2003, 2008, 2010). In addition to the fact that religious discourse is constantly present in the contemporary world, the research is also justified, among other aspects, by the fact that the works that mobilize the notion of formula in Discourse Analysis are relatively new and few in Brazil, besides the need to provide data for recent developments of aspects related to the notion of formula. “Apocalypse” serves three properties of discursive formulas. After the analysis, it was concluded that the fact that the controversial property is so great affects the crystallization property. Nevertheless, the results show that “apocalypse” has reached the formulaic status and it is a type of formula different from the prototypical ones.

**Keywords:** discourse analysis; polemics; Bible. N.T. Revelation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I – A GENEALOGIA DO APOCALIPSE E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO</b> .....	14
1.1 Zoroastrismo .....	15
1.2 Apocalipses judaicos.....	20
1.3 Cristianismo .....	25
1.3.1 O livro do Apocalipse .....	27
1.4 Zoroastrianos, judeus e cristãos .....	30
1.5 Conclusões do capítulo .....	32
<b>CAPÍTULO II – O CASO DOS PERCURSOS</b> .....	34
2.1 Unidades tópicas e não tópicas .....	34
2.2 O percurso da unidade lexical “apocalipse” .....	36
2.2.1 Campo publicitário.....	39
2.2.2 Campo humorístico .....	41
2.2.3 Campo artístico .....	44
2.2.4 Campo filosófico.....	47
2.2.1 Campo jornalístico .....	48
2.3 Considerações sobre o Apocalipse.....	49
2.3.1 Passado: o Apocalipse e a morte.....	49
2.3.2 Presente e futuro: a modernização de um antigo temor .....	53
2.4 Conclusões do capítulo .....	63
<b>CAPÍTULO III – A FÓRMULA “APOCALIPSE”</b> .....	65
3.1 A noção de fórmula discursiva .....	65
3.2 As quatro propriedades da fórmula discursiva.....	77
3.2.1 Caráter cristalizado .....	77
3.2.2 Caráter discursivo .....	78
3.2.3 Caráter de referente social.....	88
3.2.4 Caráter polêmico .....	99
3.2.4.1 Aspectos iniciais da polêmica .....	100
3.3 Ciência x Religião: uma antiga dicotomia .....	109
3.3.1 Apocalipse e religião.....	110
3.3.1.1 Catolicismo e Protestantismo .....	111
3.3.1.2 Espiritismo .....	119
3.3.2 Apocalipse e ciência.....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	134
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	137

## INTRODUÇÃO

Pode-se lamentar que o discurso religioso continue a ser o parente pobre da análise do discurso, ao mesmo tempo em que o fato religioso está particularmente presente no mundo contemporâneo.

(DOMINIQUE MAINGUENEAU)

Meu interesse pelas fórmulas discursivas surgiu durante uma aula da graduação em Letras na Unicamp, no segundo semestre de 2014. Como tarefa desta aula, o professor Sírio Possenti pediu para que os alunos procurassem palavras, sintagmas ou construções que pudessem ser candidatas a fórmulas. Muito interessado pelas questões do referente social e da polêmica que caracterizam as fórmulas, ainda em aula já cogitava e formulava hipóteses em relação a possíveis candidatas a uma pesquisa sobre o tema. Na mesma semana, andando pelo centro de Barão Geraldo<sup>1</sup>, recebi um panfleto com os seguintes enunciados: “O fim está próximo, o Apocalipse se aproxima”. O discurso religioso, desde o início de minha trajetória acadêmica, é o que mais me intriga. A maneira como nossa sociedade estima e adota tal discurso é algo que considero de suma importância e merecedor de análise. Resolvi, mobilizando os conceitos que aprendemos por meio dos textos lidos e das análises feitas em sala de aula, averiguar se “apocalipse” possuía as características necessárias para que pudessemos tratá-la como uma fórmula discursiva. Num primeiro momento, “apocalipse” aparentou reuni-las. Com uma imensa circulação em inúmeros campos discursivos, “apocalipse” é constantemente enunciada, reformulada, mobilizada e, de certa maneira, até recusada.

Definido o objeto de estudo, após algumas pesquisas e leituras, a hipótese tomou corpo de um projeto de dissertação e foi submetido ao processo seletivo do curso de Linguística em agosto de 2015. Depois de aceito, ingressei no mestrado e, enquanto realizava os créditos requeridos pela pós, reunia novas ocorrências de “apocalipse” para o *corpus*. Segundo Maingueneau (2008b), as fórmulas são um caso de percurso. A noção de percurso é definida como “textos reunidos a partir da circulação de uma fórmula discursiva [e que] correspondem a um tipo de unidade peculiar, construída a partir do trabalho do analista”. A

---

<sup>1</sup> Distrito pertencente ao município de Campinas, no estado de São Paulo.

constituição de um *corpus* a partir desta noção pode ser bastante rica, pois o pesquisador não se atém a unidades preestabelecidas, como as tópicas; ele tem a liberdade de percorrer caminhos dantes impensados, ele pode delinear trajetos inéditos e agrupar textos diversos como uma decisão tomada por ele (porém, esse processo não se dá de qualquer maneira, ele é regulado por critérios históricos; falaremos mais sobre isso no capítulo dois).

No entanto, trabalhar desta maneira se mostrou um grande desafio, uma vez que um percurso nunca está concluído, mas sempre em constante reformulação. Ao procurar a ocorrência de “apocalipse” em diversos campos discursivos, nos deparamos com um vasto e abundante material. Nosso *corpus* é constituído por textos de vários gêneros (notícias, editoriais, charges, tirinhas, propagandas, fotografias etc.) publicados na mídia impressa (jornais, revistas) e em suas versões online. Ele foi organizado a partir das ocorrências da palavra, com ajuda, num primeiro momento, de ferramentas virtuais de busca, o que nos permitiu chegar até as publicações em que a unidade lexical aparece. Numa segunda etapa, fizemos uma pré-seleção de todo o material coletado e um recorte temporal: de 2012 a 2018.

As fórmulas discursivas propostas por Krieg-Planque (2010, 2011) têm sido descritas como uma produtiva entrada para *corpora* de pesquisa (MAINGUENEAU, 2008b) na medida em que elas permitem reunir materiais diversos em torno de um tema polêmico. Embasando-se na noção de fórmula, nossa pesquisa investiga a circulação de termos e sintagmas relacionados ao “fim do mundo” em suas diferentes acepções, por exemplo, “apocalipse” e “armagedom”. Exploramos a circulação dessas formulações por diferentes campos discursivos na tentativa de identificar traços característicos das fórmulas, tais como descritos pela autora citada. Um desses traços é o funcionamento como referente social (aliado a um caráter polêmico). Alguns exemplos desse aspecto foram encontrados em pequenas frases, slogans, notícias, charges, anúncios publicitários e outros textos. Às vezes, a formulação é restrita a um universo particular, bastante subjetivo, como o vilarejo descrito na obra *O vale do fim do mundo* (LENARD, 2013). Em outros casos, representa uma dimensão bem mais abrangente, como a inteira ordem mundial criticada em *Vivendo no fim dos tempos* (ZIZEK, 2012). Após a coleta de material e organização do *corpus*, interessou-nos saber se “apocalipse” (e suas variantes) tem características que a façam corresponder a uma fórmula, no sentido de Krieg-Planque (2010).

Em uma primeira abordagem, percebemos que inúmeros apocalipses já foram previstos na História. Entre esses apocalipses, alguns se destacam pelo número de indivíduos que creem neles. Além de ser o mais popularmente difundido, o Apocalipse de São João é o

mais relevante na sociedade brasileira, pois esta é predominantemente cristã. Remeter às origens e às condições de produção de algo tão antigo como o Apocalipse cristão seria uma atividade muito opaca e creio que pouco operante. Entretanto, no primeiro capítulo, a fim de aproximar nosso leitor do *corpus*, fazemos uma breve exposição histórica, norteadas por algumas teses de sociólogos, filósofos e teólogos, que pretende aludir às raízes e à genealogia do Apocalipse cristão.

No segundo capítulo, exploramos o percurso da unidade lexical e mostramos como foi constituído o nosso *corpus*. A circulação da unidade lexical é ampla; é nesse capítulo que mostramos a ocorrência de “apocalipse”, e suas reformulações, em diversos campos discursivos. É também no segundo capítulo que fazemos algumas considerações sobre o fim do mundo; a recorrência de datas proféticas apocalípticas na contemporaneidade e em outras épocas é um aspecto que, particularmente, também nos intriga. Resolvemos averiguar e analisar possíveis razões para que aconteça essa recorrência e, também, razões, a despeito do não cumprimento dessas profecias, para que se possa justificar a grande adesão que elas recebem.

Como já dissemos, devido à grande circulação e aos diversos grupos que falam sobre o tema, suspeitávamos que “apocalipse” poderia atingir o estatuto formulaico. No terceiro capítulo, testamos a hipótese a partir das características apontadas por Krieg-Planque (2010). Todavia, fizemos uso da noção de fórmula discursiva não com o intuito de garantir que “apocalipse” seja uma fórmula, mas o fizemos para explorar o percurso. Se não se garantisse que “apocalipse” atingira o estatuto formulaico, isso não seria um problema, pois, segundo Maingueneau (2008b), as fórmulas são um caso de percurso.

Tratar a unidade lexical como uma fórmula foi proveitoso, pois a partir desse procedimento exploramos o percurso de “apocalipse” e descobrimos novos aspectos sobre as fórmulas discursivas. Analisar o tema “apocalipse” se mostrou extremamente relevante. Além da questão teórica linguístico-discursiva que mobilizamos durante a análise, essa pesquisa é importante, porque apresenta uma temática que é, e sempre esteve, presente no espaço social.

## CAPÍTULO I

### A GENEALOGIA DO APOCALIPSE E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...] Um discurso não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima.

(MICHEL PÊCHEUX)

Antes de mais nada, é necessário reconhecer que a dor é uma experiência em que a subjetividade se fecha sobre si mesma, não existindo qualquer lugar para o outro no horizonte do seu mal-estar. Com efeito, a dor é uma experiência eminentemente solipsista, restringindo-se o indivíduo apenas a si mesmo, não revelando qualquer dimensão alteritária. A interlocução com o outro fica assim cortada na dor, que se restringe ao murmúrio e ao lamento, por mais intensa que seja a dor em questão. Daí a passividade que sempre domina o indivíduo quando algo dói, esperando que alguém tome uma atitude em seu lugar.

(JOEL BIRMAN)

Embora nesta pesquisa não tratemos de maneira específica de “apocalipse” no interior do campo religioso, remontar às origens do tema é fundamental. Apesar de interessar-nos, principalmente, por questões linguístico-discursivas, fazer um levantamento histórico da gênese do tema é essencial, pois permite delimitar melhor nosso objeto, dado que existe uma multiplicidade de apocalipses. Neste capítulo, realizaremos um percurso histórico para buscar as origens do tema “apocalipse”. Esse percurso tem a função de apresentar as raízes do termo que servirá como objeto de análise da nossa pesquisa e apontar elementos importantes de suas condições de produção. Para fazer esse levantamento histórico, recorreremos, basicamente, aos postulados teóricos de Cohn (1993), Collins (1984; 2010) e Hall (2009). Também seguimos obras de outros historiadores, sociólogos e teólogos devidamente citadas no corpo do texto. Baseamo-nos nesses autores devido à vasta bibliografia concernente a estudos escatológicos que possuem.

Desde suas primeiras ocorrências até os dias atuais, a unidade lexical “apocalipse” aparece, na maioria das vezes, associada a uma religião, seita ou crença. O percurso histórico apresentado a seguir inicia-se com a profecia de fim do mundo zoroastriana, segue pela

adaptação judaica, e, por fim, chega à configuração adotada no Cristianismo (religião cujo apocalipse analisaremos aqui). Os apocalipses apresentados são: O zoroastriano (encontrado, principalmente, no *Avesta*), o contido no livro de Daniel (que em alguns excertos apresenta uma visão apocalíptica) e, por fim, o do apóstolo João. Uma vez que não é a questão principal e não queremos tornar o texto prolixo e impreciso, não trataremos a significação das profecias e dos escritos escatológicos contidos nessas obras; o que faremos é apresentar as diversas (porém conexas) projetos de fim do mundo que tais religiões – Zoroastrismo, Judaísmo e Cristianismo – possuem.

No decorrer da pesquisa, deparamo-nos com algumas previsões de fim do mundo designadas como apocalipses. Por critérios de relevância, a que escolhemos para o presente trabalho é a popularmente difundida no *campo discursivo*<sup>2</sup> do Cristianismo. Quaisquer que forem as restrições a respeito da autenticidade das passagens doravante citadas, pode-se dizer que, de certa maneira, elas refletem as expectativas das primeiras gerações de cristãos. O que nos interessa, neste primeiro momento, não é o grau de fidedignidade que pode ser atribuído a tais fatos históricos, mas a relação interdiscursiva entre os discursos que mostra a forma como a identidade do apocalipse cristão foi estruturada (*cf.* MAINGUENEAU, 2008a[1984], p. 21).

## 1.1 Zoroastrismo

Muitas civilizações antigas acreditavam que em algum momento o mundo teria um fim. Contudo, essa concepção nem sempre se fez presente. Cohn (1993, p.15) afirma que houve um momento na história da consciência humana em que uma grande mudança ocorreu. A maioria dos povos antigos (como os egípcios, sumérios, babilônios, indo-iranianos, cananeus etc.) acreditava que, no início, o mundo havia sido organizado por um ou vários deuses, e que em seus aspectos essenciais esse mundo era imutável. No antigo Oriente Próximo<sup>3</sup>, o cosmos, “no sentido de uma ordem compreensiva e onipresente”, era algo inquestionável. “O céu, a terra, a natureza e a sociedade, tudo havia sido criado e ordenado

<sup>2</sup> Uma reformulação do conceito de *interdiscurso*, proposta por Maingueneau (2008a[1984], p. 35), dá origem à tríade: *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*. O universo discursivo é o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada; Por campo discursivo entende-se um conjunto de formações discursivas em concorrência, essas formações delimitam-se em uma região determinada do universo discursivo; e, por fim, o espaço discursivo que é o conjunto de formações discursivas que o analista julga relevantes para seu propósito colocar em relação.

<sup>3</sup> Região da Ásia próxima ao mar Mediterrâneo, a oeste do rio Eufrates. Região que hoje inclui: Turquia, Síria, Líbano, Jordânia, Israel e Palestina, norte do Egito e Iraque. Disponível em: <[www.geografia.ufflch.usp.br/OrienteMedio-I.ppt](http://www.geografia.ufflch.usp.br/OrienteMedio-I.ppt)> Acesso em Jun. 2016.

pelos deuses e continuava sob a supervisão deles” (*idem*). Devido à existência de deuses inconstantes que faziam atos bondosos, mas também maldosos, o cosmos, para o ser humano, não era algo pacífico e tranquilo, toda concepção de mundo da época revelava um mundo pouco estável. Apesar dessa instabilidade, imaginava-se que o mundo era imutável,

[...] se fazia avanços tecnológicos, mas nada disso despertava expectativas de um futuro radicalmente diverso de tudo o que se conhecia no presente e no passado: as coisas continuariam a ser o que sempre haviam sido. No âmago de todas as concepções de mundo do Oriente Próximo reinava um sentimento de imutabilidade (COHN, 1993, p. 15).

Para os povos antigos, a ordem significava ter boas colheitas, vitórias na guerra, uma terra fértil etc. No entanto, esta ordem era ameaçada por forças do mal, significadas por enchentes, pragas, secas ou pela própria morte. Nas várias formulações do mito do combate<sup>4</sup>, esse sentimento ganhou personificação. Geralmente, um jovem herói ou guerreiro divino era imbuído por uma divindade de manter as forças do caos controladas; essa era a mentalidade do combate entre o cosmos e o caos (*ibid.*, 295).

Entretanto, tal concepção foi alterada, basicamente devido a um profeta chamado Zoroastro (ou Zaratustra). O profeta reinterpretou radicalmente a versão iraniana do mito do combate. Para ele, o mundo não era estático e nem seria para sempre turbulento. Os conflitos vividos pelo ser humano apenas indicavam que se aproximava uma batalha final na qual o deus supremo aniquilaria de vez toda manifestação maligna. A partir de então, a comunidade viveria pra sempre em paz e harmonia, sem risco algum de a ordem do mundo voltar a ser perturbada. “Neste ambiente perfeito, os seres humanos remanescentes viverão na mais perfeita harmonia” (*ibid.*, p. 137).

De acordo com Zoroastro, “toda existência é como a gradativa atualização de um plano divino [...] a derradeira conclusão deste plano, uma gloriosa consumação em que as coisas alcançariam a perfeição de uma vez por todas”. Segundo Cohn (1993, p. 109), foi no zoroastrismo que a crença de que uma batalha derradeira definiria o rumo do mundo se originou. Há uma divergência acerca de quando isso ocorreu, porém a opção mais aceita é a de que Zoroastro viveu entre 1500 e 1200 a.C. Nas palavras de Hall (2009), “a cosmologia de Zoroastro torna-se uma escatologia que prevê o triunfo final do bem sobre o mal na batalha final, encerrando os ciclos do tempo cósmico, fazendo com que o mundo se torne glorioso” (p. 18 – *tradução nossa*).

Em algum momento de sua vida, Zoroastro teve uma visão do grande deus Ahura

---

<sup>4</sup>Sobre o mito do combate, ver Cohn (1993, p.145).

Mazda, Senhor da sabedoria, circundado de outros seis seres radiantes. A partir deste momento, Zoroastro tomou para si o papel de profeta escolhido pelos deuses para difundir a mensagem divina. O Zoroastrismo foi a religião oficial do primeiro império iraniano e teve como notáveis fiéis: Dario, Xerxes e Artaxerxes I. Este grupo de fiéis ajudou a difundir os ensinamentos da religião por seus impérios (*ibid*, p. 141). “Durante séculos antes de Cristo, os ensinamentos básicos do zoroastrismo tiveram enorme difusão [...] eles exerceram grande influência entre os judeus e mais ainda entre os cristãos primitivos” (*ibid.*, p. 112).

O conjunto de escritos que servem de base ao Zoroastrismo é chamado de *Avesta*. A respeito da composição do *Avesta*, o que se sabe é que nos primeiros séculos da religião os ensinamentos de Zoroastro eram transmitidos de maneira oral. Foi apenas no século V d.C. que eles passaram para forma escrita. O livro é dividido em duas partes: o *Gathas*, hinos compostos pelo próprio Zoroastro; e o “*Avesta* mais novo”, chamado assim devido às diferenças linguísticas entre as duas partes, o que confirma, segundo estudiosos, que as duas partes foram escritas em épocas diferentes. Não obstante esse estatuto de novo, podem-se encontrar na segunda parte do *Avesta* muitos ensinamentos do profeta. Posteriormente, um resumo do *Avesta* (o *Dinkard*) foi produzido. Nesse resumo um livro chamado *Bundahishn* possui a narração tanto da criação do mundo, como do seu destino final.

Ahura Mazda era a divindade avestana principal. Segundo a narrativa, no princípio apenas existia Ahura Mazda, ele próprio, o “não-criado”, deu origem a todas as coisas

Isso eu Te peço, diga-me verdadeiramente, Ahura. Quem é por geração o Pai do que é Justo? Quem determinou o caminho do sol e das estrelas? Quem é esse por quem a lua aumenta e diminui novamente? Isso, ó Mazda, e ainda mais, sou feliz em saber. Isso eu Te peço, diga-me verdadeiramente, Ahura. Quem sustenta a Terra e o firmamento? Quem sustenta as águas e as plantas? Quem uniu a rapidez aos ventos e nuvens? Quem é, ó Mazda, o criador do Bom Pensamento? Isso eu Te peço, diga-me verdadeiramente, Ahura. Que artista fez a luz e a escuridão? Que artista fez o dormir e o acordar? Quem fez a manhã, o meio dia e a noite, que chama o homem compreensivo ao seu dever? Isso eu Te peço, diga-me verdadeiramente, Ahura. Quem criou juntamente com o Domínio a preciosa Piedade? Quem fez por sabedoria o filho obediente a seu pai? Esforço-me por reconhecer por estas coisas, ó Mazda, criador de todas as coisas através do espírito Santo (AVESTA, Yasna 44, 3-7 – tradução nossa).

O princípio responsável pela existência e manutenção do cosmos era denominado *asha*. Todavia, uma força representante da “mentira” e da “falsidade” também existia, esta força era chamada de *druj*. Nos escritos de Zoroastro, Ahura Mazda representava o bem e tinha como antagonista o espírito da destruição Angra Mainyu; “aos dois Espíritos primitivos, que se revelam em visão como Gêmeos, são o Bem e o Mal, em pensamento, palavra e ação.

E entre estes dois, os sábios escolhem corretamente, os tolos não” (AVESTA, Yasna 30, 3 – *tradução nossa*).

A luta entre estas duas forças era o que definia o passado, o presente e o futuro do mundo. No entanto, a luta não duraria para sempre, seu tempo de duração era denominado “tempo limitado”. Após o tempo limitado, o bem derrotaria o mal iniciando uma era de eternidade, na qual *druj* não mais existiria, apenas *asha* prevaleceria por toda parte.

No começo da batalha, Ahura Mazda, juntamente com “um intermediário seu”, criou os seis poderosos seres da visão inicial que Zoroastro teve. Este ser intermediário, chamado de Spenta Mainyu, não se distinguia de Ahura Mazda, era o seu representante. No *Bundahishn*, também podemos encontrar o relato da criação do mundo existente. Os deuses organizaram o cosmos em sete etapas,

a primeira e a segunda “criações” foram a do céu – uma grande concha arredondada, feita de água – e a da água, que encheu a concha pela metade. Em seguida, foi criada a terra, como um grande prato achatado flutuando na água; e, depois, no meio da terra, uma única planta, um único animal (um touro) e um único homem. O fogo veio por último e tomou duas formas: como o fogo visível e como força vital invisível, difusa por todas as “criações” animadas (COHN, 1993, p. 117-8).

Cada uma das seis figuras ficou responsável por um aspecto da criação. O próprio Ahura Mazda e seu intermediário ficaram responsáveis pelo homem. Enquanto isso, Angra Mainyu – em companhia de seus ajudantes, os *daevas* (demônios) – propagava o mal pelo mundo, quer seja contaminando a água (tornando a maior parte dela salgada), impregnando o solo (transformando-o em imensos desertos) ou poluindo o fogo (mesclando a fumaça a ele). Como na maioria das religiões, os seres humanos, nesse caso os zoroastrianos, empenhavam um papel ativo nesta batalha. Os seres humanos “não eram meros espectadores passivos nesta batalha”, eles podiam escolher qual lado seguir, se viveriam por *asha* ou por *druj* (HALL, 2009, p. 18). Se se decidissem favoráveis ao lado das forças do bem, além dos sacrifícios que deveriam ser feitos, o zoroastriano deveria observar diversas leis para auxiliar Ahura Mazda nesta batalha.

Alguns conceitos do profeta eram considerados bastante revolucionários para a época. Um desses conceitos, como vimos, diz respeito à admissão da existência de um dualismo escatológico – isto é, duas divindades opostas (uma que representava o bem, e outra o mal) que travam um embate que tem como resultado o fim do mundo. Outro insólito conceito dos ensinamentos zoroastrianos é a condição do ser humano no pós-morte. Segundo Cohn (1993),

antes da época de Zoroastro, as crenças relativas à vida após a morte haviam se desenvolvido entre os iranianos de maneira muito semelhante a registrada entre os hindus védicos. No início acreditava-se que todos os mortos levavam uma existência desolada e sombria sobre a terra. Mais tarde, passou-se a considerar que uns poucos indivíduos escolhidos – príncipes, guerreiros e sacerdotes que haviam observado todos os desígnios de *asha* e sido generosos nas oferendas aos deuses – iriam após a morte para o paraíso no céu, desfrutando do sol, da luz e de todos os prazeres dos sentidos. O destino de cada indivíduo era decidido em uma ponte sobre um abismo: apenas as almas dos poucos privilegiados eram capazes de atravessá-la; o resto mergulharia diretamente no desconfortável e melancólico mundo subterrâneo (p. 133).

O profeta trouxera uma nova conceituação a respeito das questões da vida após a morte. O indivíduo que a partir dos quinze anos tivesse predominantemente pensamentos bons, éticos e morais seguiria para “as mansões luminosas do céu”. Por outro lado, se houvesse predominantemente pensamentos maléficos e imorais, o indivíduo iria para “o mundo subterrâneo”. É a partir desse conceito zoroastriano que surge a ideia de inferno (*ibid.*, p. 134).

Zoroastro continua seus ensinamentos, agora sobre o que haveria após o fim do mundo. Depois do tempo passado na Terra pelos seres humanos, o mundo será purificado de todo o mal. *Asha* triunfará sobre *druj*, todos se reunirão em uma assembleia na qual cada sujeito verá suas ações boas ou más, ali então os redimidos diferenciar-se-ão dos condenados. Os que ficaram ao lado de Ahura Mazda serão recompensados, os que apoiaram Angra Mainyu serão destruídos<sup>5</sup>. Após o “tempo limitado” haveria uma grande transformação denominada o “tornar maravilhoso”. Este seria um período em que todos os redimidos seriam purificados e transformados em criaturas sem mal algum. Um mundo em que não haverá dor, pranto e lágrimas, só haverá a paz; “um domínio sobre o qual o deus supremo irá reinar com uma autoridade que permanecerá incontestada para sempre” (*ibid.*, p. 137).

O autor salienta que Zoroastro previa que esta grande consumação aconteceria em breve, em um futuro próximo. Contudo, após a morte de seu profeta/líder,

[...] as primeiras gerações de zoroastrianos devem ter se desapontado tão amargamente quanto os primitivos cristãos mil anos depois. O modo como as gerações subsequentes se consolaram também lembra o desenvolvimento da crença cristã. Elas passaram a ver o profeta como um salvador do mundo enviado pelo deus supremo – e também elaboraram o conceito de um redentor futuro em quem Zoroastro iria, por assim dizer, reencarnar, e que finalizaria sua obra (*ibid.*, p. 138).

---

<sup>5</sup> cf. *Bundahishn* 34, 27.

Com a morte de Zoroastro, os professos zoroastrianos se agarraram em outra figura mística, o Saoshyant. Próximo ao fim dos tempos, *druj* aparentaria sobressair-se sobre *asha*, a vitória de Angra Mainyu estaria garantida. Eis o momento em que a semente do profeta prospera; após um nascimento miraculoso através de uma virgem, Saoshyant surge pronto para, enfim, derrotar Angra Mainyu. É ele quem irá, anteriormente ao “tornar maravilhoso”, trazer os mortos de volta à vida e conceder-lhes a imortalidade. Para Cohn (1993), a promessa de uma divindade vindoura que restabeleceria a glória do bem e traria a imortalidade aos zoroastrianos foi o que manteve a fé viva por tanto tempo. A profecia sobre o Saoshyant

ajudou gerações e gerações de zoroastrianos, ao longo de todos os infortúnios que sofreram, a manter viva a fé no aperfeiçoamento final do mundo. Na verdade, a crença vinda do Saoshyant prosperou devido aos infortúnios. Há indícios de que foi sustentada de maneira mais tenaz nas épocas em que a comunidade zoroastriana sofreu seus piores desastres – após a conquista de Alexandre e, de novo, após a conquista árabe. Foi um fator crucial para que os zoroastrianos mantivessem a fé quando perseguidos por governantes mulçumanos (p. 140).

Inúmeras similaridades com eventos narrados pela fé zoroastriana podem ser vistas no decorrer da história do Cristianismo. Como o próprio autor afirma, e mais adiante será retomado, “a proclamação de Zoroastro permaneceu e continuou a exercer seu fascínio em círculos muito distantes das cortes e dos reis” (p. 144).

## 1.2 Apocalipses judaicos

Abaixo não abordaremos a perspectiva judaica a respeito da origem do mundo. Devido ao fato de esta religião ter a mesma visão disseminada pelo Cristianismo<sup>6</sup> escolhemos não pormenorizar os relatos desta narrativa, posto que a maioria das pessoas tem, minimamente, uma noção concernente à forma de como a origem do mundo é tratada por estas religiões.

Dois séculos após a queda do império babilônico para os persas, o império persa foi tomado por Alexandre III, da Macedônia. Alexandre conquistara muitos territórios para seu império, difundindo o conhecimento grego e seus costumes às cidades que ia anexando ao império. O período de conquistas alexandrinas é denominado helenismo. Uma sucessão de dinastias gregas ocupou o poder após a morte de Alexandre, “no século III a Palestina estava sob o domínio de uma destas dinastias, a dos Ptolomeu, sediada no Egito. No início do século II, ela passou a ser governada por outra dinastia, a dos selêucidas” (COHN, 1993, p. 215).

<sup>6</sup> Sobre o relato da criação na perspectiva judaico-cristã, ver Gênesis 1 e 2.

Como salientado por Collins (1984), a produção judaica concernente a apocalipse mais antiga existente foi produzida na Palestina nos séculos III e II a.C. A função da maioria dos apocalipses é desvendar segredos que outrora eram conhecidos apenas nos céus. Esses segredos dizem respeito ao plano celestial ou, por vezes, ao destino do mundo humano. Tais revelações estão vinculadas, pois o que ocorre na Terra seria reflexo do Céu; quaisquer mudanças na Terra seriam definidas por ordem celestial.

Afirmações de que Deus havia enviado mensagens divinas a seus servos eram tidas como algo de grande valor para os judeus. Para legitimar as obras apocalípticas, seus autores davam nomes de pessoas significativas a elas. Pode-se perceber mediante ao recurso à pseudonímica que os autores apocalípticos precisavam ser indivíduos com um nome representativo no campo religioso. Podemos correlacionar essa representatividade com o *estatuto do enunciador*<sup>7</sup> das produções apocalípticas. Ou seja, o enunciador apocalíptico, aspirando a legitimação do seu dizer, aderiu nomes representativos às suas obras. Como McGinn (1992) anota, “na origem judaica, o modo de revelação apocalíptica é sempre dado por meio de pseudônimos, isto é, atribuído ficcionalmente a um sábio, há muito falecido, para assim atribuir mais autoridade ao escrito” (p. 6 – *tradução nossa*).

Cohn (1993) analisa em sua obra três livros principais que influenciaram o modo de enxergar o caos, o cosmos e o mundo vindouro dos judeus e, futuramente, dos cristãos: Daniel (atribuído a um profeta que, segundo a narrativa judaica, viveu no exílio babilônico do século VI), o Livro dos Jubileus (atribuído a Moisés, patriarca responsável pela libertação dos hebreus do domínio egípcio) e o I Enoque (atribuído a um patriarca do começo dos tempos, o sétimo na descendência de Adão). Sobre a produção de um apocalipse, o autor afirma que

em medida muito maior do que os profetas, os autores dos apocalipses costumavam receber as revelações sob a forma de visões – por vezes, sentiam-se até mesmo transportados para uma região distante da terra ou dos céus. Com frequência, os acontecimentos que lhes eram revelados encontravam-se disfarçados em símbolos e alegorias, com animais representando homens ou nações, anjos bons representados por homens e anjos caídos por estrelas [...] A linguagem simbólica é tradicional e deriva em grande parte de antigos mitos (*ibid.*, p. 217).

Tais eventos futuros não podem ser alterados pela influência humana, o fim do mundo independe da obediência ou da desobediência. O futuro já está previsto, haverá um julgamento final, haverá uma vida após a morte, em que seres humanos receberão recompensas ou punições justas pelas ações feitas enquanto na Terra.

---

<sup>7</sup> Sobre o estatuto do enunciador, ver Maingueneau (2008a[1984]).

Vale ser realçado que Daniel, diferentemente da tradição clássica de mensagens divinas, recebe visões de um servo de Deus – um anjo. Há, de certa maneira, um afastamento da divindade maior. Antes tal comunicação era feita em primeira pessoa<sup>8</sup>, a divindade maior falava diretamente com o profeta. Agora, ao se comunicar com um apocalíptico, Deus faz uso de um mensageiro, “é apenas nos apocalipses que eles [os anjos] se tornam autores principais. Ali eles acompanham e guiam os apocalípticos em suas excursões visionárias, esclarecem o sentido das visões e são a garantia da própria veracidade das visões” (COHN, 1993, p. 218). De qualquer maneira, dizia-se que a mensagem era divina, o que pode ser comprovado pelas características sobrenaturais do mensageiro de Daniel.

Levantando os olhos, vi um homem vestido de linho. Cingia-lhe os rins um cinto de ouro de Ufaz. Seu corpo era como o crisólito; seu rosto brilhava como o relâmpago, seus olhos, como tochas ardentes, seus braços e pés tinham o aspecto do bronze polido e sua voz ressoava como o rumor de uma multidão. [...] Ouvi então esse homem falar, e, ao som de suas palavras, caí desmaiado, com o rosto por terra. [...] Daniel, homem de predileção, disse-me ele, presta atenção às palavras que vou dirigir-te. Levanta-te, pois tenho uma mensagem a te confiar. [...] Aqui estou para fazer-te compreender o que deve acontecer a teu povo nos últimos dias (BÍBLIA HEBRAICA, Daniel 10, 4-14).

O domínio estrangeiro requeria inúmeros ajustes na cultura dos povos dominados. Era claro o sentimento de ressentimento contra essa prática no mundo helenístico. Para expandir o domínio grego e minar a cultura dos outros povos, havia uma tradição de misturar povos dominados e estrangeiros. Neste processo, não só a cultura se perdia, mas também direitos, costumes, práticas corriqueiras etc. Esse exercício de poder para um povo tradicional como os judeus não foi bem aceito; “muitos judeus estavam dispostos a lutar, e até mesmo a morrer, para não transgredir o ‘zelo pela Lei’” (COHN, 1993, p. 221). Segundo o autor, esse ressentimento inúmeras vezes foi refletido nos apocalipses. No decorrer da História, as obras divinas foram frustradas pelos poderes demoníacos, mas futuramente esse poder seria derrotado, e o reino de Deus reinaria absolutamente.

Apesar da imposição da cultura grega, algo que podia ser mantido no período helenístico e em que não havia interferência por parte do domínio estrangeiro era as religiões ancestrais. Em meados de 169-7 a.C., Antíoco IV Epifânio se voltou contra os judeus. O monarca invadiu o templo, saqueou o ouro do local, incendiou cidade, levantou altares pagãos

---

<sup>8</sup> cf. Êxodo 3; I Samuel 3; Isaías 58 e Jeremias 26.

e proibiu o *Shabat*<sup>9</sup>. Muitos morreram, fugiram, se refugiaram no deserto ou foram levados ao cativeiro. É neste interim que uma rebelião acontece, liderada por Judas (apelidado Macabeu), originando o que ficou conhecido mais tardiamente como “o levante macabeu”. Os judeus saíram vitoriosos do levante e em 164 a.C. o Templo foi reconquistado, o culto foi reinstituído e, futuramente, os direitos tradicionais judaicos foram restituídos. De acordo com Heaton (1956), o último livro a ser escrito na *Bíblia hebraica* foi o livro de Daniel e este livro seria um produto da perseguição de Antíoco IV Epifânio. O livro retrata, majoritariamente, a experiência de um judeu nobre levado para a corte babilônica no período do exílio. Os seis primeiros capítulos trazem relatos sobre Daniel, e os seis últimos são relatos de uma série de visões de alguns apocalipses interligados entre si revelados ao profeta Daniel.

O segundo capítulo revela uma visão apocalíptica recebida por Daniel. A visão, que o rei Nabucodonosor também recebera em sonho, foi a de uma estátua “enorme e terrível”, sua cabeça era de ouro, seu peitoral de prata, quadril de bronze, suas pernas de ferro e seus pés de barro fundido com ferro. Como desfecho da visão, uma pedra – “não lançada por mãos humanas” – atinge os pés da estátua a esfacelando. A pedra se estabelece no solo, cresce e ocupa toda a Terra. A significação do sonho, que nenhum sábio conseguira solucionar, referia-se a uma sucessão de reinos. A cabeça de ouro era o próprio rei Nabucodonosor, o restante das partes representava reinos futuros inferiores ao poder babilônico (como caracterizado pela preciosidade do metal que representava as outras partes).

Eis, portanto, teu sonho e as visões que se apresentaram a teu espírito quando estavas em teu leito. No tempo desses reis, o Deus dos céus suscitará um reino que jamais será destruído e cuja soberania jamais passará a outro povo: destruirá e aniquilará todos os outros, enquanto que ele subsistirá eternamente. Foi o que pudeste ver na pedra deslocando-se da montanha sem a intervenção de mão alguma, e reduzindo a migalhas o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. Deus, que é grande, dá a conhecer ao rei a sucessão dos acontecimentos. O sonho é bem exato, e sua interpretação é digna de fé (BÍBLIA HEBRAICA, Daniel 2, 44-45).

Outro fragmento apocalíptico do livro que se assemelha bastante ao segundo capítulo é o capítulo sete. Nele o profeta, que outrora fora intérprete, agora tem o próprio sonho, deixando a função para um anjo. Nesse sonho, Daniel vê quatro animais sucessivamente emergindo do “mar tempestuoso”: um leão com asas de águia, um animal semelhante a um urso que “erguia-se sobre um lado e tinha à boca três costelas”, um leopardo com quatro cabeças e quatro asas e, por fim, uma criatura mais terrível do que todas anteriores. Tais

---

<sup>9</sup> Shabat é o nome dado ao dia de descanso semanal no Judaísmo – o termo alude ao sétimo dia da criação narrada em Gênesis. Apesar de ser comumente dito ser o domingo de cada semana, é observado a partir do pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado.

animais fazem alusão, segundo a interpretação bíblica, às partes da estátua.

De acordo com Cohn (1993), o livro de Daniel tem como propósito “encorajar a população civil a suportar com firmeza a perseguição. Este é o propósito implícito que vincula a primeira metade do livro à segunda. Pois a moral transmitida pelas histórias é idêntica à suposição presente nas profecias” (p. 226). Pode-se usar como exemplo, a história de Sidrac, Misac e Abdênago que não se curvaram perante estátua de Nabucodonosor e foram jogados na fornalha ardente e a história do próprio profeta Daniel lançado na cova dos leões<sup>10</sup>. Estas narrativas exemplificavam uma conduta certa para os judeus a quem o império impunha escolhas não menos terríveis e “se *Yahweh* havia resgatado esses heróis do passado, como seria possível que agora abandonasse seus fiéis seguidores? As libertações individuais relatadas nas histórias prenunciavam a libertação em massa prometida nas profecias apocalípticas” (*idem*).

Após tal libertação divina, o povo escolhido seria recompensado por seu tempo de fidelidade. Tudo que antes era dominado pelo império forasteiro/pagão seria dado agora para os judeus aos quais Daniel se dirige. A recompensa seria imensamente maior que a satisfação obtida pelos impérios forasteiros, pois enquanto esses impérios foram substituídos por outros, o reino que viria e sobrepujaria toda Terra seria um reino eterno, um reino que nunca passaria<sup>11</sup>.

Para os judeus, anteriormente à existência do reino derradeiro um julgamento final acontecerá. Segundo Nickelsburg (1977), há um rompimento assaz intrigante no capítulo final do livro de Daniel; “muitos daqueles que dormem no pó da terra despertarão, uns para uma vida eterna, outros para a ignomínia, a infâmia eterna” (BÍBLIA HEBRÁICA, Daniel 12, 2). A noção de morte para os israelitas agora já não era a mesma, a perspectiva do *Sheol* – dantes um local de purificação espiritual ou punição para todos os mortos<sup>12</sup> – é substituída por algo muito diverso: quando o mundo se consumir, os mortos voltarão à vida, serão julgados e, então, receberão recompensas ou punições; “essas noções eram inovações tão grandes que desencadearam uma controvérsia na comunidade judaica que perdurou por gerações. Elas eram evidentemente de origem estrangeira. Portanto, o que dizer de uma possível influência do Zoroastrismo?” (COHN, 1993, p. 287).

---

<sup>10</sup> *cf.* Daniel 3.

<sup>11</sup> *cf.* Daniel 5, 18.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://biblia.com.br/dicionario-biblico/s/sheol/>> Acesso em Maio 2016.

Os apocalipses em si resolvem questões difíceis de ser encaradas pelos fieis. Muitos que preferiam manter sua fé pereciam, enquanto os ímpios eram recompensados com uma vida próspera. Em Daniel 12, o judeu encontrava ressalva de que o modo como as coisas estavam acontecendo não perduraria, o capítulo (assim como as profecias apocalípticas) oferece uma solução para o tormento de seus leitores.

### 1.3 Cristianismo

Rowland (1985) afirma que a união dos judeus se devia apenas à aceitação das obrigações contidas na Torá. Além desse fato, nada mais identificava os judeus como um todo. A ortodoxia judaica só foi implementada após a queda de Jerusalém em 70 d.C. e após o conselho de Yavne. O Judaísmo era um compêndio de grupos e seitas, os cristãos formavam uma delas, juntamente com os fariseus, os saduceus etc. Os cristãos se consideravam judeus, assim como os judeus também os consideravam, a despeito das “crenças esdrúxulas” a respeito do profeta Jesus de Nazaré.

A maioria das informações a respeito de Jesus se encontra em livros denominados como evangelhos sinóticos. Essas obras, escritas originalmente em grego, compõem o cânon bíblico cristão. Segundo os episódios que relatam a vivência de Jesus, pode-se afirmar que Jesus era um arauto do reino celestial, um ser extraterrestre que tinha por função pregar a palavra de Deus (seu pai) e auxiliar na futura remissão dos fiéis. A narrativa bíblico-cristã, em diversos momentos<sup>13</sup>, mostra o quão engajados Jesus e seus seguidores eram quanto à questão de haver um dualismo escatológico. Jesus, que viera restabelecer a paz e a harmonia no Universo, representava o bem e Satanás, o mal.

O embate entre o bem e o mal é evidente nos sinóticos. Textos como “não nos deixe cair em tentação” da oração do pai-nosso e, na versão de São Mateus, o trecho “mas livra-nos do Maligno” – isto é, Satanás – evidenciam que, segundo as crenças do Cristianismo, o mundo vive um embate cosmológico sobrenatural que resultará no fim do mundo, no Apocalipse. Jesus e seus seguidores são os responsáveis por aumentar o número de pessoas que seriam salvas para enfim residir no domínio eterno dos céus.

---

<sup>13</sup> cf. São Mateus 6, 13; São Lucas 10, 18-20; São Tiago 4, 7; São João 12, 31 e I São Pedro 5, 8-9.

Alguns aspectos previstos no Apocalipse de João se conectam à doutrina do Cristo. Inúmeras falas atribuídas a Jesus por seus seguidores demonstram essa conexão<sup>14</sup>. Em São Marcos, podemos encontrar uma ligação relevante, retomada no capítulo dois, entre fim do mundo e catástrofes climáticas. Segundo o(s) autor(es) do livro bíblico (usaremos aqui a versão do texto católico, nossa escolha se deve ao fato de o catolicismo ser a denominação, em tese, predominante no Brasil<sup>15</sup>) haverá sinais que mostrarão que o fim está próximo:

Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerra, não temais; porque é necessário que estas coisas aconteçam, mas não será ainda o fim. Levantar-se-ão nação contra nação e reino contra reino; e haverá terremotos em diversos lugares, e fome. Isto será o princípio das dores. Cuidai de vós mesmos; sereis arrastados diante dos tribunais e açoitados nas sinagogas, e comparecereis diante dos governadores e reis por minha causa, para dar testemunho de mim diante deles. Mas primeiro é necessário que o Evangelho seja pregado a todas as nações. [...] Naqueles dias, depois dessa tribulação, o sol se escurecerá, a lua não dará o seu resplendor; cairão os astros do céu e as forças que estão no céu serão abaladas (BÍBLIA, São Marcos 13, 7-10, 24 e 25).

A conexão desses excertos com o livro de Apocalipse pode ser exemplificada com o seguinte texto:

Depois vi o Cordeiro abrir o sexto selo; e sobreveio então um grande terremoto. O sol se escureceu como um tecido de crina, a lua tornou-se toda vermelha como sangue e as estrelas do céu caíram na terra, como frutos verdes que caem da figueira agitada por forte ventania. O céu desapareceu como um pedaço de papiro que se enrola e todos os montes e ilhas foram tirados dos seus lugares. Então os reis da terra, os grandes, os chefes, os ricos, os poderosos, todos, tanto escravos como livres, esconderam-se nas cavernas e grutas das montanhas. E diziam às montanhas e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro (BÍBLIA, Apocalipse 6, 12-16).

Um marco no horizonte mental judaico-cristão quanto à noção de apocalipse se deu quando em 95-6 d.C. São João escreveu o livro do Apocalipse. Cohn (1993) salienta que “a apoteose de Jesus, como ser celestial e representante supremo de Deus, seria levada um passo adiante” neste livro (p. 275). A unidade lexical “apocalipse” significa “revelação”<sup>16</sup>. Um apocalipse é a revelação de acontecimentos futuros que somente eram sabidos por uma divindade. Os relatos produzidos a partir de tais revelações, por extensão, foram designados de “apocalipse”. Além do fato de ser um livro místico, simbólico, denso e carente de interpretação, a não tradução do termo grego (*apokálypsis*) que manteve o título do livro como “Apocalipse” também fez com que o significado da unidade lexical se tornasse opaco,

<sup>14</sup> cf. São Mateus 24, 12; São Lucas 21, 11-17.

<sup>15</sup> Segundo dados do IBGE, ver Anexo A.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/apocalipse>> Acesso em Maio 2016.

na maioria das vezes sendo utilizado como sinônimo de “fim do mundo”. O título do livro é mais compatível com “profecia”, ou seja, “revelação”, todavia a ideia de “fim do mundo” é com frequência mais associada ao Apocalipse. O que se tem aqui é uma ressignificação do significante grego.

### 1.3.1 O livro do Apocalipse

O livro do Apocalipse (também chamado de Apocalipse de São João) é o último da seleção do cânon bíblico e, a despeito de inúmeros debates a respeito de sua autoria, ela é atribuída ao apóstolo João. Além de encontrarmos alusão à autoria em algumas passagens do livro<sup>17</sup>, alguns autores da patrística<sup>18</sup> e a tradição cristã são quase unânimes em reconhecê-lo como o autor do Apocalipse.

Embora haja certo grau de continuidade entre o apocalipse de São João e os apocalipses judaicos, a obra é profundamente cristã.

Do começo ao fim, é evidente o caráter judaico da obra, assim como a influência dos apocalipses judaicos: muitos trechos são traduções diretas da Bíblia hebraica além de haver mais de trezentas referências aos livros de Daniel, Isaías, Segundo Isaías, Jeremias, Ezequiel e Zacarias (COHN, 1993, p. 276-7).

Toda referência, tudo que foi aproveitado da *Bíblia hebraica* é, de certa forma, reinterpretado em um sentido cristão; “As profecias e os oráculos judaicos são evocados”, “os profetas e o Livro de Daniel são chamados a testemunhar sobre a iminente vitória da Igreja cristã” (*idem*). O livro do Apocalipse é como uma conclusão cristã a toda tradição profética de Israel.

O livro se inicia com a apresentação de seu propósito. Deus revelou a João o que aconteceria no fim dos tempos, a partir de então o apóstolo era responsável pela transmissão da mensagem reveladora à Igreja. Segundo a narrativa bíblico-cristã, João recebeu uma série de visões proféticas na ilha de Patmos, tal série de visões resultou no livro do Apocalipse. Logo na primeira visão, Jesus aparece como um ser majestoso, ressurreto e com muito poder.

---

<sup>17</sup> cf. Apocalipse 1, 1 e 9.

<sup>18</sup> Ver Justino Mártir, de Roma (c.100-65 d.C.; Diálogo com Trifo, 81); Ireneu de Lião (c.130-202 d.C.: Contra Heresias, iv. 20.11); Tertuliano de Cartago (c. 160-240 d.C.; a Prescrição dos Hereges, 36); e Hipólito de Roma (m. 220 d.C.; “Quem é o homem rico que será salvo?”, xlii).

[...] fui arrebatado em êxtase, e ouvi, por trás de mim, voz forte como de trombeta [...] Voltei-me para saber que voz falava comigo. Tendo-me voltado, vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, alguém semelhante ao Filho do Homem, vestindo longa túnica até os pés, cingido o peito por um cinto de ouro. Tinha ele cabeça e cabelos brancos como lã cor de neve. Seus olhos eram como chamas de fogo. Seus pés se pareciam ao bronze fino incandescido na fornalha. Sua voz era como o ruído de muitas águas. Segurava na mão direita sete estrelas. De sua boca saía uma espada afiada, de dois gumes. O seu rosto se assemelhava ao sol, quando brilha com toda a força. Ao vê-lo, cai como morto aos seus pés. Ele, porém, pôs sobre mim sua mão direita e disse: “Não temas! Eu sou o Primeiro e o Último, e o que vive. Pois estive morto, e eis-me de novo vivo pelos séculos dos séculos; tenho as chaves da morte e da região dos mortos. Escreve, pois, o que viste, tanto as coisas atuais como as futuras” (BÍBLIA, Apocalipse 1, 10-20).

De maneira parecida com a tradição zoroastriana e com o livro de Daniel, o Apocalipse faz uso de criaturas fictícias para exemplificar os poderes do bem e do mal. Por exemplo, em Apocalipse 12, um grande conflito cósmico sucedeu no céu; uma mulher revestida do sol, prestes a dar à luz enfrentava o Dragão vermelho que com sua cauda varria terça parte das estrelas do céu. No momento do nascimento do filho, o dragão tenta devorá-lo. Deus, no entanto, arrebatou a criança para junto de si, e concede à mulher um refúgio no deserto. Assim como nas crenças do Oriente Próximo, fatos passados no céu refletiam na Terra (*cf.* COHN, 1993, p. 279).

Nos evangelhos sinóticos, Jesus combatia as forças malignas expondo o seu poder. Já no Apocalipse, o guerreiro tão esperado pelos judeus, com poder bélico inimaginável, e pronto para restituir a glória israelita aparece e destrói então todos que oprimiam seus fiéis.

Tem olhos flamejantes. Há em sua cabeça muitos diademas e traz escrito um nome que ninguém conhece, senão ele. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome é Verbo de Deus. Seguiam-no em cavalos brancos os exércitos celestes, vestidos de linho fino e de uma brancura imaculada. De sua boca sai uma espada afiada, **para com ela ferir as nações pagãs, porque ele deve governá-las** com cetro de ferro e pisar o lagar do vinho da ardente ira do Deus Dominador. Ele traz escrito no manto e na coxa: **Rei dos reis e Senhor dos senhores!** (BÍBLIA, Apocalipse 19, 12-16 – *grifo nosso*).

Juntamente com os exércitos dos reis da Terra, lutam a primeira besta e o falso profeta contra Jesus. Esta batalha, denominada Armagedom, termina com a vitória do bem e a derrota das hostes satânicas e de seus aliados. A besta e o falso profeta, “que realizara prodígios sob seu controle”, são atirados vivos em um “lago de fogo sulfuroso”, enquanto os demais são derrotados com a “espada que lhe saía da boca”<sup>19</sup>. Há uma festa abundante no céu, animais são chamados a festejar e a glória de Roma chega ao fim. Anjos entoavam: “Caiu, caiu

---

<sup>19</sup> *cf.* Apocalipse 19.

Babilônia, a Grande. Tornou-se morada dos demônios, prisão dos espíritos imundos e das aves impuras e abomináveis” (BÍBLIA, Apocalipse 18, 2).

No fim, Satanás será “atirado no abismo” e ficará preso por um milênio, ao término do qual será “solto por um pouco de tempo”<sup>20</sup>. Há uma bifurcação a respeito do fim dos que não participaram de maneira ativa na batalha, os humanos. Um anjo anuncia o fim dos que serviam a grande besta, estes receberão o mesmo destino de sua liderança:

Um terceiro anjo seguiu-os, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a Fera e a sua imagem, e aceitar o seu sinal na frente ou na mão, há de beber também o vinho da cólera divina, o vinho puro deitado no cálice da sua ira. Será atormentado pelo fogo e pelo enxofre diante dos seus santos anjos e do Cordeiro (BÍBLIA, Apocalipse 14, 9 e 10).

A outra parte, os fiéis que passaram por tudo e não saíram do lado da justiça e da verdade, receberá a recompensa eterna. Ressuscitarão, ou subirão para os céus sem ter passado pela morte, para assim viver eternamente com Jesus, o Cristo<sup>21</sup>. Após o fim do confinamento de Satanás, este se levantará contra a cidade dos santos, simultaneamente com suas hostes que reviveram para auxiliá-lo na tomada da cidade. Esta tentativa será frustrada e toda horda satânica será “lançada no lago de fogo e enxofre”<sup>22</sup>. Os justos agora viverão para sempre em um “novo céu e uma nova terra”.

Vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existia. Eu vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, a nova Jerusalém, como uma esposa ornada para o esposo. Ao mesmo tempo, ouvi do trono uma grande voz que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. Habitará com eles e serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição. [...] O vencedor herdará tudo isso; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Os tábios, os infiéis, os depravados, os homicidas, os impuros, os maléficis, os idólatras e todos os mentirosos terão como quinhão o tanque ardente de fogo e enxofre, a segunda morte (BÍBLIA, Apocalipse 21).

No fim do livro, novamente, encontramos uma promessa sobre a brevidade desse acontecimento. O próprio Jesus confirma: “Eis que venho em breve! Felizes aqueles que põem em prática as palavras da profecia deste livro” [...] “Eis que venho em breve, e a minha recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras” (*ibid.* 22, 7 e 12). E desse modo, o Apocalipse chegará a sua consumação.

---

<sup>20</sup> *op. cit.*, 20, 3.

<sup>21</sup> *op. cit.*, 20, 4.

<sup>22</sup> *op. cit.*, 20, 10-15.

#### 1.4 Zoroastrianos, judeus e cristãos

Como realçaremos abaixo, a linguagem sempre está exposta às determinações históricas. Temos uma história que, assim como a linguagem, também está em movimento – posto que o real da história é uma contradição dialética que nunca vai se resolver em síntese alguma. Portanto, se temos uma sociedade que nunca vai para um lugar único e que sempre está permeada por relações de força, teremos sempre uma sociedade e sentidos se debatendo em relações e interpretações que ora divergem, ora convergem. Por isso, a Análise do Discurso (doravante denominada AD) requer que o olhar do analista sempre vá pra fora, o texto *x* na relação com outros textos, o texto dito com o que não está dito. De modo semelhante ao de Pêcheux e Fuchs (1969, 1975a), que buscou esse movimento fundamental, adentrou o estruturalismo e saiu de uma perspectiva conteudística (isto é, perspectiva que vai para um ponto, ou alguns pontos, no interior do texto), adiante colocaremos em relação as três profecias apocalípticas apresentadas até aqui.

Com algumas divergências, os apocalipses ora apresentados têm semelhanças demais para serem desconsideradas. Segundo Cohn (1993), a conceituação de fim do mundo zoroastriana, judaica e o livro do Apocalipse são obras que se preocupam muito com a escatologia. Nestes escritos, o mundo era constituído de maneira dualística; os autores dessas obras criam que existia uma força contrária aos poderes divinos, essa força sempre agia no sentido de frustrar os planos celestiais. Também acreditavam que, futuramente, as forças malignas seriam destruídas pelo poder divino e, então, o tempo do fim chegaria. Os servos do bem viveriam pela eternidade, já os mortos receberiam destinos antagônicos.

Os adeptos de Zoroastro sempre haviam acreditado em uma gloriosa consumação futura, quando o mundo seria transformado e todos os justos, inclusive os mortos, seriam dotados de corpos imortais e incorruptíveis. Sempre acreditaram também que atuava no mundo uma potência sobrenatural e destrutiva. Para se avaliar quanto o Satã/Beliar cristão e judeu deve ao zoroastrismo, basta lembrar o que o Avesta diz de Angra Mainyu. Pois Angra Mainyu também introduziu a morte no mundo e é a causa das deformidades e aflições corporais, também é chamado de “pai das mentiras” e também é o líder de um exército de demônios. E, no final, ele também será completamente derrotado pelo deus supremo (COHN, 1993, p. 287).

Cohn (1993) diz que as similaridades entre as crenças zoroastrianas, judaicas e as crenças apocalípticas são muitas para que possam ser explicadas por uma coincidência. A prática exegética cristã interpreta o livro de Daniel fazendo conexões ao livro do Apocalipse, isto é, os cristãos também aceitam os escritos escatológicos de Daniel. Em Apocalipse

também podemos encontrar um paralelo entre “o simbolismo dos quatro metais” e no mito zoroastriano conhecido como *Vahman Yasht* – obra persa que, semelhantemente ao sonho do rei Nabucodonosor, descreve a última grande época por ferro e argila ligados (*ibid.*, p. 288).

Todavia, segundo o autor, tais similaridades não apontam na direção de não haver diferenças entre as expectativas zoroastrianas, judaicas e cristãs. O destino dos seres e do mundo após a morte não é concebido da mesma maneira nestas duas religiões. Ao passo que para os judeus após a morte os indivíduos esperavam em um sono até o Juízo Final, para os zoroastrianos as almas vagavam pelo céu ou pelo inferno até serem julgadas. O ponto de convergência que fez tanto judeus quanto cristãos e zoroastrianos acreditarem em seus respectivos apocalipses foi o sofrimento experimentado em suas vivências. Segundo o autor, o sentimento de revolta compartilhado por zoroastrianos e judeus pode ter sido o responsável pela conexão do pensamento escatológico dessas religiões.

A mensagem dos sacerdotes zoroastrianos terá ido ao encontro do que alguns judeus desejavam ouvir. A queda do império arquemênida foi uma experiência traumática para os iranianos. [...] Iranianos e judeus eram companheiros de sofrimento em um mundo incerto e atormentado (*ibid.*, p. 291).

“Subjacente à interpretação dada por Zoroastro aos antiquíssimos conceitos de *asha* e *druj*, encontra-se a percepção aguda de uma ordem social relativamente pacífica ameaçada por agressores externos” (COHN, 1993, p. 130). Após sofrer a tirania imposta por domínios estrangeiros, como o de Antíoco IV Epifânio e, futuramente, o de Roma, os judeus encontraram nos ensinamentos escatológicos não somente a garantia de que o mal não provinha de Deus, mas também que um dia seriam redimidos de todo e qualquer revés enfrentado. O ato de recorrer a uma profecia escatológica frente às tribulações não é algo raro na prática de produção apocalíptica, esse ato marca discursivamente a obra do apóstolo João.

Um exemplo disso é a produção apocalíptica de Zoroastro. Para Cohn (1993), não há dúvidas de que a produção de Zoroastro foi afetada por sua experiência de vida. Ao escrever sua obra, o profeta “se encontrava indefeso, e consciente do que ocorria com outras pessoas indefesas” (p. 130). Em alguns momentos podemos perceber que Zoroastro pede ajuda material ao seu Deus<sup>23</sup>. Essa crença na relevância do papel da vida de Zoroastro para aquilo que ele escreveu lembra, de certa maneira, aquilo que se diz sobre a experiência de vida de quem fala alguma coisa. É dado mais credibilidade para pessoas que falam de algo relacionado à própria experiência de vida. Ao falar de economia, consideramos mais um

---

<sup>23</sup> *cf. Yasna* 46, 2; 50, 1 e 44, 18.

economista, de política, um político ou sociólogo etc. (retomaremos esse assunto no capítulo seguinte). Podemos correlacionar este aspecto com o que Maingueneau (2008) diz sobre o *ethos pré-discursivo*<sup>24</sup> que é, basicamente, a construção prévia da imagem de um locutor feita por um público.

Quanto às semelhanças do Zoroastrismo com o Cristianismo, de acordo com Cohn,

o messias do Livro do Apocalipse tem muito menos em comum com qualquer figura messiânica da Bíblia hebraica do que com os guerreiros divinos nas várias versões do mito do combate – e, dentre eles, nem Indra, nem Marduk, nem Ba'al, nem o Yahweh primitivo permitem um paralelo tão próximo quanto o Saoshyant zoroastriano (1993, p. 293).

Assim como Jesus é esperado pelos cristãos, espera-se que um dia Zoroastro retorne, ressurreto e glorificado, “no Saoshyant miraculosamente gerado de sua semente, a fim de combater e derrotar as hostes demoníacas, trazer os mortos de volta à vida e conduzir o julgamento escatológico” (*idem*). Além desta semelhança, tanto no Cristianismo, quanto no Zoroastrismo a volta dos seus redentores significa a chegada do tempo do fim e o início da era vindoura. Dentre os grupos situados à margem do Judaísmo, a seita mais exposta ao Zoroastrismo era a de Jesus<sup>25</sup>. O Cristianismo se tornou uma religião muito diferente do Judaísmo e do Zoroastrismo, a crença de que Jesus era o fundamento que intercederia e salvaria o mundo era algo novo e “permanece até hoje como fundamento das crenças das principais Igrejas cristãs. No entanto, o que o Cristianismo havia tomado do Zoroastrismo também permaneceu, também se difundiu por todos os continentes ao longo dos séculos, até alcançar o mundo moderno” (COHN, 1993, p. 294).

## 1.5 Conclusões do capítulo

O percurso histórico apresentado, além de explicitar a gênese de nosso objeto de análise, corrobora a afirmação de que “o discurso é um espaço de regularidades enunciativas” (*cf.* Maingueneau, 1998). Logo, o discurso não reflete apenas o que pensa seu autor, mas reflete uma *formação discursiva* que, por sua vez, está relacionada a outras formações discursivas. Segundo a hipótese do primado do *interdiscurso* de Maingueneau (2008[1984]), o analista deve valorizar a heterogeneidade através de uma visão do interdiscurso como

---

<sup>24</sup> “O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciatador antes mesmo que ele fale. Parece necessário, então, estabelecer uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 15-6).

<sup>25</sup> *cf.* Hinnells (1984).

anterior e constitutivo do discurso. Na concepção teórica do autor, o interdiscurso tem precedência sobre o discurso e assim “a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (*ibid.*, p. 21).

Estruturamos no espaço interdiscursivo a identidade do discurso religioso cristão apocalíptico. Foi nessa relação de trocas entre vários discursos que encontramos o “espaço de regularidade pertinente” para procedermos nossa análise. “Todo discurso, como toda cultura, é finito, na medida em que repousa sobre partilhas iniciais, mas essas partilhas não tomariam forma sobre um espaço semântico indiferenciado” (*idem*).

## CAPÍTULO II

### O CASO DOS PERCURSOS

A morte, temida como o mais horrível dos males, não é, na realidade, nada, pois enquanto nós somos, a morte não é, e quando esta chega, nós não somos.

(EPICURO)

#### 2.1 Unidades tópicas e não tópicas

Como mencionado, a circulação de “apocalipse” é ampla. Neste capítulo, mostramos como foi explorado o percurso da unidade lexical, e de suas reformulações, por diversos campos discursivos e como foi constituído o nosso *corpus*. A apresentação feita a seguir tem a finalidade de situar nosso leitor e apresentar algumas noções que foram cruciais para a constituição do *corpus* dessa pesquisa. Maingueneau (2008b) demonstra interesse em esclarecer alguns conceitos amplamente usados na AD francófona. Para o autor, este trabalho não é supérfluo, visto que, devido ao fato de a AD ter se tornado um domínio de pesquisa extremamente ativo no mundo inteiro, há um déficit de legitimidade, dada a heterogeneidade dos conceitos e procedimentos praticados hoje em dia (p. 11).

Em *Unidades tópicas e não-tópicas*, o autor, citando Arqueologia do Saber (1969) de Foucault e aspectos pecheutianos desde o artigo “A semântica e o corte saussuriano” (2008), reivindica uma dupla paternidade para a noção de formação discursiva. É a partir dessa problematização que surgem hipóteses sobre a metodologia em AD e sobre a maneira de se coletar e recortar dados. Maingueneau começa fazendo distinção entre dois grandes tipos de unidades: as tópicas e as não-tópicas. As unidades tópicas correspondem a espaços já pré-delineados pelas práticas verbais (e.g. o discurso do partido *x*, o discurso hospitalar etc.). Ou seja, elas proporcionam um critério (um lugar social organizado) para a organização de um *corpus* (uma revista, um jornal etc.), algo que já esteja recortado e que requererá uma futura análise do pesquisador. Esta unidade subdivide-se em *territoriais* e *transversas*.

Há unidades que poderiam ser chamadas de unidades territoriais, que correspondem a espaços já “pré-delineados” pelas práticas verbais. Pode-se tratar de tipos de discurso relacionados a certos setores de atividades da sociedade: discurso administrativo, publicitário, político, etc. [...] Em análise do discurso, recorreremos igualmente às unidades que poderíamos chamar de transversas, no sentido em que elas atravessam textos de múltiplos gêneros de discurso (MAINGUENEAU, 2008b, p. 16-17).

As unidades não-tópicas, por outro lado, funcionam de forma diferente. Tais unidades são construídas pelos pesquisadores sem levar em consideração fronteiras preestabelecidas. Logo, as unidades não-tópicas são domínios para a construção de um *corpus* que não se enquadra em um único lugar, mas uma variedade grande de material em diversos campos discursivos. O autor propõe dividir esta unidade em duas unidades que não são dadas, que são construídas pelo analista, chamadas de *formações discursivas* e *percursos*.

As formações discursivas são definidas pelo autor como o “conjunto aberto de tipos e gêneros de discurso, de campos, aparelhos, e de registros”. Estas se dividem em *unifocais* e *plurifocais* (*ibid.*, p. 19). As unidades territoriais ou transversas são definidas como tópicas, pois elas se referem a discursos que são, de certa forma, mais identificáveis (*e.g.* o humorístico, o didático, o da divulgação científica etc.). As unidades tópicas oferecem um critério, que independe do analista, para a construção de um *corpus* – isto é, uma instituição. Uma instituição não significa, necessariamente, o Ministério da Cultura, a Universidade ou Secretaria de Segurança etc., pode se tratar de um partido. A título de exemplo, o analista que pretende trabalhar com o discurso de partidos comunistas no Brasil, para proceder sua análise, pode ir à sede do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), procurar por documentos etc. Ser tópico quer dizer ser garantido por um lugar social organizado, uma instituição. Sempre há um lugar que significa: “aqui fala o médico”, “o jurista”, “o partido”, “a Universidade” etc.

Já o não-tópico não tem um lugar próprio; não é assegurado por uma instituição. Por exemplo, não há um lugar institucionalizado para a produção do discurso racista, ou homofóbico. Não há um lugar, um documento, uma instituição onde se encontre o discurso racista, ou pessoas que se digam racistas. Ele é encontrado em qualquer lugar: em enunciados do cotidiano, manifestações em estádios de futebol, letras de música, numa piada, num grafite de banheiro ou até na fala de um jornalista em rede nacional. A proposta de Mainguenu (2008b) sobre a mobilização de unidades não-tópicas é algo novo. Muitas análises não são feitas segundo esse critério, o que, geralmente, se faz é a análise de um material tópico: uma década de produção da revista *x*, a obra de um autor, um ano ou dois de Suplementos Literários etc.

Traçamos um percurso para reunir o material que constitui o *corpus* da pesquisa ora apresentada. Os textos reunidos a partir da circulação de uma fórmula discursiva correspondem a um tipo de unidade peculiar, construída a partir do trabalho do analista, denominada de percurso (*cf.* MAINGUENEAU 2008b, p. 23). Pesquisas que lidam com os percursos não pretendem associar a ocorrência do enunciado a uma “fonte” originadora do sentido, como, por exemplo, uma formação discursiva no sentido tradicional da análise do discurso. Pelo contrário, trata-se de “desestruturar as unidades instituídas [...] sem procurar construir totalidades” (*idem*), uma vez que um percurso nunca está concluído ou terminado, mas sempre em constante reformulação. Ao contrário das unidades-tópicas, o que se pretende é desestruturar as unidades já instituídas, definindo percursos não esperados. O que o analista pode fazer são recortes, tanto temporais quanto materiais (restringir-se a dois ou três campos discursivos, por exemplo, o campo jornalístico, o campo das artes etc.). Maingueneau destaca que o princípio que irá agrupá-los é uma decisão tomada exclusivamente pelo analista, mas com base em critérios históricos e seguindo um conjunto de princípios que regulam esse tipo de atividade hermenêutica.

Agir desta maneira foi produtivo, pois a partir desta noção fizemos nossa primeira aproximação para constituição do *corpus* desta pesquisa. Por meio da construção de uma unidade não-tópica, podemos perceber os diversos campos discursivos em que uma unidade lexical emerge. No caso de “apocalipse”, foi possível localizar ocorrências da palavra em diversos campos discursivos, tais como: publicitário, jornalístico, filosófico, humorístico, político, etc., como veremos abaixo.

## 2.2 O percurso da unidade lexical “apocalipse”

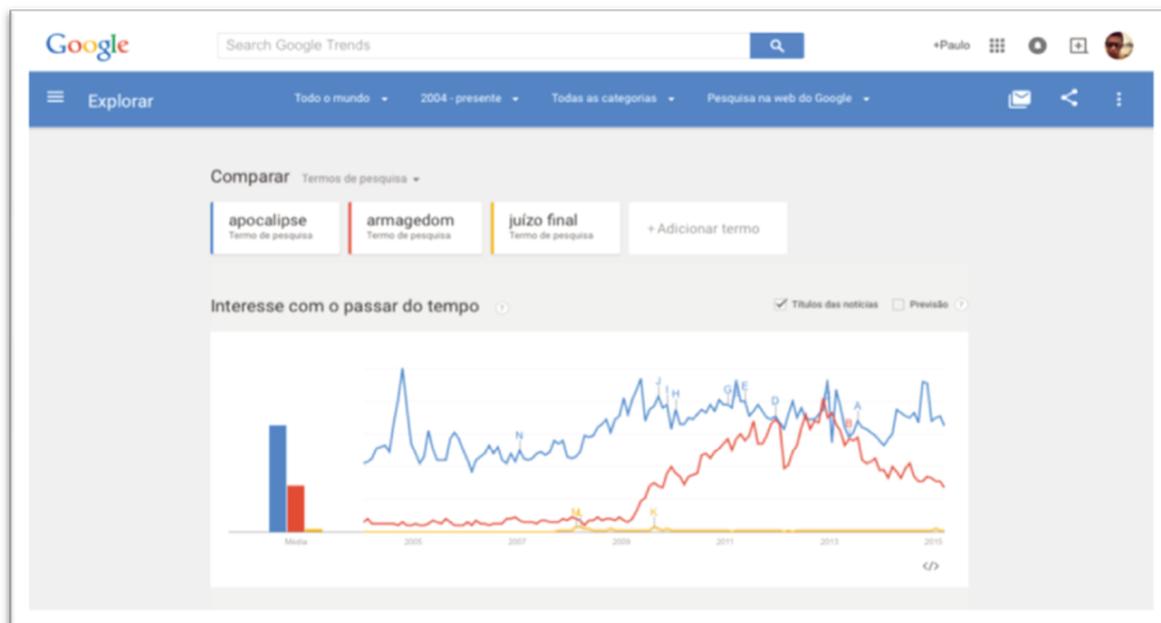
Maingueneau (2008b) serve-se de exemplo da autora Krieg-Planque (2003) para ilustrar um típico caso de percursos fundados sobre materiais lexicais ou textuais.

Podemos considerar percursos fundados sobre materiais lexicais ou textuais (por exemplo, a retomada ou as transformações de uma mesma fórmula em uma série de textos, ou ainda as diversas recontextualizações de um “mesmo texto”). É assim que um trabalho foi desenvolvido sob a fórmula “depuração étnica” (Krieg-Planque, 2003); tratava-se, antes de tudo, de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa (p. 23).

Adiante, traçaremos um percurso da unidade lexical “apocalipse”. O referencial teórico apresentado acima tem a função de nortear a construção de nosso percurso, que deve ir além de um mero capricho dos pesquisadores; seguimos o conjunto de princípios e técnicas que regulam esse tipo de atividade (*cf.* MAINGUENEAU, 2008b, p. 24). Nosso *corpus* é constituído por textos de vários gêneros (notícias, editoriais, charges, tirinhas, propagandas, fotografias etc.) publicados na mídia impressa (jornais, revistas) e em suas versões online. Ele foi organizado a partir das ocorrências de “apocalipse”, com ajuda, num primeiro momento, de ferramentas virtuais de busca, o que nos permitiu chegar até as publicações em que a unidade lexical aparece. Numa segunda etapa, foi feita uma pré-seleção de todo o material coletado e um recorte temporal com o intuito de delimitar um *corpus* à pesquisa: de 2012 a 2018. Justificamos nossa escolha de recorte devido a grande mobilização da temática “fim do mundo” que ocorreu no ano de 2012. Essa mobilização aconteceu por causa de uma profecia feita pelos Maias que dizia que o fim da raça humana aconteceria neste ano. Para finalizar nosso recorte, escolhemos o ano de 2018. Alguns eventos desse ano (como a greve dos caminhoneiros no Brasil, a crise no abastecimento de combustível e suprimentos alimentícios etc.) fizeram com que alguns o associassem ao fim do mundo.

O *Google Trends*, criado em 2006, é uma ferramenta gratuita, vinculada ao *website* de pesquisa com maior abrangência da atualidade no Brasil, que permite acompanhar a evolução do número de buscas por uma determinada palavra-chave ou tópico ao longo de determinado momento. Ao pesquisar por uma palavra, a ferramenta exibe um gráfico em que o eixo horizontal representa o tempo, e o vertical, o volume de buscas nesse determinado tempo. É possível refinar a pesquisa por critérios de país, tempo (buscas realizadas nas últimas dez horas, por exemplo), categoria (artes e entretenimento, finanças, jogos etc.) e tipo de busca (por imagens, notícias, compras, vídeos ou, simplesmente, o “*web search*”, que é a pesquisa clássica do *Google*). Os resultados do *Trends* são uma parte coletada dos resultados totais do *Google*. O buscador digital coleta os dados, os categoriza, conecta a um tópico e remove informações pessoais.

Usamos esse mecanismo de busca digital para determinar a primazia de “apocalipse” (aproximadamente onze milhões e duzentas mil ocorrências) sobre suas possíveis variantes “juízo final” (um milhão quinhentos e trinta mil) e “armagedom” (quatrocentos e oito mil). O uso do *Trends* também nos possibilitou delimitar o recorte temporal do *corpus* e observar o aumento do uso de “apocalipse” em um *corpus* estável.



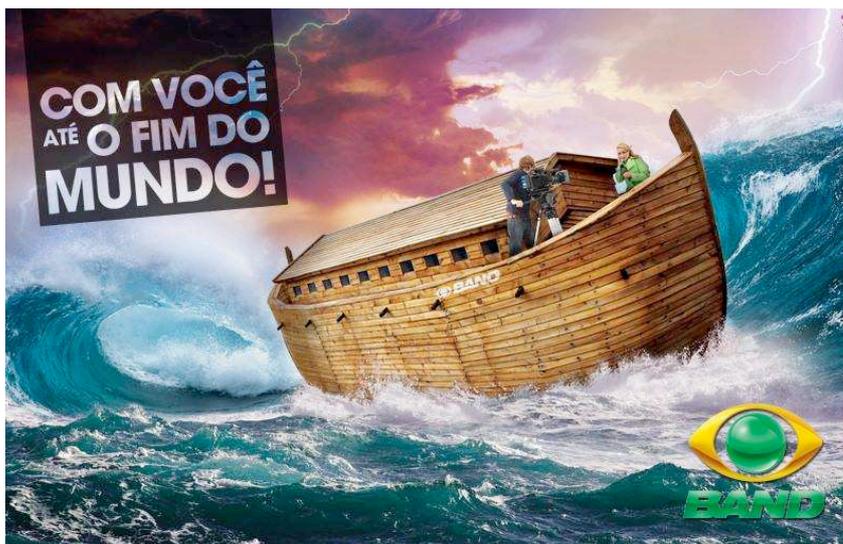
**Figura 1.** *Google Trends*, pesquisa de reformulações concorrentes (mar/2015)

Encontramos “apocalipse” e suas reformulações emergindo em diversos campos discursivos, abaixo explicitaremos algumas dessas ocorrências. Nesse momento, além de uma apresentação inicial do *corpus*, interessa-nos analisar os sentidos mobilizados a partir do discurso sobre o fim do mundo e traçar o percurso de “apocalipse” que sai de seu campo discursivo de origem, o religioso, e emerge em diferentes campos.

Começamos apresentando alguns dados, que ocorreram no campo publicitário e humorístico, relacionados ao Apocalipse maia. Mais adiante, apresentamos outras ocorrências nos campos das artes, filosófico e jornalístico. O início de nosso percurso que apresentamos agora foi feito de uma maneira segmentada. Nos tópicos subsequentes, todavia, o percurso da unidade lexical foi ressaltado de forma menos seccionada. Nos tópicos seguintes, também há dados que se enquadram em diversos campos discursivos, porém nesses tópicos não separamos as ocorrências por critérios de lugar de emergência. Para demonstrar como “apocalipse” emerge nos mais variados tipos de discursos e que seus lugares de emergência são diversos, neste capítulo escolhemos realçar em qual campo a unidade lexical e suas reformulações ocorrem. O objetivo de fazer essa segmentação em um primeiro momento é mostrar, de maneira mais explícita, que “apocalipse” sai de seu campo discursivo de origem atendendo ao critério que as fórmulas discursivas possuem de circular por diversos campos.

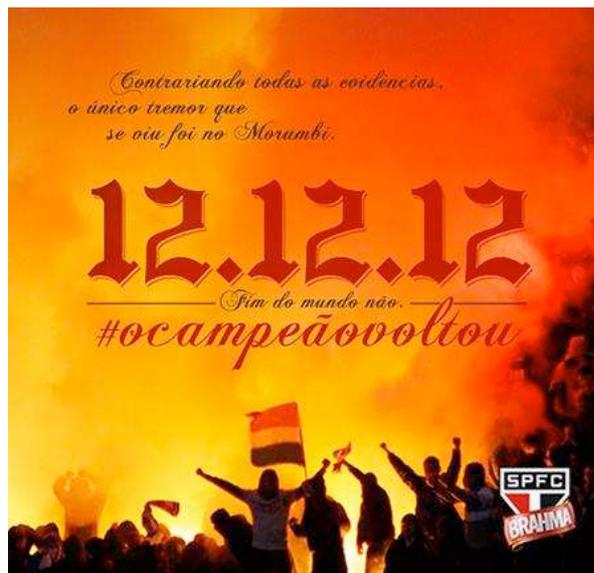
### 2.2.1 Campo publicitário

Localizamos, no campo publicitário, inúmeras referências ao fim do mundo, como na Figura 2. Em 2012, a rede de televisão brasileira Bandeirantes fez circular uma propaganda que evoca certa memória compartilhada retomando a história bíblica do dilúvio.



**Figura 2.** Band, “Com você até o fim do mundo!” (dez/2012)

A compreensão da imagem se dá no entremeio do que é imagético e do que é linguístico. Dá-se também através de uma memória, após juntar a imagem com o enunciado contido nela podemos entender que se trata do dilúvio bíblico. O que é interessante, pois Noé não tem muito que ver com o Apocalipse. Há uma mescla de dois acontecimentos bíblicos na imagem: o Apocalipse e o dilúvio. O mar agitado e o céu cheio de trovões são o pano de fundo. Nele, um grande barco feito de madeira (o que remete à imagem que se tem popularmente da arca de Noé) navega por esse mar tempestuoso. Em sua proa estão duas pessoas que corroboram o enunciado “Com você até o fim do mundo!” na imagem: um cinegrafista e uma jornalista, que a despeito do que se passa, seguem exercendo suas funções, isto é, a apuração de notícias e a distribuição delas que, em tese, são de interesse coletivo. O enunciado juntamente com a imagem faz alusão ao engajamento com o qual é produzido jornalismo nessa emissora de televisão.



**Figura 3.** Brahma, “Fim do mundo não. O campeão voltou”<sup>26</sup>

Ainda no campo publicitário, o time de futebol brasileiro São Paulo Futebol Clube, ao ser campeão da Copa Sul-americana de 2012, recebeu como forma de homenagem uma propaganda da marca de cerveja Brahma. Essa propaganda se refere ao Apocalipse Maia. Vemos nela uma torcida, com bandeiras do clube, uma fumaça que aparenta ser oriunda de sinalizadores comumente usados em estádios de futebol e, abaixo, no canto direito, o escudo do clube envolto pelo logo da marca de cerveja patrocinadora. O que nos faz entender que a imagem tem relação com o fim do mundo é uma breve análise de suas condições de produção. No ano de 2012, houve uma grande mobilização referente à questão do fim do mundo. Segundo algumas instituições e alguns indivíduos, a profecia maia dizia que o mundo iria acabar em 21 de dezembro de 2012. Tal crença surgiu pelo fato de o calendário maia acabar no mês de dezembro desse ano.

A data ilustrada em fonte garrafal e os enunciados expostos na imagem permitem-nos relacioná-la com o apocalipse dos maias; “Contrariando todas as evidências, o único tremor que se viu foi no Morumbi” (bairro paulistano onde está localizado o estádio do time). A *hashtag*<sup>27</sup> fecha o movimento de sentidos que acontece na imagem; “#ocampeãovoltou” em 12 de dezembro do ano de 2012. Os produtores da imagem desconsideravam o possível acontecimento antes mesmo que a data profética maia tivesse chegado. Deixamos por último

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://inteligencia.com.br/brahma-faz-homenagem-ao-sao-paulo-o-campeao-voltou>> Acesso em Mar. 2015.

<sup>27</sup> O termo se refere a uma palavra-chave antecedida pela cerquilha (#). É usado geralmente para identificar o tema do conteúdo relacionado nas postagens em redes sociais. As *hashtags* surgiram no *Twitter* e, posteriormente, se disseminaram para outras mídias sociais da atualidade.

um enunciado da imagem que merece uma análise separada, pois remete a uma questão que trataremos no capítulo seguinte. Em “Fim do mundo não”, em letras pequenas, entre a data e a *hashtag*, podemos considerar que a possível fórmula discursiva teve o seu referente negado. Destacamos isso como relevante, uma vez que a negação do referente, ou seja, uma negação do seu valor *de re*, é um indício (entre outros) de que uma unidade lexical está atingindo o estatuto formulaico.

### 2.2.2 Campo humorístico

A Figura 2, por meio de uma “visão” propositadamente rebaixada do invento do calendário maia, constrói seu sentido a partir do humor.



Figura 4. Cotidiano, “Os Maias e 2012”<sup>28</sup>

Para os “autores” do calendário maia, não havia intenção de prever o final dos tempos, mas apenas uma questão empírica relacionada ao tamanho da pedra em que se esculpia o calendário: não dispunham de mais espaço, então o calendário acabava em 2012. Durante a composição do calendário, um dos nativos maias diz: “Rá! Isso vai fazer um pessoal surtar algum dia”, produzindo o efeito irônico das charges, tendo em vista todo o alarde que se fez em torno do chamado apocalipse maia.

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://www.costaricaemfoco.com.br/charge/index.html?Charge\\_page=6](http://www.costaricaemfoco.com.br/charge/index.html?Charge_page=6)> Acesso em Mar. 2015.

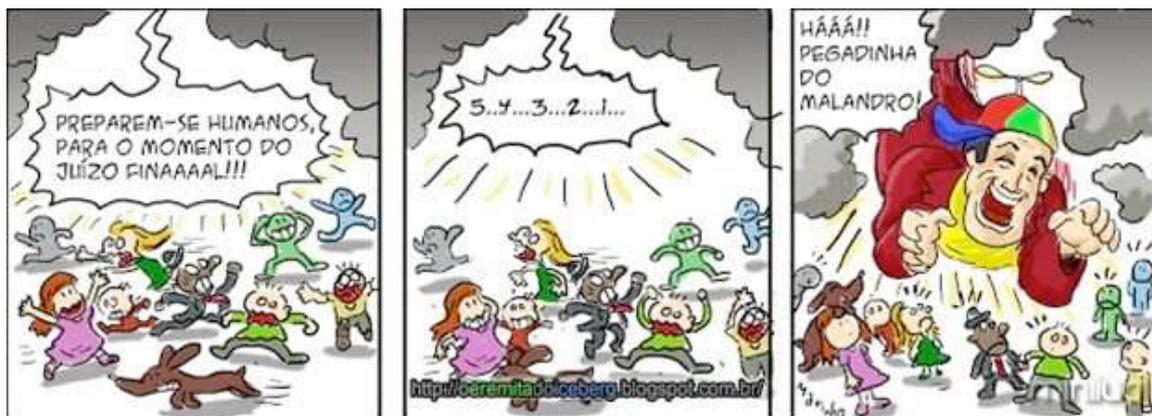


Figura 5. O eremita do Iceberg, edição “Fim do mundo”<sup>29</sup>

Ainda no campo do humor (“é um campo?”<sup>30</sup>), algumas tiras retratam o fim do mundo com um efeito cômico. Tipicamente, as tiras são compostas por quadros que representam uma progressão relativa a uma determinada situação ou um ocorrido. A tira que analisaremos é composta por três quadros. Antes de elencar os elementos presentes na tira, destacamos o espaço em que ela é constituída: os elementos da tira são representados em um fundo branco, acima, nesse fundo, e em todos os quadros, há um céu cheio de nuvens carregadas e escuras como numa tempestade.

Num primeiro momento, a forma do posicionamento dos balões em que os enunciados estão inseridos nos permite inferir que quem pronuncia esses enunciados o faz do meio dessas nuvens, de cima. Ainda sobre esses balões, os riscos feitos em volta deles apontam a altura e a dimensão da voz que enuncia. A voz vir de cima, os riscos que saem dos balões, a reação dos indivíduos que recebem a mensagem e o primeiro enunciado, propriamente dito, nos permitem, por meio de uma *memória discursiva*<sup>31</sup>, fazer uma segunda suposição: o enunciador é uma divindade, um ser maior que agora está pronto para julgar os humanos. Até aqui os elementos que temos na tira são inúmeras pessoas (e um cachorro) que representam a raça humana como um todo. No primeiro quadro, a mensagem que os adverte a se preparem para o Juízo Final os atordoa em demasia. Pode-se afirmar isso por suas expressões faciais,

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://oeremitaodoiceberg.blogspot.com.br/2012o-eremita-do-iceberg-edicao-de-fim-do.html>> Acesso em Mar. 2015.

<sup>30</sup> Sobre o humor como campo, ver Possenti (2010).

<sup>31</sup> É a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscorso de uma formação discursiva, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas. Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe o enunciado inscrito na história. [...] Enunciar é se situar sempre em relação a um já-dito que se constitui no Outro do discurso. Em outros termos, na medida em que cronologicamente é o discurso segundo que se constitui através do primeiro, parece, com efeito, lógico pensar que este discurso primeiro é o Outro do discurso segundo, não sendo possível o inverso (BRANDÃO, 1995, p. 40).

mãos na cabeça e pela correria de alguns. Já no segundo quadro, o que se vê, além de seus semblantes compungidos, é a paralisação de todos frente à contagem regressiva que a suposta divindade faz.

Como ocorre usualmente nas tiras, é no último quadro da sequência que está o *gatilho* que permite passar de um *script* para outro<sup>32</sup>, o que resulta na produção do riso. No terceiro quadro, nota-se, devido à expressão facial dos indivíduos que, agora, aparentam estar confundidos, que as expectativas quanto ao fim do mundo que foram criadas até o momento são frustradas após a introdução de um novo elemento na tira. A voz estrondosa, agora revelada, não era a voz de uma divindade, mas, sim, a voz de Sérgio Malandro, um humorista brasileiro. O novo elemento, nesse último quadro, sai das nuvens e enuncia a famosa frase proferida pelo humorista: “Hááá!! Pegadinha do Malandro”. Nos dois primeiros quadros, havia um *script* relacionado a um evento popularmente difundido: o fim do mundo. O leitor (se desconhecer o teor humorístico das tiras) é levado a imaginar todos os aspectos que remetem ao fim do mundo para dar fim à sequência: destruição, catástrofes etc. Entretanto, no último quadro, há a quebra de *script*, surge uma oposição. Surge, no lugar de uma divindade, um humorista e o que era esperado para o final da sequência é alterado. O gatilho, ou seja, o elemento surpresa que ocasiona o riso, a figura que desencadeia o humor, está em todo esse movimento; especificamente, é a figura do humorista que permite mudar de uma interpretação, supostamente, séria, para uma humorística.

Segundo a tese de Raskin (1987), os gatilhos para o humor não são sempre linguísticos. Essa afirmação é exemplificada em nossa tira; nela, a compreensão da troca de *scripts* não se dá apenas pelo enunciado final. Há também um conjunto de fatores que entram na produção de sentido e permitem a compreensão da tira – como as inferências (se não se construísse o *script* no qual um deus é o enunciador, não haveria oposição entre os *scripts*), os saberes partilhados (pode-se identificar que o último elemento da tira é o Sérgio Malandro; sabe-se – uma vez que se ouvia com frequência – que o último enunciado é frequentemente proferido por ele, etc.), a cultura, ideologia etc.

---

<sup>32</sup> Raskin (1987) critica a linguística por não colaborar suficientemente para a análise de textos de humor e propõe, então, uma teoria semântico-contextual baseada em *scripts*. Segundo o autor, uma caracterização do chiste, em termos semânticos, teria os seguintes ingredientes: i) uma mudança do modo *bona-fide* de comunicação para o não *bona-fide*; ii) o texto chistoso (uma piada, por exemplo); iii) dois *scripts* (parcialmente) superpostos compatíveis com o texto; iv) uma relação de oposição entre os dois *scripts*; e v) um gatilho, claro ou implícito, que possibilita passar de um *script* para outro.

## 2.2.4 Campo das artes

A exposição “Contagem Regressiva”, criada pelos artistas plásticos Andréia Reis, Carolina Caliento e Sesper, propõe a reflexão sobre a vida e sobre o possível fim do planeta. A proposta, motivada pela profecia maia, é abordar do que o ser humano sentiria falta se o mundo de fato acabasse em dezembro de 2012.



**Figura 6.** G1, “Exposição ‘espera’ o fim do mundo no Sesc São José dos Campos”<sup>33</sup>

A exposição apresentava diversas obras que retratavam a passagem do tempo e como a ação do homem foi prejudicial ao planeta. Para refletir sobre o resultado dessa ação, a exposição apresentava pinturas de cenários e situações que demonstravam as possibilidades de fim do mundo. Cada artista mostrava sua perspectiva por meio de suas obras. A exposição faz parte do projeto “Daqui para o fim do mundo”, que, além da exposição, também expôs palestras sobre o comportamento e reflexão da raça humana. O Sesc de São José também realiza a intervenção arte mídia “Do Fim”, que trata as inquietações “Antes de Morrer eu Quero...” e “Depois do Fim do Mundo eu Vou...”. Toda essa mobilização que é feita em torno do tema “fim do mundo” é um indicativo do grande interesse e os inúmeros questionamentos do corpo social a respeito da questão.

Ainda no campo das artes, outros exemplos da circulação da unidade lexical são os seguintes poemas:

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/11/exposicao-espera-o-fim-do-mundo-no-sesc-sao-jose-dos-campos.html>> Acesso em Mar. 2015.

<p><b>Marginália II (1968)</b> Gilberto Gil</p> <p>Eu brasileiro confesso Minha culpa, meu pecado Meu sonho desesperado Meu bem guardado segredo Minha aflição</p> <p>Eu brasileiro confesso Minha culpa, meu degrado Pão seco de cada dia Tropical melancolia Negra solidão</p> <p>Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo</p> <p>Aqui o terceiro mundo Pede a benção e vai dormir Entre cascas das palmeiras, araças e bananeiras Ao canto da juriti Aqui meu pânico e glória Aqui meu laço e cadeia Conheço bem minha história Começa na lua cheia E termina antes do fim</p> <p>Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo</p> <p>Minha terra tem palmeiras onde sopra o vento forte Da fome, do medo e muito Principalmente da morte Oiê, lê Lá, lá A bomba explode lá fora Agora o que vou temer Oh, sim, nós temos banana Até pra dar e vender Oiê, lê Lá, lá</p> <p>Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo</p>	<p><b>APOCALIPSE (2007)</b> Euclides Cavaco</p> <p>Terminou o século vinte Com o Mundo em confusão E entrámos no seguinte Com a mesma apreensão.</p> <p>Há na terra assaz mudança Como jamais fora assim Parece que o mundo avança P'ro seu profético fim !...</p> <p>Há crimes por toda a Terra Há violência e terror Nunca houve tanta guerra E nem tanto malfeitor...</p> <p>Mesmo a própria Natureza Parece estar revoltada Actuando com estranheza E mal sincronizada !...</p> <p>Há maremotos e sismos E chuvas torrenciais Furacões e cataclismos São do fim, crentes sinais !...</p> <p>O Apocalipse está A cumprir as profecias Avisos com que nos dá Um sinal do fim dos dias !...</p>	<p><b>Apocalipse (1985)</b> Mário Quintana</p> <p>E eis que veio uma peste e acabou com todos os homens.</p> <p>Mas em compensação ficaram as bibliotecas.</p> <p>E nelas estava escrito o nome de todas as coisas.</p> <p>Mas as coisas podiam chamar- se agora como bem quisessem.</p> <p>E então o Pão de Açúcar se declarou Mancenilha.</p> <p>E o hipopótamo só atendia por tico-tico.</p> <p>E houve por tudo um grande espreguiçamento de alívio.</p> <p>E Nosso Senhor ficou para sempre livre da terrível campanha dos comunistas.</p> <p>E das apologéticas de Tristão de Athayde.</p>
--	--	--

Os três poemas versam sobre a inquietação do homem a respeito do fim. No capítulo três, apresentaremos algumas possíveis causas elencadas por cientistas e por religiosos para o fim do mundo. Uma das polêmicas que o tema envolve encontra-se no âmbito “Religião x Ciência”. Os religiosos creem que a Terra já estava desde o princípio destinada ao fim, e que esse fim se deve a um conflito cósmico que aconteceu no início de tudo. Por outro lado, os cientistas acreditam que o fim do nosso planeta acontecerá devido à ação do homem nele. Apesar de tratarmos dessa questão apenas no capítulo seguinte, a ressaltamos agora, pois nos poemas citados podemos identificar alguns exemplos do que foi exposto.

Um enunciado destacado no poema de Gilberto Gil (“Minha terra tem palmeiras onde sopra o vento forte da fome, do medo e muito principalmente da morte [...] a bomba explode lá fora), juntamente com a terceira estrofe do segundo poema (“Há crimes por toda a Terra, há violência e terror, nunca houve tanta guerra e nem tanto malfeitor”) e a primeira estrofe de Mário Quintana (“E eis que veio uma peste e acabou com todos os homens”) exemplificam a visão que veicula a crença do fim do mundo como resultante da ação humana, isto é, desigualdade social, bombas atômicas, crimes, violências, pandemias etc.

Realçamos o poema de Cavaco, pois também exemplifica uma visão de fim do mundo mais próxima da do campo científico. Ao correlacionar a ação da natureza que “parece estar revoltada actuando com estranheza e mal sincronizada” ao cumprimento das profecias apocalípticas, o autor faz circular as ideias mais relacionadas ao posicionamento científico.

Como se pôde ver até aqui, a ideia de fim do mundo é também mobilizada no campo das artes. Nele, a ideia ganha novas roupagens, é reescrita, reformulada etc. Diversas produções cinematográficas também retratam alguma espécie de apocalipse. Em produções como *Armageddon* (1998) – Michael Bay, *O Dia Depois de Amanhã* (2004) – Roland Emmerich e *Sunchine - Alerta Solar* (2007) – Danny Boyle, a forma como é dado o fim do mundo se aproxima mais da clássica; ou seja, o mundo acaba por razões naturais: catástrofes climáticas, terremotos, meteoros, chuvas de fogo, de gelo etc. Entretanto, existem outras produções que, de certa maneira, conferem mais participação à raça humana. Em *Wall-E* (2008) – Andrew Stanton, por exemplo, encontramos a narrativa do último robô existente na Terra. Num planeta abandonado pelos humanos, pois não tinha condições de abrigá-los, o robô tem a missão de tentar amenizar os malefícios causados pelos humanos ao planeta. Nessa obra, o fim do mundo aconteceu porque, devido à atividade humana, o planeta não mais proporcionava as condições necessárias para a subsistência da vida.

Como veremos na segunda parte desse capítulo, outra perspectiva de fim do mundo é a que diz que um tipo de inteligência similar à humana, mas exibida por mecanismos ou software, destruirá o mundo. Em *Matrix* (1999) – Lana Wachowski e Lilly Wachowski, após uma guerra das máquinas contra os humanos, uma realidade virtual foi construída para simular o mundo no final do século XX. Criada por Inteligência Artificial, essa realidade foi desenvolvida para manter as mentes de cada humano sobrevivente sob controle, enquanto os corpos desses servem como fontes de energia orgânica. Existem também outras produções que retratam a causa do fim do mundo como uma grande epidemia, invasão alienígena ou um apocalipse zumbi<sup>34</sup> – como em *Contágio* (2011) – Steven Soderbergh, *Independence Day* (1996) – Roland Emmerich e *The Walking Dead* (2003-2019) – Robert Kirkman.

A grande mobilização a respeito do fim do mundo que é feita no campo das artes, a grande procura dos indivíduos por obras que circulam nele e as discussões sobre elas e, portanto, sobre a temática, atestam, em parte, a grande circulação da unidade lexical no corpo social devido aos acontecimentos ou diferentes discursos que a utilizam de formas diversas; o que também atesta a dimensão discursiva da unidade lexical. Retomaremos essa questão no terceiro capítulo ao analisarmos algumas outras obras produzidas nesse campo.

### 2.2.3 Campo filosófico

No campo filosófico, Zizek (2012) defende que estamos em negação acerca de quase tudo, desde a aproximação de catástrofe climática à biogenética e cisões sociais. O capitalismo global está se aproximando rapidamente da sua crise final. Para o filósofo, há várias pontos chave dessa crise apocalíptica (meio ambiente, economia, desequilíbrio social e biogenética) e esses pontos são retratados como representando os quatro cavaleiros deste apocalipse. Salientamos aqui que o apocalipse apresentado por Zizek em sua obra não é resultado da desobediência humana a uma divindade (como o do *Avesta* ou o da *Bíblia*). É algo resultante dos próprios atos da raça humana (talvez isso seja uma consequência da

---

<sup>34</sup> Um zumbi é uma criatura cujo estereótipo se define como um cadáver reanimado que vive a perambular e a agir de forma estranha e instintiva; um morto-vivo. Um apocalipse zumbi corresponde à ideia de que o mundo acabará devido a uma infestação dessas criaturas em escala catastrófica, levando a sociedade a um colapso. O surgimento dessas criaturas, geralmente, se dá por um vírus; a proliferação dos zumbis acontece quando um indivíduo não infectado entra em contato com esse vírus, seja por simples mutação genética ou pelo contato com indivíduos infectados (mordidas, arranhões etc.). Tais criaturas, hostis à vida humana, atacariam a civilização em proporções esmagadoras, impossíveis de serem controladas por forças militares, mesmo com os recursos atuais à disposição.

modernidade, como veremos abaixo). O fim do mundo, para ele, se dá, em sua maior parte, devido ao fim de um sistema econômico e é agravado pela ação da humanidade em áreas primordiais na contemporaneidade.

#### 2.2.4 Campo jornalístico



Figura 6. Revista “Fim do Mundo”<sup>35</sup>

A figura 6 refere-se a um caso interessante: o fato de ser lançada, no primeiro semestre de 2015, uma revista inteiramente dedicada a essa temática. Chama-se “Fim do Mundo” e não se trata de um número especial, mas de uma linha editorial cujo primeiro exemplar é este que apresentamos. Na capa, três imagens representam três teorias comuns para explicar o fim do mundo: catástrofes naturais, riscos biológicos e guerras. Além do título da revista, redigido em letras proporcionalmente grandes ao resto do texto, um interrogação comum vale ser realçada: “A hora está chegando?” Essa oração interrogativa, juntamente com “Outra vez, a humanidade teme a autodestruição” (para se referir apenas à “guerra nuclear”), evidencia a recorrência com que a temática do fim do mundo é abordada no espaço social.

<sup>35</sup> Acervo pessoal (editor-chefe: Viviane Campos; redator: Marcelo Ricciardi; editora: Alto Astral).

Outro enunciado que realçamos está na parte superior, à direita: “Quais são as reais ameaças que podem por fim à civilização?”. O enunciado que remete ao polêmico da questão permite duas inferências: há ameaças que podem destruir a civilização humana; e há ameaças que não são reais. As ideias de fim do mundo são amplamente abordadas no campo jornalístico. Pelas mais diversas razões – quer seja a investigação de um acontecimento, a apuração de um fato, a transmissão de uma notícia ou, até mesmo, a mera busca por cliques – inúmeros veículos comunicacionais falam a respeito da questão. Da revista apresentada acima, uma análise breve dos pressupostos dos seus enunciados já delineia que a discussão se dá a partir de posicionamentos controversos, que instauram a polêmica: haveria um conteúdo verdadeiro assim como haveria a veiculação de mentiras nas notícias que envolvem o fim do mundo. Abordaremos a fundo esses conceitos ao falar da polemicidade que é constituinte das fórmulas discursivas.

## **2.3 Considerações sobre o Apocalipse**

### **2.3.1 Passado: o Apocalipse e a morte**

A questão “fim do mundo” tem sido amplamente abordada no espaço social. De tempos em tempos, irrompem com frequência novas previsões do Apocalipse. Embora, como se pode perceber, nenhuma previsão tenha se concretizado, cada vez mais recorrente fica a ideia do fim da existência da raça humana. É deveras importante que tratemos dos reflexos que o Apocalipse produz no âmbito social. Ao enxergar o fim do mundo através de uma perspectiva sociológica, talvez outros aspectos sobre o tema sejam apontados. A princípio, analisaremos a frequência da menção de datas apocalípticas nos últimos anos e a razão da sua grande aceitação por parte de determinados grupos.

Muitas culturas e religiões têm entre seus temas a questão do fim do mundo. No Cristianismo, este período é conhecido como Apocalipse, no Islamismo como *Yawmad-Din* (“Dia do Juízo Final”), no Hinduísmo como *Kali Yuga*, na mitologia nórdica como *Ragnarok* etc. Intrínseca à ideia de fim do mundo, pode-se observar que na maioria das vezes, está a ideia de sinais. Tais sinais são de ordem política, econômica, natural, cultural ou social. Esses

sinais têm contribuído pra validação (até certo ponto) dessa ideia, chamando a atenção de grandes comunidades para o fim do mundo.

Dilúvios, tempestades, erupções vulcânicas, chuvas de fogo e enxofre: o medo do fim do mundo está presente, e toma forma de diversas maneiras, desde o começo da humanidade. De acordo com o historiador Sergent (2012), “antes do monoteísmo, as civilizações temiam que os ciclos naturais acabassem um dia. Muitos ritos estavam associados a este medo” (p. 81). Segundo o autor, o medo de que elementos essenciais à vida humana se findassem impulsionava os povos a recorrer ao místico, cultuando seu(s) deus(es), fazendo sacrifícios etc.

Os astecas consideravam que a cada 52 anos o sol desapareceria e, por isso, faziam sacrifícios humanos para garantir seu renascimento; os sumérios acreditavam que o mundo seria coberto por água para sempre; na África ocidental, o mito mais generalizado era o da abóbora gigante que sucessivamente devorava aldeias até devorar a Terra inteira; o mito do fogo universal existia na Grécia, na Escandinávia, na Índia e nas culturas pré-hispânicas; com as religiões monoteístas, prosperam os profetas do Apocalipse; na Idade Média, a chegada do ano mil provocou pânico. Uma Europa arrasada pela peste e pela fome era indício suficiente de que o mundo iria acabar (*cf.* SERGENT, 2012). Assim como no passado, esse medo, descrito pelo autor, de alguma maneira, se perpetua na humanidade e se materializa em susceptíveis datas apocalípticas – 1978 (Jim Jones), 2000 (Nostradamus e o *bug Y2K*), 2012 (apocalipse maia), 2018 (planeta Nibiru/X)<sup>36</sup>, etc. – como veremos mais abaixo.

Na atualidade, esse medo ainda se faz presente. A redução das fronteiras geográficas deve muito à globalização. O que anteriormente era produzido (a título de notícias, reportagens, informação etc.) em um espaço grande de tempo, hoje é produzido em um curto período. No último milênio, o surgimento de novas datas apocalípticas tornou-se mais recorrente. Alguns pensadores assumem que tal fenômeno é resultado de alguns acontecimentos que corroboram esta tendência, como, por exemplo, a simbologia da mudança de ciclo astral, o ingresso em um novo milênio etc.

---

<sup>36</sup> O escritor (e, aparentemente, profeta) norte-americano David Meade previu várias vezes a colisão da Terra com o sistema planetário mitológico conhecido como Planeta X. Esse apocalipse – que já fora reagendado do dia 23 de setembro para 15 de outubro – estava marcado para 23 de abril de 2018. A história é parecida com os casos anteriores. Desta vez, ao invés de códigos numéricos secretos, Meade afirma que os escritos de uma passagem bíblica (Apocalipse 12, 1 e 2) representam o início de uma série de desastres na Terra. O agente da destruição seria, novamente, o Planeta X (às vezes mencionado como Nibiru) – sistema planetário que a NASA, por diversas vezes, afirmou não conhecer.

De acordo com o sociólogo e antropólogo Morin (1988), essa recorrência de datas apocalípticas se deve ao fato de o homem ter amplo interesse na temática da morte e porque, de certa maneira, essas profecias apocalípticas sempre estão atreladas a algum tipo de redenção, de remissão.

Por mais diferentes que tenham sido as religiões de mistérios nas diversas épocas e entre os diversos povos, encontra-se nelas, apesar de tudo, uma preocupação fundamental comum: o problema da morte [...] Todas [essas profecias] trouxeram aos homens uma mensagem: **a da vitória da vida sobre a morte** (p. 186 – *grifo nosso*).

O autor reitera que a mortalidade é um dos aspectos mais essenciais da existência humana; “é impossível estudar o homem sem estudar a morte, porque mais do que na vida é na morte em que ele se revela. A morte é o traço mais humano, mais cultural do *antrophos*” (*ibid.*, p. 327). De fato, esse é um dos temas que naturalmente mais capta a atenção da humanidade, ainda mais quando há uma data que prenuncia um final próximo.

Independentemente de o deus da salvação ser masculino ou feminino, animal ou humano, extraterrestre ou terrestre, o tema fundamental, o próprio drama do mistério, conserva-se idêntico: é a luta contra a morte. Luta terrível em que as forças da morte conseguem sempre a primeira vitória (morte de Osíris, de Perséfone, de Serápis, de Orfeu, de Jesus), mas a vitória inverte-se e transforma-se em **vitória sobre a morte**. [...] o deus de salvação renascerá e provará que a morte mais horrível, mais desintegrante, pode ser vencida. Vitória inolvidável que jorra sobre os humanos. Que os homens imitem o deus que morre, participem de sua paixão, se lhe confiarem no decurso de cerimônias de mistério em que o drama divino seja representado e vivido. **Então conhecerão, para além da morte, a juventude eterna, o corpo glorioso e imperecível, a verdadeira imortalidade** (*ibid.*, p. 188 – *grifo nosso*).

De maneira convergente aos postulados de Morin (1988), o físico e astrônomo Gleiser (2001) explica que o ser humano passa seu tempo de vida tentando produzir algum tipo de legado, quer seja uma família, obras de arte, alguma teoria etc. No entanto, a morte, indiferente às suas criações e paixões, continua a causar-lhe desespero. Segundo o autor, para aliviar o medo da morte e da dor de perder uma pessoa amada, as religiões transformam o fim da vida humana em um evento que vai além da capacidade de um corpo continuar a exercer funções fisiológicas.

Algumas (religiões) designam a vida e a morte como **etapas igualmente importantes de um eterno ciclo de existência**, enquanto outras **prometem a vida eterna no Paraíso** para aqueles que seguirem seus preceitos. Em geral, a transição entre a morte e a eternidade é marcada por eventos

extremamente dramáticos, cataclismos de produções horrendas, que balançam a própria estrutura da Terra e dos céus [...] Na maioria dos casos, essas religiões forjaram **uma profunda relação entre o fim do tempo** – quando Deus (ou os deuses) irá determinar o destino de cada um de nós por toda a eternidade – **e a destruição da ordem cósmica** (p. 10 – *grifo nosso*).

Em seu sentido filosófico, a morte sempre é entendida ou discutida como a finitude ou cessação da existência humana. Para o homem, esse mistério de sua existência acompanha o seu cotidiano e atrela-se aos seus aspectos mais comuns. Uma das questões fundamentais para a filosofia é: “para onde vamos?”. Entende-se o advérbio da oração não como remetendo a um lugar físico ao qual o ser humano irá após um possível fim (salvo nas obras<sup>37</sup> que são reflexos do período em que viveram alguns filósofos – como Santo Agostinho, Tomás de Aquino, etc.), mas como “qual será o fim da raça humana?”.

A tradição filosófica é repleta de teorias e ensinamentos sobre a morte; para Platão (1921[370]), a inquietude que invoca a reflexão filosófica é a morte; para Schopenhauer (2000[1844]), a morte é propriamente o gênio inspirador, a musa da filosofia; para Heidegger (2005[1927]), a morte é uma possibilidade que se projeta intrinsecamente no homem, ela é uma condição irreversível e intransferível. Schopenhauer (2000[1844]) atribui essa disposição à própria consciência humana, àquilo que distingue os homens do animal; este goza do “caráter imperecível da espécie”, só se conhece como infinito, mas no indivíduo humano surge, em contrapartida, com o desenvolvimento da razão e da função intelectual, a certeza assustadora da morte. O autor segue para o ponto que, para nós, é nevrálgico em relação à ligação da morte com as profecias escatológicas.

[...] como na natureza, a todo mal sempre é dado um remédio ou, a menos, uma compensação, então a mesma reflexão que originou o conhecimento da morte, ajuda também nas **concepções metafísicas consoladoras**, das quais o animal não necessita, nem é capaz. Sobretudo para esse fim estão orientadas **todas as religiões e sistemas filosóficos, que são, portanto, antes de tudo, o antídoto da certeza da morte** (p. 59 – *grifo nosso*).

Retomamos aqui o pensamento de Morin (1988). Para o autor as profecias apocalípticas sempre estão ligadas à vitória sobre a morte, ao conhecimento da “juventude eterna”, “do corpo glorioso e imperecível” e “da verdadeira imortalidade” (p. 188). Todo esse arcabouço compensatório equivale às “concepções metafísicas consoladoras” de Schopenhauer (2000[1844]). Como mencionado acima, muitas religiões têm entre seus temas a questão do fim do mundo. Se se diz que há uma entidade todo-poderosa, que rege o

<sup>37</sup> e.g. AGOSTINHO, 2014[428] e DE AQUINO, 2010[1485].

Universo e tudo o que existe, e que até o fim do mundo está previsto em seus projetos, tira-se toda autonomia e, por conseguinte, toda possível reação aos percalços que o ser humano possa ter. Destarte, a assertiva de Gleiser (2001) de que “as religiões forjaram uma profunda relação entre o fim do tempo e a destruição da ordem cósmica” se faz efetivamente fidedigna. Dizer que a vida e a morte são “etapas igualmente importantes de um eterno ciclo de existência”, e ainda que após a morte o ser humano terá “a vida eterna no Paraíso” (obviamente, se um conjunto de normas for seguido), além de solucionar a grande indagação sobre a finitude do ser, auxilia, sobremaneira, no modo de se lidar (ou deixar de lidar) com os reveses, as calamidades e as desgraças enfrentadas na atualidade. Nesta etapa, podemos afirmar que, de fato, há um antídoto!

### **2.3.2 Presente e futuro: a modernização de um antigo temor**

Hoje, características que remetem à modernidade são vinculadas às profecias de fim do mundo. Assim como no passado, alguns fins se repetem: catástrofes climáticas, asteroides, etc., porém a modernidade desencadeou novas possibilidades de fim do mundo. Veremos abaixo algumas profecias apocalípticas recentes, e outras que estão por vir, que ilustram o pensamento dos autores que vimos na primeira parte desse tópico. Em todos os casos, a preocupação com a morte, de certa maneira, influencia(ou) na criação e na manutenção dessas crenças apocalípticas.

A crescente tensão armamentista entre os EUA, a China, a Rússia, a Coreia do Norte e outras nações que têm bombas atômicas ocupa as capas dos jornais do mundo inteiro. Recentemente, ameaças como a de atingir a Coreia do Norte “com fogo e fúria jamais vistos pelo mundo” fazem com que o sentimento de uma destruição iminente fique bem mais presente no imaginário coletivo corroborando, assim, a ideia do holocausto nuclear – isto é, a possibilidade da aniquilação quase completa da civilização humana por uma guerra nuclear. Em algumas notícias<sup>38</sup>, pode-se observar o temor generalizado de uma guerra nuclear que poderia custar muitas vidas.

Ainda sobre a questão nuclear, existe na Rússia, desde 1985, um equipamento chamado *Perimetr*, concebido para atacar automaticamente os países inimigos com armas

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.nytimes.com/north-korea-trump-kim-jong>>; <<https://g1.globo.com/mundo/ha-razao-para-temer-uma-guerra-nuclear>>; <<http://globo.com/coreia-do-norte-diz-que-vai-devastar-impiedosamente-os-eua>> Acesso em Abr. 2018.

atômicas no caso de um bombardeio massivo. O sistema funciona com mísseis balísticos, equipados com transmissores poderosos, capazes de enviar o sinal de disparo para diferentes ogivas nucleares localizadas no território russo. Diante de um eventual extermínio dos comandos militares, o sistema também dispõe de sensores projetados para medir a radiação do ambiente e ordenar o acionamento das armas. Por esse motivo, ele é conhecido como a “Mão Morta” e, até hoje, representa um perigo em potencial para o planeta. Essa afirmação pode ser exemplificada através da representação que é feita do *Perímetr* na mídia mundial.



**Figura 10.** Wired, “Inside the Apocalyptic Soviet Doomsday Machine”<sup>39</sup>

A imagem acima está vinculada a uma notícia de um site jornalístico chamado *Wired* que trata dos mais diversos temas, como negócios, cultura, transporte, ciência etc. Apesar de se tratar de uma nova maneira de destruição do mundo, o título da manchete, “Dentro da máquina soviética apocalíptica do dia do julgamento final”, redigido em letras maiúsculas e escuras, pretende chamar a atenção do leitor para um tema que é recorrente: o fim do mundo. Na Figura 10, que está vinculada à notícia no site jornalístico, podemos ver a representação da “Mão Morta”. A escolha da cor preta para o fundo da imagem pode ser explicada pela simbologia que é atribuída à cor. Esta é, geralmente, relacionada à escuridão, à tristeza, ao luto, ao sofrimento – representa, em grande parte do Ocidente, a morte. Exposto num fundo preto está o *Perímetr*; a “Mão Morta” está segurando um cogumelo atômico resultado dos resíduos de uma bomba com a matéria destruída. Este jato de matéria representa o poder nuclear que a “Mão” possui; e resultante dele, há, na figura, inúmeros crânios como se estivessem caindo da “Mão”. Popularmente difundida é a ideia da morte sendo representada

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.wired.com/2009/09/mf-deadhand/>> Acesso em Abr. 2018

por crânios, ou caveiras. Em diversas culturas, vemos essa representação sendo feita – como na mitologia grega, o deus dos mortos, Hades, sempre está rodeado por esqueletos ou na celebração mexicana do “Dia dos Mortos”, cujas personagens principais são caveiras (como “*La Catrina*”<sup>40</sup>). Assim como nessas culturas, os crânios na figura representam a morte, em especial, as mortes que aconteceriam se o aparato fosse utilizado.

A respeito de sua operacionalização, o *Perímetr* garante a capacidade de contra-atacar, mas não será disparado por qualquer motivo. A máquina foi projetada para ficar em *stand-by* até que um militar de alta-patente a ative durante uma crise. A partir daí, a “Mão Morta” começaria a monitorar uma rede de sensores de pressão sísmica, de radiação e de ar na busca de sinais de explosões nucleares. Antes de qualquer ataque de retaliação, o aparato tem que seguir alguns passos: determinar se nenhuma arma nuclear atingiu o solo soviético; verificar se ainda há algum elo de comunicação com a sala de guerra do Estado soviético; esperar que passe certo período de tempo – entre 15 minutos e uma hora – sem indicações de ataque e, se os passos anteriores forem respondidos positivamente, admitir que ainda há oficiais vivos, que podem coordenar o contra-ataque.

Se a comunicação com a sala do Estado soviético não funcionar, o Perímetro inferiria que o apocalipse havia chegado. Ele transferiria imediatamente a autoridade de lançamento para quem quer que estivesse operando o sistema naquele momento [...] Nesse ponto, a capacidade de **destruir o mundo** recairia sobre as mãos de qualquer pessoa presente no momento (*tradução e grifo nosso*)<sup>41</sup>.

Destacamos no excerto acima a associação feita entre o *Perímetr* e a questão do fim do mundo. Segundo os redatores, a máquina disponibiliza poder bélico para uma destruição em massa. Por motivos que vão desde a não obtenção de armas nucleares, a falta de interesse em si, é sabido que nem todos os países estão na premência de uma guerra nuclear. Todavia, afirmamos, com base em parâmetros como no *ethos* discursivo do texto, na seriedade do veículo ao qual está vinculada a notícia, no extenso levantamento histórico feito pelos redatores que resenham os embates passados entre os EUA e a Rússia, que “destruir o

---

<sup>40</sup> A história de *La Catrina* começa durante os governos de Benito Juárez, Sebastián Lerdo de Tejada e Porfirio Díaz. Nesses períodos, popularizaram-se textos escritos pela classe média que criticavam tanto a situação geral do país quanto a das classes privilegiadas. Os textos, redigidos de maneira cômica e acompanhados de desenhos de crânios e esqueletos, começaram a ser reproduzidos nos chamados jornais de combate. Eram crânios vestidos com roupas de gala, bebendo pulque, montados a cavalo, em festas da alta sociedade ou em um bairro. Tudo para retratar a miséria, os erros políticos e a hipocrisia de uma sociedade. A palavra “*catrín*” definia um homem elegante e bem vestido, acompanhado por alguma dama com as mesmas características; esse estilo era uma imagem clássica da aristocracia mexicana do final do século XIX e início do século XX. Ao vestir sua obra “*La Calavera Garbancera*” com esses trajes, Diego Rivera, um dos maiores pintores mexicanos, deu vida à “*La Catrina*”.

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://www.wired.com/2009/09/mf-deadhand/>> Acesso em Abr. 2018

mundo” não é uma hipérbole. Eles, de fato, creem que o *Perímetr* é dotado de poderio bélico suficiente para destruir o mundo.

Outro evento atrelado às profecias apocalípticas é o caso de Jim Jones. Até a queda do *World Trade Center*, em setembro de 2001, a maior tragédia envolvendo ações contra civis americanos aconteceu no meio da floresta amazônica, no território da Guiana. Em 1955, o Templo do Povo foi um novo movimento religioso fundado nos EUA por Jim Jones. Impressionado com a popularidade dos cultos, em seu primeiro contato com a Igreja Metodista, Jones planejou usá-los para a arrecadação de dinheiro. A partir desse momento, o aspirante a pregador começou a demonstrar interesse pela religiosidade e a coordenar grandes aglomerações religiosas. Ele era tido como um homem de bem, que estimava o bem social e apoiava a igualdade racial durante um período em que muitos americanos se opunham à integração.

O ano de 1967 foi marcante na vida de Jones. Não se sabe ao certo quando o interesse acerca da temática floresceu, contudo foi nesse ano que Jones começou suas pregações apocalípticas. O pregador, agora com titulação (conferida por ele mesmo) de reencarnação de Jesus, Buda, Alláh, Lenin e do faraó Aquenáton<sup>42</sup>, afirmava que o planeta seria destruído por uma guerra nuclear. Para salvar seus seguidores (e também para fugir dos EUA, visto que a seita havia chamado a atenção de um jornalista norte-americano que escrevera sobre os abusos físicos, psicológicos e sexuais sofridos pelos fiéis), Jones construiu, segundo ele, um paraíso na Terra. Em 1977, fundou um vilarejo no meio da Floresta Amazônica, na Guiana, chamado Jonestown. Ali, afastado de todos, reinou como um líder absoluto até novembro de 1978.

As indagações a respeito do fim perturbavam Jones constantemente. O pregador agora exigia que seus seguidores o chamassem de “o Pai” ou de “Papai<sup>43</sup>”. Um de seus filhos adotivos, Tim, fugiu de Jonestown após descobrir que era filho biológico de Jones, que havia estuprado uma de suas fiéis. Tim se uniu ao deputado norte-americano Leo Ryan e formou uma missão para investigar os casos de abuso em Jonestown.

Depois de muitas tentativas, o deputado finalmente conseguiu entrar em Jonestown. Durante sua visita, em 18 de novembro de 1978, um seguidor de Jones o esfaqueou, mas o deputado conseguiu escapar para um aeroporto improvisado. Lá, a Brigada Vermelha, braço armado de Jones, matou Ryan, três jornalistas e uma garota que também escapara do vilarejo. No mesmo dia, Jones envenenou 913 pessoas – sendo 276 crianças – com suco de fruta

---

<sup>42</sup> Disponível em: <[https://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=14087](https://jonestown.sdsu.edu/?page_id=14087)> Acesso em Abr. 2018.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://skeptick.com/lateraltruth/jim-jones-jesus-of-the-jungle/>> Acesso em Abr. 2018.

misturado com cianeto<sup>44</sup>. O ato já havia sido ensaiado pelo grupo como uma forma de salvação do fim do mundo. Nesse acontecimento, assaz fatídico, o que se evidencia é o medo da morte e a adesão dos fiéis a filosofia de Jones que funcionou como um antídoto para o infortúnio que, para eles, estava por vir. O medo de uma possível guerra nuclear e, conseqüentemente, da morte levou um grupo considerável de pessoas a se juntar a um homem, sair de seu país de origem e viver escondido aguardando o dia que a vida na Terra se findaria.

No ano 2000, além da celebre profecia de Nostradamus<sup>45</sup>, outra profecia teve grande circulação. O *Bug Y2K*, ou o *Bug* do Milênio, foi o termo usado para se referir ao problema que afetaria todos os sistemas informatizados na passagem do ano de 1999 para 2000. Pensava-se que milhares de computadores não conseguiriam diferenciar a passagem, o que acarretaria num enorme blecaute e na paralização dos meios de comunicação.

Rumores de fim do mundo circulavam por todas as esferas sociais. Muitos associaram esse *bug* com outras profecias de fim do mundo datadas para a mudança do milênio e, assim, o caos estava instaurado. Ao contrário da profecia de Nostradamus, por exemplo, o temor a respeito do *bug* do milênio era fundamentado. Em um mundo recém introduzido à era digital, as preocupações com os reflexos do tecnológico na vida cotidiana eram muitas. O *Y2K* criou um grande histerismo em diversos lugares do globo. Em um Brasil que havia passado pela confiscação das poupanças devido ao Plano Collor, preocupações a respeito do dinheiro contido nos bancos, além de problemas com semáforos, ligações emergenciais, transportes, hospitais, eletricidade, eram as mais frequentes<sup>46</sup>.

Apesar de ter gerado pânico coletivo, especialmente em países nos quais os computadores estavam mais popularizados, houve poucas falhas decorrentes do *bug* do milênio, que se revelou quase inofensivo. Todo esse pânico foi injustificado, porque a maioria das empresas e dos consumidores domésticos adquirira computadores novos ou fizera a atualização para sistemas operativos preparados para o problema. Ademais, o grande desenvolvimento informático ocorreu na segunda metade da década de 1990, quando os sistemas já estavam preparados para o *bug*. Com o advento da Internet e do *Windows 95*, os computadores antigos que seriam afetados pelo erro foram paulatinamente substituídos ao

---

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1978/11/26/archives/jim-jones-from-poverty-to-power-of-life-and-death-arrested-for-lewd.html>>; <<https://www.nytimes.com/1979/11/18/archives/jonestown-the-survivors-story-jonestown.html>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>45</sup> A mais célebre profecia de Nostradamus refere-se à derrota do Anticristo para o “Rei do Santos”; “Próximo ao fim, clarões iluminarão o céu do czar, o mais alto renunciará. O ditador padece enquanto o Rei dos Santos derruba sua última lágrima”. Muitos acreditaram que o evento aconteceria na passagem do milênio, entre 1999 e 2000 (a despeito do profeta ter, claramente, afirmado que a profecia se cumpriria no mês de Julho).

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xQgqudtWJSs>> Acesso em Abr. 2018.

longo da década de 1990, o que contribuiu para um número muito reduzido de ocorrências do problema no mundo inteiro.

O assunto, inspiração para vários filmes, gerou muita polêmica devido aos grandes lucros gerados pelas empresas de informática, que foram alvos de matérias copiosas na imprensa. Hoje é considerado como um dos maiores casos registrados pela história de pânico coletivo, uma versão moderna do “temor do fim do mundo” que acometeu os povos da Europa Medieval na virada do ano de 999 para 1000<sup>47</sup>. Assinalamos no caso *Y2K*, como a modernidade afeta as profecias de fim do mundo. Das profecias salientadas no primeiro capítulo, duas envolvem destruição por catástrofes climáticas. Segundo elas, o mundo acabará devido a uma grande devastação resultado dos desejos de uma divindade. Por outro lado, no *bug* do milênio, o mundo acabaria devido a um erro humano. O homem moderno, extremamente dependente da tecnologia, utiliza os computadores nas mais diversas situações, desde um computador doméstico, até aparelhos complexos de um centro cirúrgico. Se ocorresse, o fim do mundo seria um erro humano, não mais desejo de uma força maior. De certa forma, a autonomia do homem, nesse caso em especial, é um pouco devolvida. Ainda se tem uma memória que remete às profecias clássicas, mas esta está reformulada.

Outra possível nova razão para o fim do mundo seria a Inteligência Artificial. De acordo com Stephen Hawking<sup>48</sup>, os esforços para criar máquinas que pensem sozinhas são uma ameaça à existência humana; “o desenvolvimento de uma inteligência artificial total pode levar ao fim da raça humana”. O cientista acreditava que as formas primitivas de inteligência artificial desenvolvidas até o momento já provaram ser úteis, mas temia as consequências de se criar algo que possa se igualar ou até superar os humanos. “[As máquinas] iriam evoluir sozinhas, refazer o próprio projeto a uma velocidade cada vez maior. Humanos, que são limitados por uma evolução biológica lenta, não poderiam competir e seriam substituídos”. Esses casos apresentados acima são exemplos de como a crença no fim do mundo pode estar vinculada à questão da morte. O que antes era tido como querer divino, hoje, também, é tido como reflexo dos atos da “raça humana” – como o *bug* *Y2K*, a teoria de Hawking etc. Razões como guerras nucleares, colapso de ecossistemas, desmatamento etc. constata o medo do ser humano frente a todas essas ameaças recentes.

---

<sup>47</sup> Baseada no livro do Apocalipse, a corrente chamada “milenerista” acredita que o reinado do Cristo na Terra duraria mil anos. Muitas pessoas interpretaram esse período como os primeiros mil anos da Era Cristã. Por essa razão, a chegada do ano mil foi aguardada com bastante ansiedade na Europa medieval. O escritor Richard Erdoes (1988) relata que a expectativa pelo retorno de Cristo dominou não só o ano 999, mas todo o século que o precedeu. Segundo o autor, as pessoas da época imaginavam que o fim do mundo aconteceria na noite de Natal ou à meia-noite, na virada de 999 para o ano 1000.

<sup>48</sup> Disponível em: <<https://independent.co.uk/news/stephen-hawking-transcendence-looks-at-the-implications-of-artificial-intelligence>> Acesso em Abr. 2018;

No ano de 2012, devido à profecia maia, uma grande parcela da sociedade acreditava que o mundo iria acabar. O astrofísico David Morrison, na tentativa de mitigar o grande temor de alguns, se dedicou por cinco anos de sua vida a responder perguntas relacionadas ao fim do mundo. Apesar de o mundo não ter acabado na data prevista pelo calendário maia, o cientista relata que ainda recebe pelo menos cinco e-mails por dia que perguntam quando o mundo irá acabar. Em um vídeo publicado pela *Nasa Lunar Science Institute*<sup>49</sup>, Morrison explica que essa porcentagem da população que crê no fim do mundo não confia na ou não entende a ciência. Para ele, essas pessoas obtêm informações pela internet, por vídeos do *YouTube* e documentários transmitidos em canais televisivos especializados em História e curiosidades.

Não há ameaça para a Terra, não há perigo. Todas as conversas sobre um dia do juízo são um grande engano perpetuado na internet e com pessoas tentando ganhar dinheiro. Tudo o que falam é apenas um engano, é falso, não é nada que você deva se preocupar. Recebo perguntas de muitas pessoas que estão realmente assustadas, até mesmo algumas que disseram estar cogitando suicídio. Isso é muito triste. O objetivo da minha fala é apenas explicar que não existe um problema e que as muitas coisas que você vê na internet e no *YouTube*, pessoas afirmando que há alguma ameaça horrível prestes a nos destruir, não são verdadeiras<sup>50</sup>.

Indo mais além, este aumento de profecias pode estar ligado à insatisfação da massa com as condições não satisfatórias de vida que seus respectivos governos lhe proporcionam, como desigualdades, guerras e um encadeamento de problemas de ordem social. Assim como na Antiguidade os iranianos e judeus, em situações desfavoráveis, se apegavam às profecias de fim do mundo (conforme visto no capítulo 1), hoje o sujeito contemporâneo, apesar de todas as informações científicas que mostram que não há nada acontecendo (exceto a longo prazo, para aqueles que acreditam no aquecimento global) a curto prazo, não há nenhuma causa para destruição, nenhum planeta ameaçando bater na Terra, nenhuma explosão galáctica, também deposita suas crenças em profecias escatológicas.

Giddens (1991a) propõe algumas razões para identificar esse aumento de profecias. Analogamente ao pensamento de Cohn (1993) e de Morin (1998) está o conceito de *desencaixe* de Giddens (1991a). De acordo com o sociólogo, esse despertar em relação às questões que versam sobre o fim do mundo pode ser analisado como um fenômeno social visando essa padronização na expectativa de que o fato aconteça, indicando características de

---

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fFLVyWBDTfo>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LG2B9YZjr7w>> Acesso em Out. 2017.

um comportamento social. Em sua obra, o autor pretende analisar o período em que vivemos tendo como base seu conceito de desencaixe.

Em primeiro lugar, ela [a separação entre tempo e espaço] é a condição principal do processo de desencaixe que passo a analisar de maneira breve. A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, “vazias”, penetram as conexões entre a atividade social e seus “encaixes” nas particularidades dos contextos de presença. As instituições desencaixadas dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço e, para ter este efeito, dependem da coordenação através do tempo e do espaço. Este fenômeno serve para abrir múltiplas possibilidades de mudança liberando das restrições dos hábitos e das práticas locais (GIDDENS, 1991a, p. 23).

A relação entre o conceito de desencaixe de Giddens e o fim do mundo pode ser exemplificada da seguinte maneira. Para o autor, a modernidade desencadeou uma série de mudanças das antigas tradições que foram paulatinamente preteridas pelas novas tradições. Esse fenômeno, como ele mesmo explica, fez com que a consciência a respeito do risco, segurança e confiança fossem alteradas em razão do desencaixe das antigas e novas instituições sociais.

Porque a noção de risco é de origem relativamente recente, Luhmann alega, a possibilidade de separar risco e perigo deve derivar de características sociais da modernidade. Ela surge, essencialmente, de uma compreensão do fato de que a maioria das contingências que afetam a atividade humana são humanamente criadas, e não meramente dadas por Deus ou pela natureza (*ibid.*, p. 34).

Enxergar esse despertar pela perspectiva do autor significa dizer que as profecias a respeito do fim do mundo que ressurgem na modernidade e sua grande aceitabilidade podem ser justificadas pelo risco iminente que “interfere na confiança leiga em sistemas peritos” e nos “sentimentos de segurança” (p. 134).

Na era medieval, a invenção do inferno e da danação como destino do incrédulo na vida após a morte foi “real”. Contudo, as coisas são diferentes com a maioria dos perigos catastróficos que nos ameaça hoje. Quanto maior o perigo, mensurado não em termos de probabilidade de ocorrência, mas em termos de sua ameaça generalizada à vida humana, mais inteiramente contrafactual ele é. Os riscos envolvidos são inevitavelmente “irreais”, porque só poderíamos ter uma clara demonstração deles se ocorressem eventos que são demasiado terríveis de se contemplar. Eventos de escala relativamente pequena, como o bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki, os acidentes em Three Mile Island ou o Chernobil, nos dão alguma sensação do que poderia acontecer (1991b, p. 134 – *tradução nossa*).

Os acontecimentos resultantes da atividade humana que vimos acima e os elencados pelo autor corroboram a tese de que “a maioria das contingências que afetam a atividade humana são humanamente criadas”. Na modernidade, a destruição do mundo ganhou novas causas: acidentes nucleares, inteligência artificial, o aquecimento global<sup>51</sup> etc., todas resultantes da atividade humana na Terra. Giddens (1991b) também salienta que quanto maior for o perigo relacionado aos acontecimentos (em nosso caso, às profecias apocalípticas), maior a chance de se tratar de uma especulação hipotética.

A escritora Susan Sontag (1989) parece resumir muito bem a reincidência de previsões sobre a extinção da espécie humana. Para ela, a ideia de perecer no Apocalipse corresponde a “um cenário moderno permanente”. O apocalipse assoma, não ocorre, e ainda assoma novamente... A autora acrescenta, fazendo referência ao filme *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola: “O apocalipse é agora um seriado de longa-metragem: não ‘Apocalipse Agora’, mas ‘Apocalipse de Agora em Diante’” (*ibid.*, p. 87).

Embora haja inúmeras opiniões antagônicas à ideia de fim do mundo, há também autores que admitem o fato como verossímil. Como o escritor holandês Patrick Geryl que, com sua trilogia *A profecia de Órion*, *O cataclismo mundial de 2012* e *Como sobreviver logo depois de 2012*, agrupa alguns estudos a respeito do fim dos tempos. Utilizando como argumento basilar a profecia dos maias, o autor desenvolveu sua pesquisa em uma série de três livros que descrevem as catástrofes climáticas que a Terra haveria de passar e teoriza sobre uma possível sobrevivência após o sucedido. Entretanto, a credibilidade desse escritor caiu em desprestígio quando em 21 de dezembro de 2012 o mundo não acabou.

Por muitos considerado o maior pesquisador do século XVII, Isaac Newton (2010 [1733]), cientista inglês, mais reconhecido como físico e matemático, admite a ideia de que o mundo como o conhecemos terá um fim, e que a chave para esse mistério está no livro bíblico do Apocalipse. Próximo de sua morte, Newton estava profundamente envolvido com a origem da religiosidade cristã, talvez este fato seja o que explica seu interesse pelo livro do Apocalipse. Após sua morte, foi descoberto que Newton deixara um conjunto de textos para seus discípulos, os quais foram agrupados em um só compêndio e publicados sob o título de *Observações sobre as Profecias de Daniel e do Apocalipse de São João*.

---

<sup>51</sup> Aquecimento global é o processo de aumento da temperatura média dos oceanos e da atmosfera da Terra causado por massivas emissões de gases que intensificam o efeito estufa, originados de uma série de atividades humanas, especialmente a queima de combustíveis fósseis e mudanças no uso da Terra, como o desmatamento, bem como de várias outras fontes secundárias. Essas causas são um produto direto da explosão populacional, do crescimento econômico, do uso de tecnologias e fontes de energia poluidoras e de um estilo de vida insustentável, em que a natureza é vista como matéria-prima para exploração.

É interessante realçar neste ponto que, agora, a princípio, quem dá a profecia é um dos maiores cientistas da História. Maingueneau (2006), com sua tricotomia da *imagem do autor*, oferece uma maneira de analisar essa produção de Newton. Analisar a produção apocalíptica newtoniana à luz dessa tríade pode ser útil, com algumas ressalvas, pois ela proporciona uma hipótese crível para compreender como uma mesma pessoa produz obras inteiramente díspares entre si.

Em *Subjetivação, espaço canônico e espaço associado*, o autor começa se dedicando à problemática da imagem do autor e contesta a divisão tradicional do escritor que usualmente é feita em duas dimensões: uma que seria a originadora de uma obra e outra dotada de uma existência social. Para ele, essa divisão tem de ser feita não em duas, mas em três instâncias: a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*<sup>52</sup>. A *pessoa* corresponde ao indivíduo que é dotado de uma vida civil, que tem uma vida privada; trata-se do indivíduo fora da vida literária. É a instância do autor que vai a concertos, gosta de futebol, tem problemas familiares, bebe em bares etc. Já o *escritor* é o indivíduo que define uma trajetória na instituição literária; o ator no campo literário. Este é o indivíduo que vai a congressos, dá palestras, autografa as obras, decide ser publicado por uma editora ou por outra etc. Por fim, o *inscritor* é o indivíduo responsável tanto pela enunciação de um texto específico como o “ministro da instituição literária, que confere sentido aos contratos implicados pelas cenas genéricas e que delas se faz o garante” (p. 136). Ele tanto é enunciador do texto como é o ministro da instituição literária. Maingueneau (2006) segue fazendo uma ressalva de que não se deve isolar ou reduzir nenhuma dessas instâncias às outras. O *autor* é o lugar em que as três instâncias se entrelaçam sem, no entanto, se confundir umas com as outras, numa falta de estabilidade que não é redutível e que só pode ser apreendida no próprio movimento de leitura.

Como dito anteriormente, a obra apocalíptica de Newton pode ser analisada conforme os critérios teóricos apresentados acima. É como se existissem dois Newtons: o primeiro, mais conhecido por todos, é o grande cientista, *auctor*<sup>53</sup>, que escreveu os *Princípios*

---

<sup>52</sup> Maingueneau (2010) retifica a questão do *inscritor*. Para ele esta noção reúne, inconvenientemente, duas funções extremamente ligadas, mas que são heterogêneas: a do *enunciador* e a do ministro da instituição literária que também é o *garante*. Em consequência disso, o autor remove da noção de *inscritor* tudo o que se referia ao *garante*, à responsabilidade pelas obras, e acrescenta uma nova função de *agenciador* do texto (“que se manifesta em particular através de seu recorte, de sua apresentação”).

<sup>53</sup> Após problematizar a questão de como é tida (e evitada) a noção de *autor* nas pesquisas em AD, Maingueneau (2010) propõe uma subdivisão desta: o *autor-responsável*, o *autor-ator* e o “*auctor*”. Segundo ele, a primeira dimensão é “a da instância de estatuto historicamente variável que responde por um texto”. A segunda dimensão é a da organização da própria existência do autor “em torno da atividade de produção de textos”. A terceira dimensão, definida por ele como *auctor*, é a “do autor enquanto correlato de uma obra”. Para um indivíduo se tornar *auctor*, é preciso que o associem a uma obra, a um *Opus*. Além disso, ser *auctor*, fonte de autoridade,

*Matemáticos da Filosofia Natural*, que deu moldes científicos modernos às teorias heliocêntrica e gravitacional, explicou a órbita dos planetas, estudou a luz etc.; o outro é a *pessoa*. É um Newton místico com suas inquietudes a respeito do fim, que, a despeito da oposição entre ciência e religião, escreve sobre profecias bíblicas e, de certa maneira, corrobora as ideias repercutidas por elas etc. Correndo o risco de parecer um pouco contraditório, pode-se afirmar que, em tese, se trata e não se trata do mesmo indivíduo; o agente (a instância) dos livros científicos de Newton, segundo Maingueneau, não é o mesmo agente (instância) dos seus textos apocalípticos. Isso se explica devido ao fato de as três instâncias da *imagem do autor* não poderem ser separadas, embora sejam distintas. Elas não se apresentam em ordem cronológica, de camadas ou sequencial, mas, sim, se atravessam mutuamente numa paradoxal estrutura de “nó borromeano”.

Todavia, uma ressalva deve ser feita. Há épocas em que essa separação é considerada mais evidente e há épocas em que essa separação faz menos sentido. A tricotomia que Maingueneau faz da imagem do autor pode ser redutora, especialmente se se fala de autores de séculos anteriores. Esses autores eram mais polímatas, o modo de se produzir ciência na época não era o mesmo que é praticado hoje. Autores como Newton, que se preocupavam extremamente com questões religiosas, podem ser a comprovação de que essa prática de enquadrar tudo em seu “devido lugar” é uma prática da ciência moderna. Apagar as inquietações metafísicas dos cientistas é uma questão do discurso científico hodierno. De algum modo, a conceitualização escatológica de Newton fazia parte de sua explicação de mundo. Sua frase “a maravilhosa disposição e harmonia do universo só pode ter tido origem segundo o plano de um Ser que tudo sabe e tudo pode. Isso fica sendo a minha última e mais elevada descoberta” (NEWTON, 1953, p. 42) exemplifica essa questão.

## 2.4 Conclusões do capítulo

Todos esses acontecimentos ou questões que, de alguma maneira, têm por objeto as crenças apocalípticas demonstram a enorme circulação da temática. São numerosos os

---

requer que terceiros falem dele, que falem de sua obra; é isso que faz o *auctor* em potencial se tornar *auctor* efetivo. Como exposto pelo autor, um exemplo disso é a estratégia de inúmeros escritores dos séculos XVII e XVIII que, nos prefácios de suas obras, colocavam nomes de terceiros tentando assim atribuir mais credibilidade a elas. Outro exemplo pode ser encontrado em diversas redes sociais da contemporaneidade. Com o intuito de legitimação, com frequência, no cenário nacional, surgem enunciados falsamente atribuídos a escritores como Clarice Lispector, Graciliano Ramos etc.

indivíduos que versam sobre o fim do mundo, não obstante a origem desses indivíduos não seja uniforme. Mostramos acima alguns indivíduos que são objeto de credibilidade diferente, vêm de diferentes áreas (desde pessoas, aparentemente, sem interesse científico algum no assunto, pois expuseram sua forma de pensar enquanto caminhavam nas ruas, até astrônomos, sociólogos, antropólogos, astrofísicos, jornalistas, políticos etc.) e, de certa maneira, teorizam a respeito do fim do mundo. Obviamente, as causas e as intenções motivadoras dessa mobilização são diversas.

É incontestável que os pareceres de um astrônomo, como Gleiser, ou de um sociólogo, como Giddens, são diferentes dos de Jim Jones, ou dos de Patrick Geryl. Basicamente, o que queríamos mostrar nesse capítulo é que a unidade lexical circula e que seus sentidos são ora semelhantes, ora diversos. Tais sujeitos, ao se posicionarem de maneira controversa a respeito do tema, atestam a questão do caráter polêmico das fórmulas discursivas que sempre estão envolvidas em variados debates.

## CAPÍTULO III

### A FÓRMULA “APOCALIPSE”

Para ver as coisas, é preciso olhar muitas vezes.

(KRIEG-PLANQUE)

#### 3.1 A noção de fórmula discursiva

Ao analisar o percurso de “apocalipse”, além de sua vasta circulação, percebemos que os posicionamentos frente à temática não são de modo algum homogêneos. Isso é um indício de que “apocalipse” tenha uma das características das *fórmulas discursivas*: a polemicidade. Essa constatação nos fez perceber que “apocalipse” também poderia reunir as outras características que são necessárias a uma fórmula. A partir daí, cogitamos a hipótese de averiguar se a unidade lexical, de fato, é susceptível de atingir o estatuto formulaico. Se considerarmos, por hipótese, que se trata de uma fórmula, será possível descobrir aspectos interessantes sobre o termo “apocalipse” e suas reformulações. Neste capítulo, propomo-nos a analisar “apocalipse” de acordo com as quatro propriedades de Krieg-Planque (2010). Realçamos que nosso objetivo primário não é garantir o estatuto formulaico da unidade lexical, mas, sim, a partir daquilo que as fórmulas discursivas permitem ver, ver aspectos sobre “apocalipse”.

Com certa frequência, podemos observar que algumas palavras, expressões, pequenas frases, em meio à infinidade de gêneros discursivos que circulam socialmente, deixam de ter certo estatuto e atingem o estatuto de uma fórmula discursiva. Essas palavras, geralmente, são ligadas a um tema polêmico, têm força referencial e fazem um significante específico passar a ser cristalizado para as pessoas em um determinado momento sócio-histórico. A noção de fórmula proposta por Krieg-Planque (2003, 2009, 2010, 2011), a partir de seus estudos em AD, oferece um quadro teórico/metodológico que pode auxiliar os pesquisadores interessados

em examinar a heterogeneidade e a circulação dos discursos no espaço social. A autora define uma fórmula como sendo “uma palavra (ou slogan, pequena frase) que sintetiza e cristaliza temas sociopolíticos. Ela é frequentemente enunciada, retomada, reformulada e até recusada” (KRIEG-PLANQUE, 2010). Segundo a autora, as fórmulas têm história, pertencem à história, visto que sempre são objetos de debate e sempre carregadas de questões. A fim de esclarecer a noção e diferenciá-la de fórmulas que circulam em outras áreas do conhecimento humano (química, física, matemática etc.), a autora propõe quatro características constitutivas que uma palavra deve ter para atingir o estatuto formulaico: a cristalização, a inscrição discursiva, a referência social e a polemicidade.

Segundo Krieg-Planque (2010), “para que uma sequência possa ser caracterizada como fórmula, é preciso que ela atenda às quatro propriedades da fórmula. Mas, de um lado, essas quatro propriedades podem estar presentes de modo desigual” (p. 111). Esse modo desigual ao qual a autora se refere significa dizer que a fórmula pode atender mais a uma característica do que a outra, devido ao fato de a fórmula ser heterogênea, o que é manifestado pela circulação e pelos diferentes sentidos que pode assumir. Para considerar a palavra “apocalipse” como fórmula, é necessário que observemos a circulação das suas ocorrências, em diferentes campos discursivos existentes na sociedade, compondo “um conjunto de enunciados ou fragmentos de enunciados que circulam em bloco em um momento determinado e que são percebidos como constituindo um todo, cuja origem pode ou não ser identificada” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 66). Também é necessário que analisemos em que medida “apocalipse” atende as quatro propriedades constitutivas das fórmulas discursivas.

Em um primeiro momento, a aplicação das quatro propriedades da fórmula se faz uma tarefa difícil para os que desejam trabalhar com a noção. A fim de operacionalizar essa etapa do trabalho, Oliveira (2018) se dedicou a “instrumentalizar as propriedades da fórmula, valendo-se de sua heurística e desdobrando-as em critérios os mais concretos possíveis, a ponto de corresponderem a expressões objetivas que podem ser digitadas nos mecanismos de busca” (p 37). O autor segue propondo uma tabela que expõe algumas expressões chave que podem auxiliar no reconhecimento das propriedades de uma possível fórmula. Para ele, essas expressões equivalem a “categorias de busca materializadas na forma de critérios a serem aplicados em pesquisas que mobilizem a noção de fórmula” (*idem*).

ROTEIRO PARA PESQUISA DE FÓRMULAS DISCURSIVAS (itens para nortear a pesquisa em buscadores digitais)		
Tópicos para serem examinados		Terminologia a ser digitada na ferramenta de busca
Distinção entre:	<i>Valor de re</i>	não existe x; x não existe;
	<i>Valor de dicto</i>	discordo do termo x; aprovo o termo x; proponho a palavra x; evito o termo x; concordo com o uso da expressão x;
Definições e reformulações		x é; x não é; não é x que; o que é x;
Estrutura A: B		notícia x; manchete x;
Pequenas- frases		slogan x; frase x; jargão x; citação x;
Textos-chave		documento x; lei x; projeto x; dia x; congresso x; conferência x; controvérsia x;
Imagens		charge x; cartoon x; cartaz x; outdoor x; propaganda x; livro x; arte x; fotografia x;

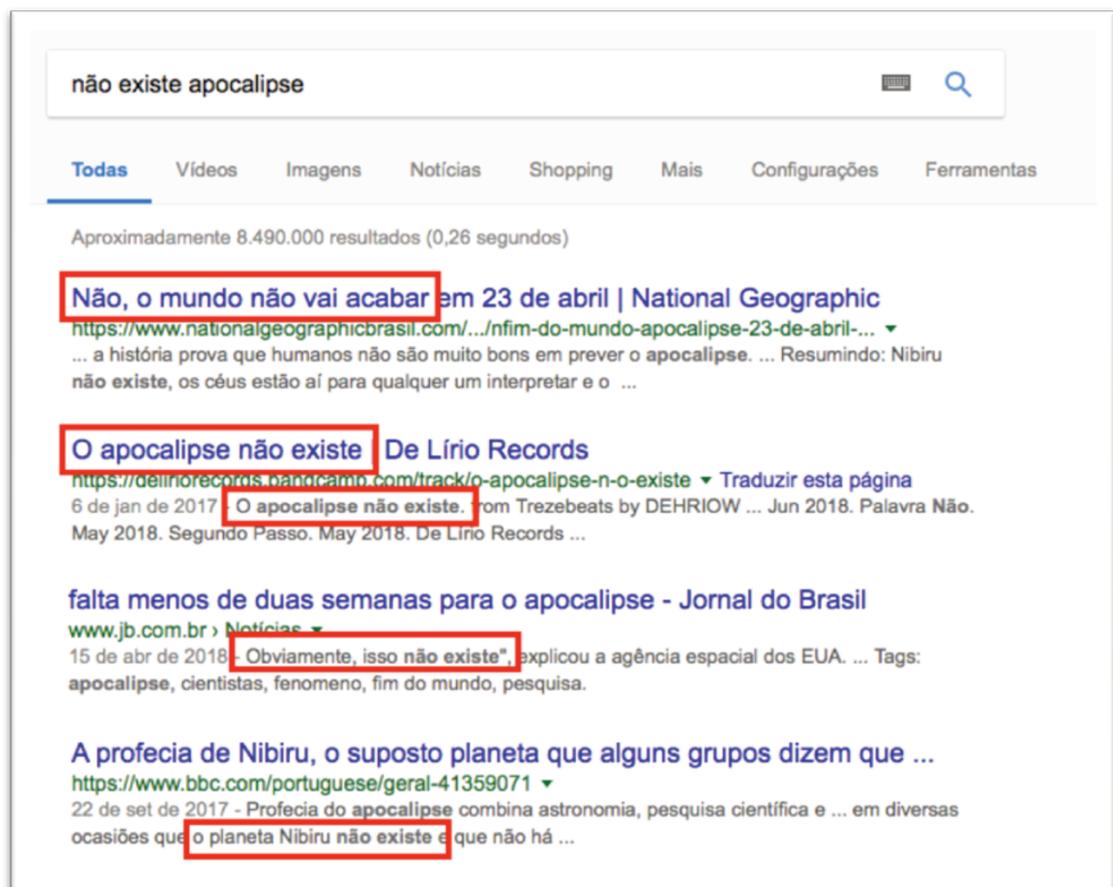
**Tabela 1.** Critérios para busca de fórmula discursivas (cf. OLIVEIRA, 2018)

O lado esquerdo da tabela equivale às propriedades das fórmulas. Algumas expressões do lado direito devem ser digitadas *ipsis litteris* nos buscadores digitais escolhidos para análise. De acordo com sua contribuição, as expressões do lado direito correspondem a tentativas de “flagrar empiricamente (na materialidade textual, por assim dizer) vestígios dos critérios discursivos como ‘valor *de re*/valor *de dicto*’, conteúdo informacional e conteúdo referencial, circulação de pequenas frases, slogans, citações e outros aspectos” (p. 37). O “x”, nos enunciados da direita, corresponde à possível fórmula que se pretende analisar.

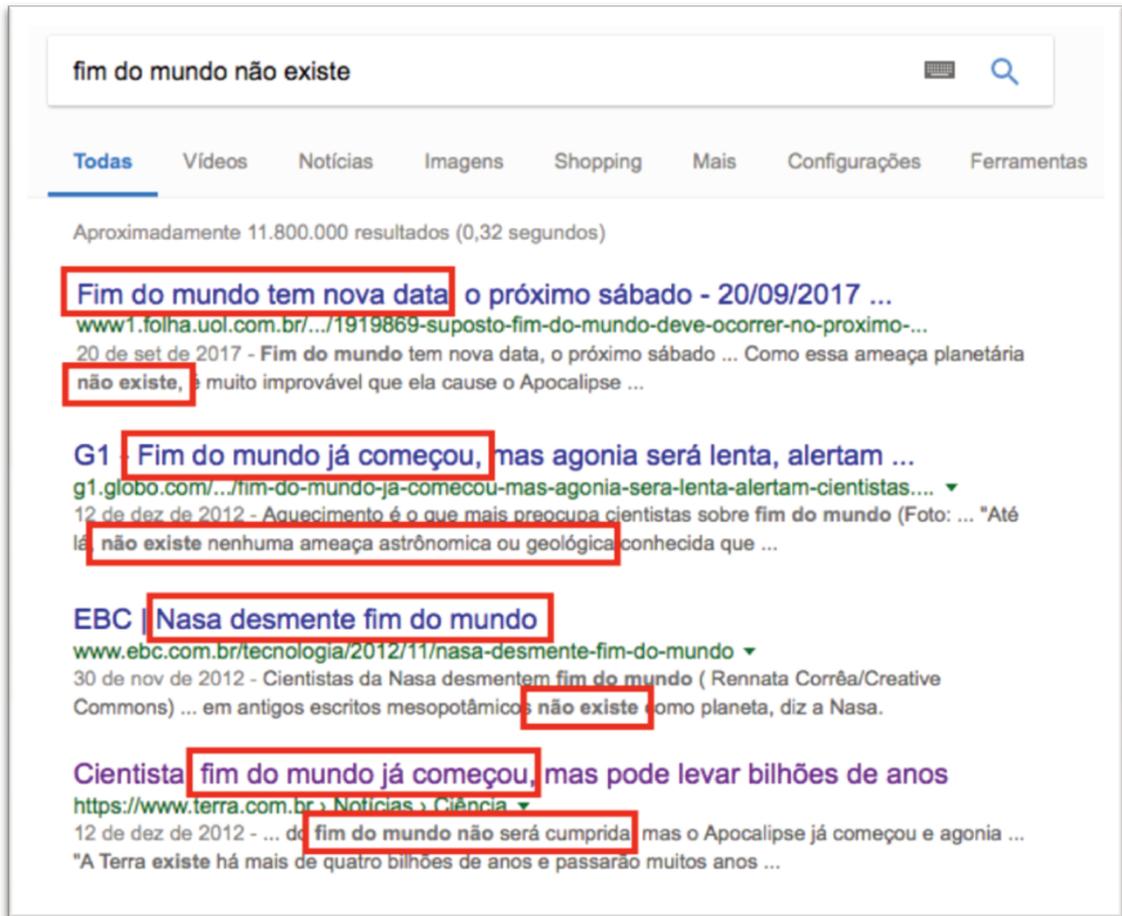
O protocolo de Oliveira (2018) teve a função de esclarecer algumas incertezas que tínhamos a respeito do estatuto formulaico de “apocalipse”. Abaixo, mostraremos, ao longo dessa primeira parte, a maneira como aplicamos o método de Oliveira e como ele foi de grande valia para nossa pesquisa.

O autor começa o processo averiguando se há polêmicas que envolvam a unidade lexical proposta. Ele ressalta a importância de procurar um debate, por parte dos locutores, em torno do uso da unidade lexical (a defesa ou a recusa dela em um discurso). Esse debate corresponde ao valor *de dicto* das fórmulas. Seguindo os passos da Tabela 1, o pesquisador pode pesquisar as seguintes entradas em um buscador digital: “discordo do termo *x*”, “não concordo com a palavra *x*”, “não aceito o termo *x*” etc. O autor agrupa na tabela os valores *de re* e *de dicto* da fórmula pelo fato deles serem características semelhantes. O valor *de re* das fórmulas não questiona o significante usado para definir a palavra, mas, sim, a existência do que ele designa. Falaremos mais dos valores de uma fórmula discursiva posteriormente.

Para uma primeira abordagem do *corpus*, baseamo-nos nas expressões propostas por Oliveira (2018) pois, se confirmadas, são indicativos do possível caráter polêmico de “apocalipse”. As imagens abaixo correspondem a alguns exemplos da busca utilizando os critérios da tabela. Nas figuras 1 e 2, utilizamos os parâmetros “não existe *x*” (em que *x* foi substituído por “apocalipse” e “fim do mundo”).



**Figura 1.** *Printscreen* com exemplo de valor *de re* de “apocalipse” (Google, Jun/2018)



**Figura 2.** *Printscreen* com exemplo de valor *de re* de “fim do mundo” (Google, Jun/2018)

Nos exemplos acima, o debate se dá a respeito da existência de um evento que se caracterizará como o fim da raça humana, isto é, o valor *de re* de “apocalipse”. O debate a respeito do termo acontece predominantemente no campo religioso. Muitos discordam da carga semântica que o termo adquiriu. No lugar de sua interpretação corriqueira (fim do mundo, catástrofes, etc.), os que discordam dela propõem que o sentido original do termo seja resgatado (“revelação”). A seguir, alguns excertos que exemplificam essa questão e trazem à tona o valor *de dicto* de “apocalipse”.

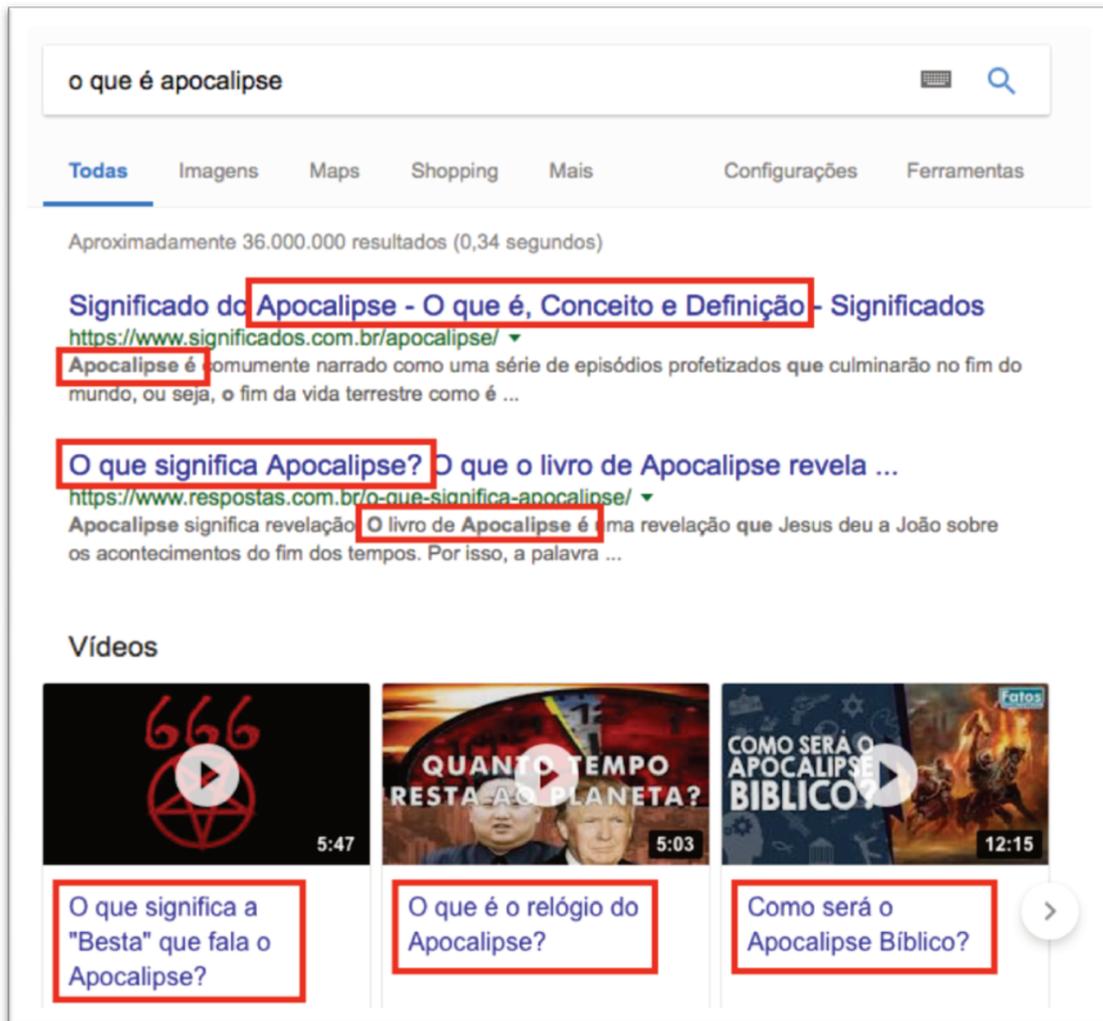


Figura 3. Printscreen com exemplo de valor *de dicto* de “apocalipse” (Google, Jun/2018)

Com exceção do primeiro exemplo da Figura 3, todos os outros se situam no campo religioso. Realçamos nesse exemplo a escolha de usar “apocalipse” no lugar de “crise”. Concordando com o pensamento de Foucault e de outros pensadores que “mostraram que a cada quatro séculos, mais ou menos, acontece um cansaço, uma saturação, uma usura das maneiras de viver e pensar”, Maffesoli, sociólogo francês, afirma que o termo “crise” é muito redutor. Para ele, algo que comumente é tido como uma crise não afeta somente as esferas econômica e financeira, afeta todas as demais esferas. O termo que ele propõe para designar “as crateras que surgem por todo lado” é “apocalipse”<sup>54</sup>.

Um segundo aspecto a ser considerado ao pesquisar fórmulas discursivas são as “Definições e as reformulações”. Como exposto na tabela, pesquisamos em um buscador digital as ocorrências que definem e reformulam a unidade lexical candidata ao estatuto formulaico.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/11/07/entrevista-com-michel-maffesoli-a-crise-e-um-assunto-chato/>> Acesso em Jun. 2018.



**Figura 4.** *Printscreen* com exemplo de valor, definições e reformulações de “apocalipse” (Google, Jun/2018)

Na Figura 4, encontramos alguns exemplos de critérios elencados por Oliveira: “o que é apocalipse” e “apocalipse é”. Como se trata de uma mensagem contundente e de um livro enigmático, é normal que haja inúmeros questionamentos a respeito do tema. Como pode-se notar, há indivíduos que se preocupam (ou no mínimo querem saber a respeito do tema) com o Apocalipse. Salientamos na Figura 4 o enunciado “o que é o relógio do Apocalipse?”. O enunciado é vinculado a um vídeo com uma imagem ilustrativa que vale a pena ser realçada. Em um fundo pintado de cores escuras há: uma cidade, fumaça saindo de seus edifícios, um relógio, Donald Trump e Kim Jong-un. Vimos no capítulo dois que não somente indivíduos religiosos se posicionam a favor da ideia do fim do mundo. Assim como Newton (2010[1733]), um grupo de cientistas afirma que o mundo nunca esteve tão próximo do Apocalipse devido a um cenário de segurança inexistente.

Criado em 1947 pelo comitê de diretores do *Bulletin of the Atomic Scientists* da Universidade de Chicago, o relógio *Doomsday* é um relógio simbólico conhecido também

como relógio do Apocalipse. Analogamente a um relógio normal, o dispositivo insinua o quão próximo está o mundo de seu fim. Nele, meia-noite representa a destruição do planeta e seu ponteiro, no momento, está apontando dois minutos para a meia noite.

A medição das horas não acontece da maneira usual, os integrantes do conselho de ciência e segurança do comitê se reúnem duas vezes por ano para determinar quanto tempo falta para meia-noite, ou seja, para o fim do mundo. Diante de acontecimentos como o teste de bombas termonucleares em 1953 e o lançamento de um míssil balístico intercontinental em 2017, os cientistas decidem o quanto o ponteiro será adiantado. Em uma entrevista para o site de notícias BBC<sup>55</sup>, Rachel Bronson, diretora-executiva, afirmou que a raça humana nunca esteve tão próxima de seu fim. Segundo a diretora, o objetivo dos cientistas é “mostrar o quão próximos estamos de destruir a vida na Terra como a conhecemos”. O ponteiro do relógio foi adiantado meio minuto em janeiro de 2017, após a posse do atual presidente norte-americano Donald Trump.

A imagem de Trump e de Jong-un ligadas ao vídeo pode ser exemplo de uma importante questão que realçaremos posteriormente: o Apocalipse científico será causa das ações humanas e não mais de um conflito cósmico que aconteceu no início de tudo e que até hoje determina as atividades no planeta. Falaremos mais detalhadamente sobre essas diferenças entre os apocalipses científico e religioso no tópico em que abordamos especificamente a dicotomia entre religião e ciência.

Seguindo adiante com a aplicação do protocolo de Oliveira, outro critério a ser explorado é a estrutura “x:y”. Uma sucinta definição desse tipo de estrutura (sucinta, pois falaremos detalhadamente sobre ela posteriormente) é: a parte “x” corresponde a algo que seja de conhecimento público, algo que é tido como dado; e a parte “y” como o “novo”, o conteúdo informacional.

Segundo Krieg-Planque (2010), as fórmulas, com frequência, ocupam a posição referencial nas manchetes. Em nosso *corpus*, encontramos manchetes e notícias em que “apocalipse” aparece em posição referencial. Algumas dessas ocorrências estão na Figura 5. Nesse momento, não nos preocupamos em analisar os enunciados dessas manchetes. Reservamos a análise dessas ocorrências para o tópico em que abordaremos especificamente a referência social de “apocalipse”.

---

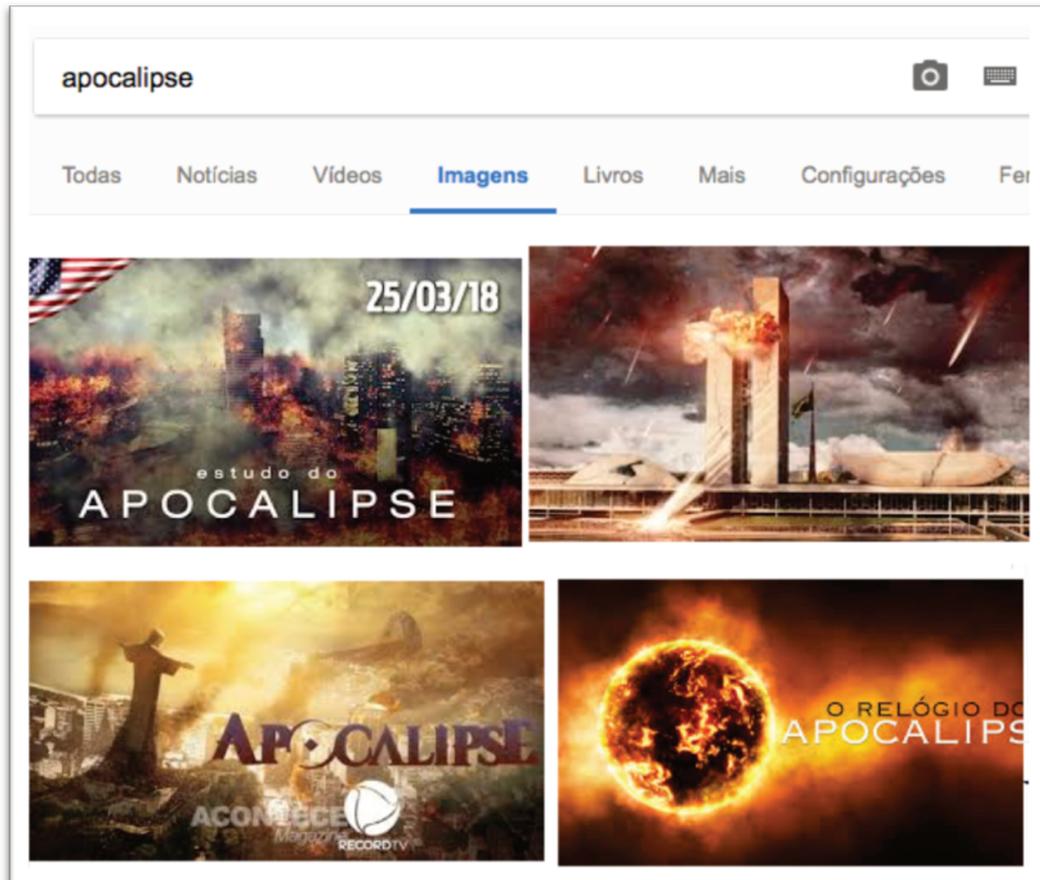
<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-40606193>> Acesso em Out. 2017.



**Figura 5.** *Printscreen* com exemplos da estrutura “x:y” (Google, Jun/2018)

Para finalizar, realçamos os últimos critérios da tabela: pequenas-frases, textos-chave e imagens. Segundo Oliveira (2018), o movimento de explorar esses fragmentos de textos corresponde à tentativa de apreender o microuniverso que a fórmula sustenta e produz, entendido como “contexto discursivo”; “A fórmula mantém uma relação mutuamente constitutiva com seu entorno: esse microcosmo composto de slogans, aforizações, pequenas-frases, documentos, leis, imagens, ícones etc. que ela motiva ao mesmo tempo em que eles a apoiam e legitimam” (p. 46).

O autor segue ressaltando a importância de se considerar o não-verbal na análise das fórmulas. Seguindo o protocolo, para ter acesso a uma imensidade de ocorrências multissemióticas e não-verbais, selecionamos “imagem” na ferramenta de busca e digitamos “apocalipse”. Fizemos isso, pois “por meio desse procedimento, abre-se um interessante espaço para interpretar imagens e ilustrações do ponto de vista discursivo, uma vez que o buscador foi alimentado com palavras, mas responde com resultados em forma de material não-verbal” (*idem*).



**Figura 6.** *Printscreen* com ocorrências imagéticas de “apocalypse” (Google, Jun/2018)

A Figura 6 mostra algumas imagens relacionadas ao Apocalipse. A primeira está vinculada a um convite para uma espécie de escola que ensina os preceitos contidos no livro bíblico. Essa prática exegética é corrente no campo religioso. Na segunda, a imagem que é vinculada à rede de televisão Record é relacionada a uma novela televisionada por eles e que recebe o nome do livro bíblico. Queremos destacar a imagem superior à direita que apresenta um Apocalipse na capital do Brasil. A imagem circulou em um site que correlacionava a greve dos caminhoneiros de 2018 com os eventos narrados no livro do apóstolo João.

Ainda sobre a relação entre conteúdos linguísticos e não-linguísticos, Oliveira (2018) apresenta uma funcionalidade bastante útil para a coleta de pequenas-frases, slogans, provérbios, jargões, citações etc., que sejam relacionados à fórmula discursiva. Trata-se de restringir ainda mais a busca com a categoria “rosto”, conforme indicado na Figura 7.



Figura 7. Printscreen com critério “citação apocalipse” (Google, Jun/2018)

Usar esse mecanismo pode ser útil, pois, além dos resultados mostrarem imagens de rostos relacionados ao “apocalipse”, eles também mostram citações, slogans e declarações que podem aproximar a noção de fórmula com a noção de *aforização*, como proposta por Maingueneau (2014 e 2015) (*apud* OLIVEIRA, 2018).

Para finalizar, ainda recolhemos alguns dados relacionados ao último critério da tabela (“imagem”). A primeira parte do presente capítulo tem a finalidade de elencar e apresentar possíveis indícios de que “apocalipse” tenha alcançado o estatuto de fórmula. Para instrumentalizar um pouco mais a pesquisa, seguimos, nesta primeira parte, o protocolo de Oliveira (2008). Nesse momento, o interesse maior não é analisar as ocorrências da unidade lexical (salvo em um ou outro momento que, por achar assaz relevante, o fizemos), mas, sim, por em prática os critérios que operacionalizam a questão das propriedades das fórmulas. Por essa razão, não nos delongamos nas análises das charges e propagandas das Figuras 8 e 9. No capítulo dois, ao apresentar o percurso que “apocalipse” faz, passamos pelos campos publicitário e humorístico. Ali, analisamos de maneira mais enfática algumas charges e propagandas.

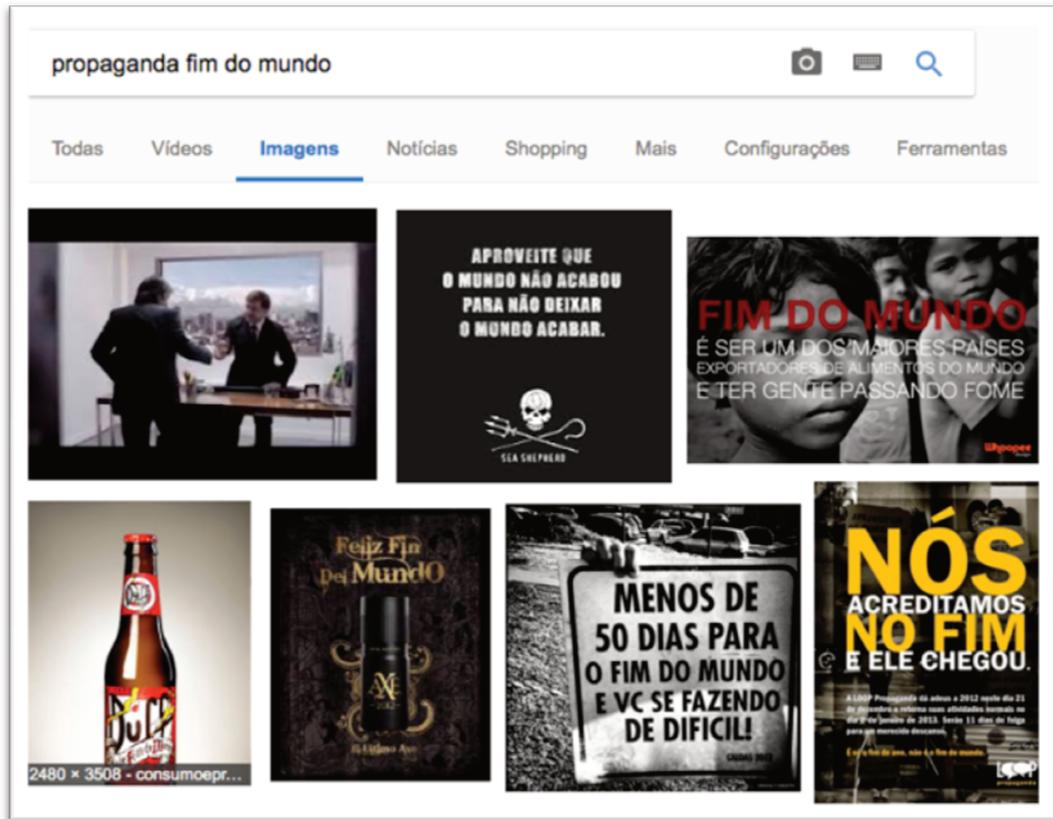


Figura 8. Printscren de pesquisa com o critério “propaganda x” (Google, Jun/2018)

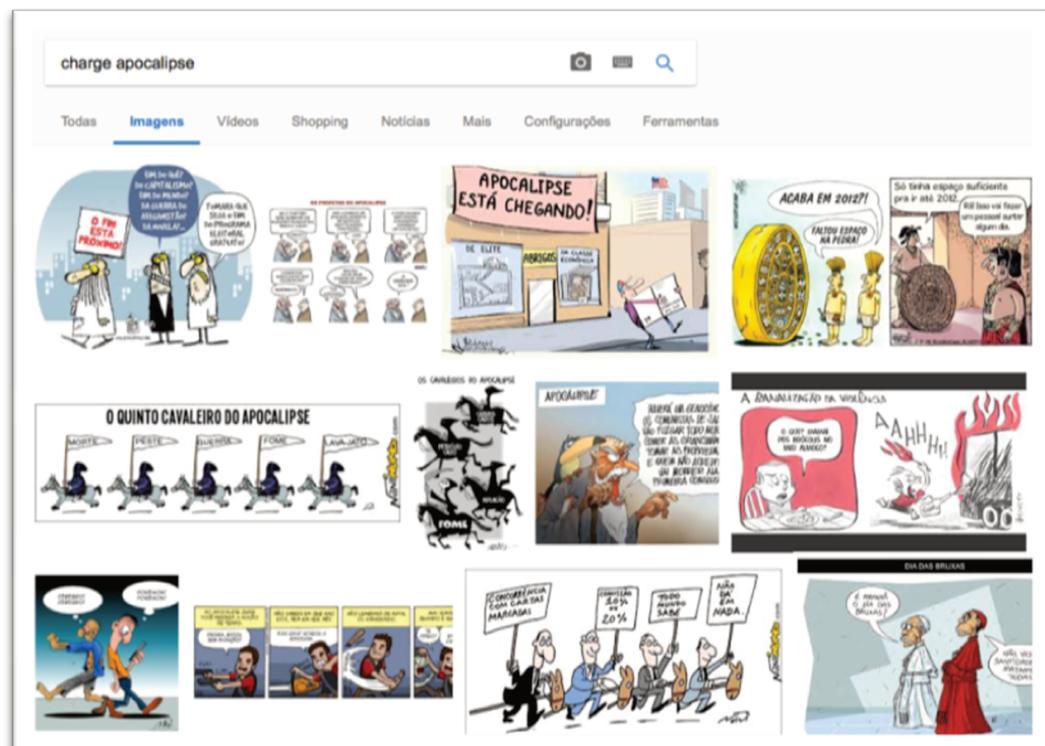


Figura 9. Printscren de pesquisa com o critério “charge x” (Google, Jun/2018)

Na primeira parte desse capítulo, apresentamos a aplicação dos critérios elencados na tabela apresentada e após ter “testado” a produtividade de nossa fórmula em potencial, nos decidimos por prosseguir com a análise. Como visto, “apocalipse”, a princípio, reúne a maioria das características de uma fórmula discursiva. A seguir, pormenorizamos os caracteres da fórmula e continuamos a analisar o possível estatuto formulaico de “apocalipse” e os discursos que este faz circular.

## **3.2 As quatro propriedades da fórmula discursiva**

### **3.2.1 Caráter cristalizado**

“A fórmula não existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 81). Para que uma unidade lexical atinja o estatuto formulaico, ela deve circular amplamente no espaço social. De acordo com a autora, ter um caráter cristalizado quer dizer que a fórmula deve ser sustentada por uma forma relativamente estável; “Deve ser possível seguir uma fórmula pelos rastros de sua forma” (p. 61). Esta forma estável, que ela afirma ser constitutiva da fórmula, torna possível a reformulação e a circulação da mesma por diversos campos discursivos.

Embora a fórmula seja relativamente estável, algumas razões impedem que se tenha uma postura formalista absoluta quanto à análise de uma fórmula (*ibid.*, p. 70). Além do caráter cristalizado pelo qual ela se identifica com uma materialidade linguística particular, uma fórmula também pode ter variantes. Em sua pesquisa de doutoramento, a autora exemplifica algumas variantes de uma mesma fórmula como: “purificação étnica”, “limpeza étnica” e “depuração étnica” (*cf.* KRIEG-PLANQUE, 2003). Alguns exemplos de reformulações podem ser observados em relação à unidade lexical “apocalipse”, como: “armagedom”, “juízo final”, “fim do mundo” e “fim dos tempos”. Todavia, esses exemplos fogem um pouco do que a autora propõe sobre a cristalização.

Se, após a análise, pudermos sustentar que “apocalipse” é uma fórmula, sabemos desde já que não seria uma fórmula prototípica, pois não é uma nominalização, como “aquecimento”, “desenvolvimento”, “globalização” etc. Também não se trata de uma lexia completa, de um sintagma cristalizado ou lexicalizado, como “aquecimento global”, “desenvolvimento sustentável”, “purificação étnica” etc. “Apocalipse”, portanto, não seria

considerada uma fórmula típica, não é uma nominalização e nem um sintagma (exemplos mais claros de fórmula segundo a autora). Logo de início, apresenta-se um problema a respeito da questão da cristalização, pois “apocalipse” é uma palavra. Cristalizar, em outras palavras, seria juntar nome a um adjetivo – “estado total”, “purificação étnica” –, quando se enuncia um, o outro vem a reboque. A princípio, não encontramos uma ocorrência de reformulação dessa estirpe com “apocalipse” (voltaremos a essa questão ao tratar do caráter polêmico de “apocalipse”). Porém isso não nos impede de seguir com a análise, pois, além de nosso objetivo não ser atestar se se trata ou não de uma fórmula discursiva (o que nos interessa é o percurso), de acordo com Krieg-Planque (2010), como visto acima, para se atingir o estatuto formulaico não é preciso que todas as propriedades estejam equilibradas em grau máximo.

### 3.2.2 Caráter discursivo

Algumas palavras, se enunciadas em certos espaços, são constituintes de temas polêmicos – alguns exemplos em nossa sociedade atual são: invasão, manifestação e golpe. Por serem polêmicas, essas palavras têm uma dimensão discursiva, elas circulam, são enunciadas, retomadas; há uma disputa a respeito delas. A título de exemplo, recentemente, após a prisão do ex-presidente Lula, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) fez um protesto de dentro do triplex que fora atribuído a Lula. Indivíduos com certo posicionamento afirmam que isso foi uma invasão, outros, assim como os adeptos ao movimento, dizem que foi uma ocupação<sup>56</sup>. O mesmo acontece com “manifestação”. Alguns a veem como manifestação legítima, como um ato, já outros a veem como baderna, desordem etc.

Muitas palavras têm uma dimensão discursiva. Pode se tratar, às vezes, de nomes de lugares<sup>57</sup>. Há também expressões que têm esse caráter: mensalão, trensalão etc. Essas palavras têm uma forte dimensão discursiva e, geralmente, carregam uma memória discursiva. “Apocalipse” é uma palavra que tem uma memória poderosa associada a ela. Pode-se afirmar que ter uma dimensão discursiva está correlacionado diretamente às polêmicas em que as

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/pf-abre-investigacao-sobre-invasao-de-triplex-atribuido-a-lula.htm>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>57</sup> Suponhamos que em 2018 se mencione “Curitiba”, ou “a República de Curitiba”, isso tem que ver com Lava Jato, Sérgio Moro, o lugar onde a lei é aplicada etc., o que, por sua vez, também refere à não aplicação da lei nos demais estados, à violação da mesma, à corrupção etc.

palavras se envolvem (falaremos mais detalhadamente sobre isso em 3.2.4), mas isso também tem que ver com memória.

Paveau (2015), após breve resumo de como é considerada a noção de memória discursiva em AD, propõe que seja feita uma divisão além da memória propriamente dita: *desmemória* e *amemória*. A noção de memória usada anteriormente em outros campos (como o filosófico, antropológico e histórico) foi integrada, por Courtine (1981), ao aparato teórico da AD. Para Courtine, é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. Segundo Paveau, a memória é uma tecnologia discursiva tanto interna (memória humana), quanto externa (instrumentos linguísticos e discursivos, mas também vestígios materiais da memória no conjunto do ambiente) que é essencial para a produção dos discursos. A contribuição da autora à noção é devido ao fato de essa afirmação admitir que a memória não é uma capacidade apenas no agente-falante, ela também pode ser distribuída nos ambientes, ou seja, como ela mesma exemplifica, um monumento, um computador, uma inscrição etc.

A partir de Robin (2001), que usava o termo “desmemória” para formular as transformações semióticas de Berlim após a queda do muro – isto é, o batismo de ruas –, a autora anota que esse processo de desmemória aconteceu em outros lugares, como na África do Sul pós-*apartheid*. Outro exemplo, agora de nosso cenário nacional, foi quando os nomes das ruas foram trocados após a ditadura militar de 1964. A partir dessa problemática, Paveau (2015) adere o termo e começa a expor a noção de desmemória discursiva, que para ela se refere a “um conjunto de fenômenos de disjunção dessas evocações e inserções no fio memorial do discurso” (p. 236). Em alguns processos podemos ver a ação da desmemória; geralmente, esses processos dizem respeito a elementos ligados ao sentido e ao referente das palavras. Por exemplo, “desancoragem de certas expressões consagradas a partir de seu contexto referencial original”, “ancoragem de alguns discursos nas formas de outro”, “disjunção entre um significante e seus sentidos e referente” e a “subjeção memorial”.

Já a amemória diz respeito a um “apagamento, consciente ou inconsciente, de um passado ou de um legado discursivo, de ‘formulações-origem’ sobre as quais o falante não gostaria de ter mais nada que dizer” (p. 237). A partir de um fenômeno psicanalítico (o de *denegação*<sup>58</sup>), a autora segue descrevendo, em linguística, como esse processo acontece. Adaptar o fenômeno aos moldes da linguística quer dizer que essa denegação não remete mais

---

<sup>58</sup> Sobre denegação, ver Freud (1925; 1973).

ao acontecimento em si, mas, sim, às palavras que remetem a ele, às palavras que dariam nome a ele e, por conseguinte, o fariam existir ou reexistir.

Falar “apocalipse” é evocar uma memória semântica; em alguns momentos, essa memória é de mais longo prazo (como nas tiras e nos anúncios publicitários apresentados no capítulo dois), em outros, de médio ou curto. Essa memória é, frequentemente, atualizada nas reformulações que são feitas de apocalipse; sempre há uma diferença semântica entre as variantes. “Apocalipse” e suas reformulações ocorrem às vezes desancorados de seus contextos referenciais originais (como quando frente a algo que causa espanto se enuncia: “... mas isso é o fim do mundo”) ou ancorados em discursos que não o seu de origem.

Uma fórmula tem como suporte uma materialidade linguística relativamente estável, situada no enunciado e que pode ser descrita. Entretanto, a fórmula não é uma noção linguística, mas, sim, uma noção discursiva. Krieg-Planque (2010) afirma que “a fórmula não existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (p. 81), isso quer dizer que para uma unidade lexical atingir o estatuto formulaico é preciso que a mesma circule no corpo social, devido a acontecimentos ou diferentes discursos que a utilizam de formas diversas. Um exemplo de acontecimento dado pela autora é o do sintagma “*extreme droite*” (extrema-direita) que só atingiu o estatuto formulaico após um século de circulação quando se tornou objeto de debate público.

Com frequência esta grande circulação de uma fórmula está relacionada às diferentes formas de utilização que os indivíduos fazem dela. Essa utilização geralmente é divergente, isto é, os indivíduos se posicionam de maneira diversa em relação às fórmulas. No debate intenso a respeito do Apocalipse, a sociedade basicamente se divide em dois grupos: os que não creem na possível concretização desse evento e os que creem que, de alguma forma, o mundo terá um fim. Além dessa bifurcação inicial, no interior desse segundo grupo ainda temos inúmeros debates a respeito de quando e como o Apocalipse ocorrerá. Desde religiões até instituições governamentais, há um grande alarde a respeito da consumação do Apocalipse, quer seja ele por meio de catástrofes climáticas, por invasão alienígena, por uma grande epidemia ou por uma guerra.

No site oficial da Igreja Católica do Vaticano<sup>59</sup>, há um grande acervo de audiências gerais, reuniões e reflexões em que o líder da Igreja Católica Romana tomou parte. Numa

---

<sup>59</sup> Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>> Acesso em Out. 2017.

dessas audiências, em Outubro de 2014, o papa Francisco além de usar o livro bíblico do Apocalipse, aconselha os cristãos a se prepararem, pois o fim está próximo:

Hoje queremos interrogar-nos: no final, o que acontecerá com o povo de Deus? Com cada um de nós? O que devemos esperar? O apóstolo Paulo animava os cristãos da comunidade de Tessalônica, que faziam estas mesmas perguntas, e depois da sua argumentação diziam estas palavras, que estão entre as mais bonitas do Novo Testamento: “E assim estaremos para sempre com o Senhor!” (1Ts 4, 17). Trata-se de palavras simples, mas com uma imensa densidade de esperança! “E assim estaremos para sempre com o Senhor!”. Acreditais nisto? ... Parece que não. Credes? Vamos repeti-lo juntos, três vezes? “E assim estaremos para sempre com o Senhor!”. “E assim estaremos para sempre com o Senhor!”. “E assim estaremos para sempre com o Senhor!”. É emblemático o modo como no livro do Apocalipse, retomando a intuição dos Profetas, João descreve a dimensão, derradeira, definitiva, segundo os termos da “nova Jerusalém, eu vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, como uma esposa ornada para o seu esposo” (Ap 21, 2). É isto que nos espera! Então, eis quem é a Igreja: ela é o povo de Deus que segue o Senhor Jesus e que, dia após dia, se prepara para o encontro com Ele, como uma esposa em relação ao seu esposo<sup>60</sup>

Por outro lado, devido à grande mobilização que remetia a questões apocalípticas em 2012, a NASA – agência do Governo Federal dos Estados Unidos responsável pela pesquisa e desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial – se viu responsável por dissipar o medo que tinham as pessoas a respeito do fim do mundo. Em uma entrevista<sup>61</sup> divulgada em seu site governamental, o órgão respondeu perguntas relacionadas aos Apocalipses no geral, visando assim diminuir o medo momentâneo. Segundo a agência,

**O mundo não terminará** em 2012. Nosso planeta tem se saído muito bem por mais de 4 bilhões de anos [...] Não há alinhamentos planetários nas próximas décadas e mesmo que as correntes marítimas ocorram, **seus efeitos sobre a Terra seriam insignificantes**. Um grande alinhamento ocorreu em 1962, por exemplo, e dois outros aconteceram durante 1982 e 2000. A cada dezembro a Terra e o Sol se alinham com o centro aproximado da Via Láctea, mas isso é um **evento anual sem consequências** [...] A Terra sempre esteve sujeita a ser atingida por asteroides, embora **grandes impactos sejam muito raros**. O último grande impacto foi de 65 milhões de anos atrás, e isso levou à extinção dos dinossauros. Hoje, os astrônomos da NASA estão realizando uma pesquisa chamada *Space Guard Survey* para encontrar grandes asteroides próximos à Terra muito antes de atingirem o alvo. Nós já

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-.html>> Acesso em Out. 2017.

<sup>61</sup> Disponível em: <<https://www.nasa.gov/topics/earth/features/2012.html>> Acesso em Out. 2017.

determinamos que **não há asteroides ameaçadores** tão grandes quanto o que matou os dinossauros (*tradução e grifo nosso*)<sup>62</sup>.

Em 2011, foi elaborado nos Estados Unidos o Conplan 8888<sup>63</sup>. O documento foi elaborado pelos militares norte-americanos que traçaram um plano detalhado para proteger a “santidade da vida humana” no caso de um apocalipse zumbi. O documento detalha como o Comando Estratégico dos Estados Unidos deveria agir no caso de os mortos voltarem à vida, como os militares deveriam se posicionar frente à “ameaça de hordas de zumbis que não temem a dor ou a morte para preservar a santidade da vida humana e apoiar a população humana, incluindo a de adversários tradicionais”. Com o objetivo de operacionalizar ações contra a dominação zumbi, o documento pretende: “proteger a humanidade”, “erradicar a ameaça” dos mortos vivos e “ajudar as autoridades a manter a lei e a ordem para repor os serviços básicos após um ataque zumbi”. Embora o Pentágono tenha assumido a legitimidade do documento, os escritos ali contidos são um exercício de treinamento e não um plano para lidar com uma ameaça real iminente.

Além de ocasionar uma grande circulação do assunto na mídia, alguns grupos de pessoas, de fato, acreditam que um apocalipse zumbi pode ocorrer. Para os crentes, esse apocalipse não seria da maneira como um apocalipse zumbi é popularmente tido; novas causas (como protozoários, drogas, células mortas-vivas, proteínas transmissíveis pelo sangue, vírus no DNA, nanorrobôs etc.)<sup>64</sup> fariam com que a maioria dos seres humanos não tivesse mais controle sobre seu corpo, ocasionando assim um caos total.

Os *Preppers* (Preparados) são grupos de indivíduos que estão sempre a postos para qualquer tipo de apocalipse: epidemias devastadoras, terremotos, catástrofes climáticas, ataques de mortos-vivos etc. Esses grupos – como o *Prepperology*, *Preppers World*, *American Preppers Network* etc. –, e vários outros que reúnem milhares de pessoas, ganham cada vez mais voz no espaço virtual.

Em sites especializados sobre o fim do mundo, trocam dicas sobre preparativos que vão desde a compra de moedas de prata, pois essas continuariam valiosas no caso de um colapso do dólar, ao uso de machados e equipamentos de sobrevivência. Originária dos EUA, a tendência, hoje, se espalhou para países como Grã-Bretanha, Alemanha, Colômbia,

---

<sup>62</sup> Disponível em: <<https://www.nasa.gov/topics/earth/features/2012.html>> Acesso em Out. 2017.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/223872345/CONPLAN-8888>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/cotidiano/um-apocalipse-zumbi-pode-acontecer/>> Acesso em Abr. 2018.

Argentina, Eslováquia e República Tcheca, entre outros. No Brasil, as páginas relacionadas aos “*Preppers* Brasil” têm mais de dez mil adeptos.

Em seu *website* oficial<sup>65</sup>, após afirmar que a grande circulação que existe da temática apocalíptica no campo das artes e na mídia, de certa maneira, embasa a prática deles, o grupo se define como “pessoas que sabem que nossa sociedade está desmoronando e que precisam se preparar para manterem-se e manterem suas famílias, diante de um eventual e iminente colapso no sistema. Acreditamos que juntos podemos mais, assim podemos fazer a diferença”. O colapso do sistema é um tema recorrente entre os *preppers* e pode significar desde apagões prolongados até o desaparecimento de toda forma de autoridade. Por isso, os que são mais radicais incluem o armazenamento de armas e munição, além de comida, veículos, geradores e fontes de energia, nos seus preparativos.

Em 2014, foi criada nos EUA a feira anual para os *preppers*, chamada de *PrepperCon*. Segundo os organizadores, a feira se define como “uma exposição nacional de prontidão e sobrevivência que apresenta: fundamentos de preparação e treinamento avançado, soluções de autodefesa, armas de fogo, habilidades de sobrevivência, armazenamento de alimentos, primeiros socorros, tecnologia, construção de *bunkers*, energias alternativas, arco e flecha, suprimentos para caça e oportunidades de conhecer outras pessoas com o mesmo objetivo”<sup>66</sup>.

A maioria dos *preppers* recomenda estocar alimentos e combustível, além de traçar planos para *bug out*<sup>67</sup>, muitos mantêm uma mochila pronta para qualquer eventualidade com tudo o que precisam. Quem não se preocupa com isso é chamado de “zumbi” – metáfora para todos que, por falta de preparativos, na hora do desespero farão de tudo para sobreviver. Embora alguns usem o termo metaforicamente, a ameaça dos mortos-vivos que se alimentam de carne ou cérebro humano é real para este discurso.

Criada em uma das mais populares redes sociais da atualidade, o *Facebook*, a página *Kansas Anti Zombie Militia* (Milícia Anti Zumbis do Kansas) afirma ser um grupo “dedicado à pesquisa e preparação para o apocalipse zumbi”. Os administradores da página, seguida por pouco mais de três mil pessoas, afirmam: “Não somos loucos. Não somos paranoicos, acreditamos na preparação em qualquer situação”. Nos casos mais extremos, os “*doomsday preppers*” – que aguardam um iminente apocalipse a todo momento – se preparam para a

---

<sup>65</sup> Disponível em: <[http://bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150825\\_preppers\\_abc](http://bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150825_preppers_abc)> Acesso em Mar. 2015.

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://preppercon.com/>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>67</sup> Gíria usada pelo exército britânico para se referir ao afastamento de sua localização atual de maneira muito rápida (muitas vezes sob fogo) porque sua posição foi comprometida pelo inimigo.

autossuficiência total, uma sobrevivência independente da sociedade. Para a maioria, no entanto, desastres naturais, ataques terroristas ou epidemias são ameaças mais concretas.

Podemos ver essa proliferação de debates que envolvem o Apocalipse como demonstrativos da sua dimensão discursiva. Além de falar sobre o acontecimento, pessoas e instituições conjecturam sobre como acontecerá, sobre os planos dos governos, sobre quem será salvo etc. Alguns excertos que circularam no campo jornalístico exemplificam tais debates:

A decisão de Carter continua secreta, mas documentos recentemente divulgados pela CIA, juntamente com os arquivos de várias bibliotecas presidenciais, fornecem uma nova perspectiva sobre os preparativos da Casa Branca para um apocalipse iminente. Hoje, tal apocalipse poderia ser desencadeado pelos Estados que possuem armas nucleares, incluindo a Coreia do Norte e o Paquistão [...] Muitos líderes políticos negam as afirmações de que estão treinando para uma possível guerra ou a ideia de que se esconderiam em esconderijos secretos longe da população e de suas famílias. [...] Se o apocalipse estivesse para acontecer, evitá-lo seria considerado um ato de um tolo (*tradução nossa*)<sup>68</sup>.

Um debate muito frequente no âmbito social é sobre a preparação das pessoas ricas para ao Apocalipse. Muito se tem dito que tais pessoas são as únicas que sobreviveriam a algo de tamanha magnitude. No título de uma notícia veiculada no site de notícias CNN, podemos encontrar exemplificada tal questão: “*Bunkers* Bilionários: Como o 1% está se preparando para o apocalipse”<sup>69</sup>. Outro trecho que alude a esse fato é de uma notícia com o título “Notícias que chocam: os líderes do mundo estão preparados para o APOCALIPSE – mas VOCÊ não sobreviverá”<sup>70</sup>. Assim como a ideia do jornalista – que diz que “a classe política da Terra está cavando gigantescas bases subterrâneas enquanto se preparam para um apocalipse iminente, mas apenas alguns poucos serão bem-vindos nelas” – muitos indivíduos pensam que apenas a classe mais abastada financeiramente conseguirá ter meios para se salvar.

Essa visão também é representada no campo das artes, em filmes como *Independence Day*, *O Dia Depois de Amanhã* e *2012*. *Independence Day* é um filme de ficção científica que tem como tema central uma invasão alienígena à Terra. A narrativa gira em torno de um grupo de pessoas que estão no deserto de Nevada, e, junto com o resto da população mundial,

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2017/the-american-governments-secret-plan-for-surviving-the-end-of-the-world/>> Acesso em Out. 2017.

<sup>69</sup> Disponível em: <<http://edition.cnn.com/style/article/doomsday-luxury-bunkers/index>> Acesso em Out. 2017.

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://www.dailystar.co/news/latest-news/Conspiracy-Theory-World-Governments-Bunkers>> Acesso em Out. 2017.

participam da última chance de contra-ataque da humanidade em 4 de julho (mesma data da Independência dos Estados Unidos, o que, no final, funciona como um renascimento da nação, visto que o Governo salvou a Terra do possível extermínio da raça humana).

O fim do mundo começa quando um imenso objeto é identificado na órbita do planeta. Em seguida, emissoras de televisão começam a transmitir, com falhas, interferências, chuviscos e distorções, recados codificados de um mensageiro desconhecido. Enquanto a população atordoada tenta lidar com o iminente caos, o governo norte-americano se reúne e, inicialmente, chega a uma conclusão de que o objeto é um cometa ou um meteoro (outra causa que, com frequência, é usada para descrever o fim do mundo<sup>71</sup>). Para maior desespero da população, a hipótese do governo não foi ratificada quando o objeto se aproxima da Terra e se parte em alguns pedaços – que embora fossem pequenos em relação ao corpo inicial, ainda eram imensos. Esses objetos menores penetram a atmosfera e se situam em alguns pontos conhecidos da Terra, como a Casa Branca, o Taj Mahal, a Torre Eiffel etc. É então que, frente à ameaça iminente, o governo norte-americano decide tomar uma atitude mais ativa (um combate que, para a época de lançamento do filme, pode ser considerado um espetáculo de efeitos especiais – o que torna o filme mais atrativo ao público) e convoca o exército para dissipar tal ameaça extraterrestre.

A obra teve uma renda de bilheteria, a nível mundial, de mais de 817 milhões de dólares (a terceira maior da história do cinema até então, atrás apenas de *Jurassic Park* e d'O Rei Leão<sup>72</sup>). O fato de ter sido o terceiro filme com maior lucro da história do cinema atesta o grande interesse que o espaço social, em geral, tem a respeito das questões do fim do mundo. Além dos cinemas serem abertos antecipadamente, pois não se pôde esperar a data marcada para estreia, o filme é considerado um marco pela crítica cinematográfica e até hoje figura entre as setenta maiores bilheterias. Nessa obra, temos uma reformulação do Apocalipse. O fim do mundo nela não acontece devido ao fogo ou a alguma catástrofe climática; acontece devido a uma invasão alienígena que tenta destruir o planeta. Outro aspecto que difere os apocalipses clássicos é que, nessa obra, a salvação do mundo não é dada por uma divindade; ela é proporcionada pelo exército americano. O ser humano entra como agente da salvação humana, agora não mais o mundo será salvo e redimido por um deus, a raça humana salvará a si mesma. Nota-se aqui uma predileção do discurso científico ao discurso religioso. O poder divino não é mais necessário em um apocalipse; aspectos como o desenvolvimento de armas,

---

<sup>71</sup> Como em: <<https://veja.abril.com.br/o-mundo-nao-vai-acabar-nesta-quinta>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>72</sup> Todos os dados referentes às bilheterias estão disponíveis em: <<http://www.boxofficemojo.com/>> Acesso em Abr. 2018.

a criação de táticas de defesa, a organização das instituições governamentais, a evolução do ser humano serão suficientes para que a raça humana, sozinha, se salve.

Já *O Dia Depois de Amanhã* e *2012* retratam o fim do mundo de maneira similar entre si e com a maneira clássica. Segundo as obras, o mundo acabará por catástrofes naturais. Entretanto algumas diferenças, que dizem respeito à causa do fim do mundo e ao final das narrativas, podem ser elencadas: o filme *2012* é inspirado numa profecia, cunhada por uma civilização antiga – os maias –, que diz, segundo a interpretação de um geólogo que protagoniza o enredo, que o núcleo da Terra começaria a se aquecer sem precedentes. A salvação, encontrada, parcialmente, pelo mesmo geólogo, é que os sobreviventes se refugiem em grandes barcos (que remetem à Arca de Noé), que naveguem pelos oceanos e, por fim, cheguem ao continente africano (que segundo o filme, devido a alterações no solo terrestre, se torna a parte mais alta da Terra que novamente – como no dilúvio cristão – fora destruída, também, por água).

Em *O Dia Depois de Amanhã*, filme de ação, aventura e ficção científica pós-apocalíptico, o fim do mundo acontece devido ao aquecimento e esfriamento global. No início da narrativa, cujo protagonista é um climatologista (novamente um cientista), a personagem principal apresenta as conclusões de sua pesquisa de campo em uma conferência da Organização das Nações Unidas (ONU). Ela, com o auxílio de um meteorologista da NASA, chegou à conclusão de que o aquecimento global, dantes datado para acontecer em longo prazo, agora aconteceria em um período próximo. Os diplomatas e autoridades presentes ali desconfiaram das conclusões do protagonista, mas essa recusa não foi levada muito adiante, pois, logo, uma queda acentuada na temperatura do oceano fez com que o derretimento de geleiras se acelerasse rapidamente. Após muito “choro e ranger de dentes”, o mundo, de fato, chega a um fim. A Terra, agora destruída, não tem mais condições de abrigar os humanos. Um grupo de privilegiados consegue fugir para uma estação espacial e, de lá, consegue ver o hemisfério norte do planeta azul todo coberto de gelo e neve.

Além dos efeitos especiais que esse tipo de filme usualmente (quase sempre!) produz, situações (que acontecem em lugares bem famosos do globo) como enormes tempestades de neve, furiosas tempestades de granizo e espantosos tornados, captam a atenção das pessoas para esse tipo de dramaturgia. O filme foi gravado, em sua maioria, em Montreal e é o mais caro da história de Hollywood filmado no Canadá<sup>73</sup>. Além de esse investimento evidenciar o

---

<sup>73</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Dia\\_depois\\_de\\_Amanh%C3%A3#cite\\_note-4](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Dia_depois_de_Amanh%C3%A3#cite_note-4)> Acesso em Abril 2018.

grande interesse (financeiro) que a indústria cinematográfica tem em produzir obras com esse tipo de temática, ele também atesta o grande interesse da população nessa questão.

O fato de os protagonistas da grande maioria dessas obras serem representados como cientistas atesta a importância “de quem fala”. Como falamos anteriormente, em tese, se se fala de Economia, considera-se mais a alocação de um economista, se de Direito, a de um advogado ou jurista, de futebol, a de um técnico ou ex-jogador etc. A fim de atribuir certa legitimidade aos dizeres apocalípticos apresentados em tais narrativas, a personagem principal é quase sempre representada por um cientista (que simboliza a Ciência, a voz da Razão). Nessas obras, o discurso científico está sempre atrelado às questões apocalípticas (discurso místico). É interessante notar aqui que a “voz de autoridade” que legitima as profecias do passado era sempre oriunda do discurso religioso, ou seja, um profeta (Daniel), um apóstolo (São João) ou um grande líder religioso (Zoroastro). No entanto, na contemporaneidade, a legitimação dessas profecias apocalípticas se dá através de figuras que representam a Ciência, isto é, um geólogo, climatologista, astrônomo etc. Como assinalado brevemente acima, destacamos aqui o grande crescimento do discurso científico que é tido cada vez mais como fonte da Razão. Não estamos dizendo que o discurso religioso não mais influencie diversas esferas do social, o que acontece aqui é o imbricamento de dois discursos, aparentemente, antagônicos (p. ex., ao se discutir questões como a do “aborto”, um posicionamento pode usar tanto argumentos biológicos, como religiosos)<sup>74</sup>.

Analisando esses debates, podemos perceber a maneira pela qual as fórmulas discursivas afetam e fazem parte das relações sociais de um determinado período histórico. Como abordado no primeiro capítulo, Maingueneau (2008[1984]) subdivide o conceito de interdiscurso em três categorias menores: o universo discursivo, o campo discursivo e o espaço discursivo. A fórmula sai do seu lugar de origem e circula por diferentes espaços; “apocalipse”, de maneira semelhante, sai do seu campo discursivo de origem e circula pelo universo discursivo que é “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura” (p. 33).

---

<sup>74</sup> A *hashtag* “útero laico” exemplifica esse debate. A partir dela, algumas mulheres protestam contra a grande influência que, ainda no século XXI, o discurso religioso tem sob questões políticas no Brasil.

### 3.2.3 Caráter de referente social

Segundo Krieg-Planque (2010), uma das principais características de uma fórmula é ser um referente social. Para a fórmula exercer papel de referente social, é preciso que ela seja um signo que evoque algo para todos em determinado momento e para que evoque algo para todos é preciso que esse signo seja conhecido por todos. A respeito da circulação de uma fórmula para diversos campos discursivos (que é algo relacionado ao caráter de referente social das fórmulas) é correto notar:

Dizer que a fórmula é um signo conhecido de todos implica também que esse signo seja atestado em tipos variados de discurso [...] Certas palavras só são fórmulas se saem de seu domínio para invadir o corpo social [...] Para que possamos dizer que a fórmula é um signo conhecido de todos, é preciso que a encontremos nos mais variados tipos de discurso. É preciso que os lugares de emergência da fórmula se diversifiquem. Se a fórmula é originária de uma formação discursiva, deve sair dela (*ibid.*, p. 96).

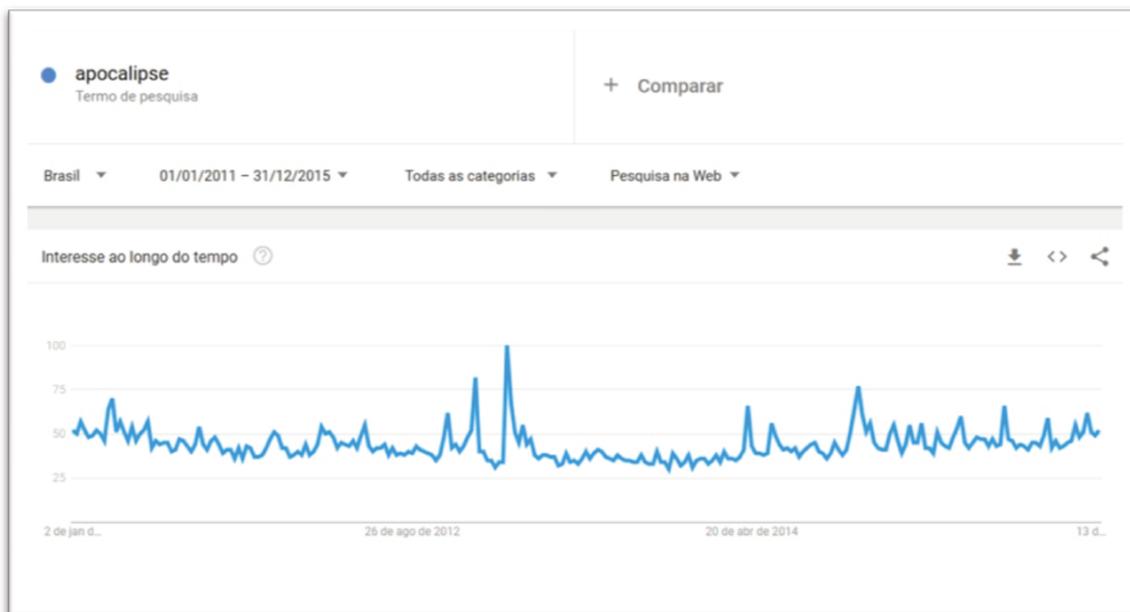
As fórmulas auxiliam a identificar o espaço social. São palavras que constituem pequenas facetas do espaço social e tentam interpretar o mundo para a sociedade. A fim de esclarecer esta questão, ressaltamos como exemplo a fórmula “consciência negra”<sup>75</sup>. A proposta da mesma é tentar interpretar a situação dos negros através de um sintagma, de uma fórmula. Todavia os sentidos não são unívocos. Outro exemplo que pode ser empregado é a disputa de sentidos sobre o sintagma/fórmula “sexo seguro”<sup>76</sup>. Para o discurso médico, sexo seguro é o sexo praticado com preservativos, já para o discurso religioso, o sexo seguro é aquele monogâmico, heterossexual e que acontece no leito conjugal. Essa fórmula revela que há um debate sobre as relações sexuais. A fórmula circula amplamente no espaço social; as pessoas falam sobre ela, seus lugares de surgimento se diversificam, ela sai do seu campo de origem e se torna um objeto partilhado do debate público (*cf.* KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 54).

“Um índice do caráter notório do signo pode ser encontrado no aumento da frequência desse signo, observado ao longo do tempo num corpus estável” (*ibid.*, p. 92). Novamente, utilizamos o *Google Trends* para ver a recorrência de “apocalipse” no Brasil.

---

<sup>75</sup> *cf.* OLIVEIRA (2018).

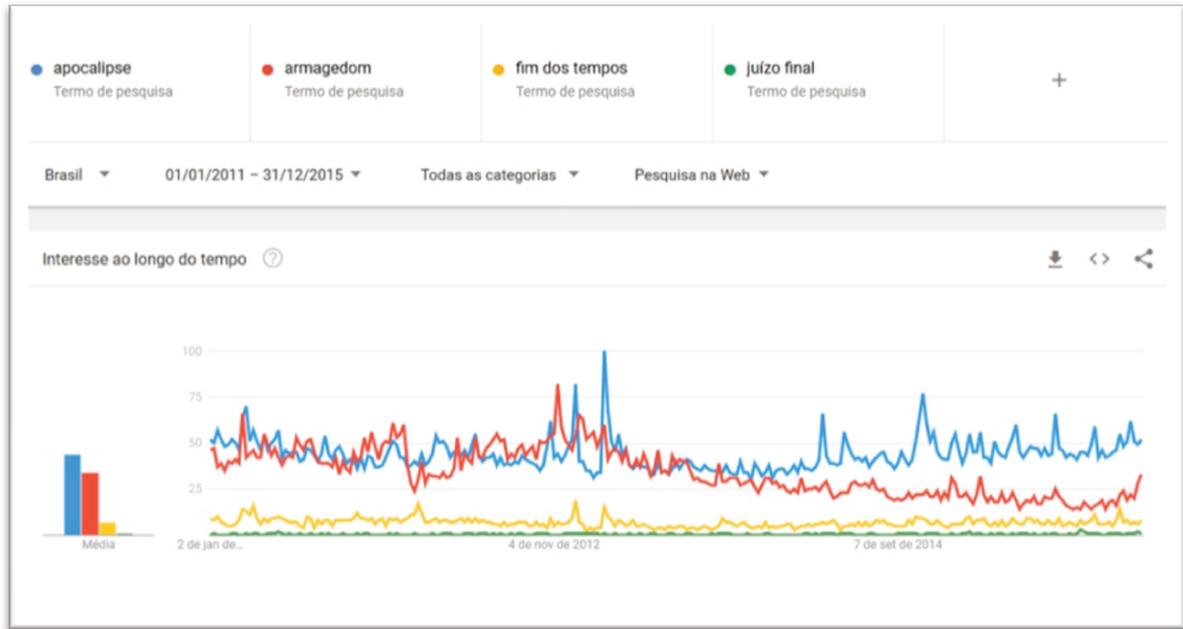
<sup>76</sup> *cf.* FOSSEY (2011).



**Figura 10.** *Google Trends*, Apocalipse.

A Figura 11 registra a ocorrência de “apocalipse” em nosso recorte temporal, 2012 a 2018. A linha contínua indica que durante esse período a unidade lexical se manteve entre os interesses da população em geral. Podemos ver alguns picos nessa linha contínua, esses picos representam o aumento da procura pelo termo. O maior pico no gráfico acima se deu no período entre 16 de dezembro a 22 de dezembro de 2012, período no qual, segundo alguns exegetas, a partir do Calendário Maia, o mundo acabaria. Como dissemos, “a fórmula não existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 81). A autora exemplifica essa citação com o caso do sintagma “*extreme droite*” (extrema-direita) que já existia como sequência antes de atingir o estatuto formulaico. Como ela anota, após um século e meio de circulação, o sintagma recebeu a condição de fórmula quando em julho de 1996, se tornou objeto de debate público. Temos um caso típico de usos que tornam a fórmula, fórmula na Figura 11, em 2012 o debate sobre questões que remetem ao fim do mundo foi potencializado devido à profecia maia. Sabemos que isso apenas não é suficiente para que “apocalipse” atinja o estatuto formulaico, mas é um indício de seu caráter discursivo e de sua grande referencialidade, pois todos se posicionam, opinam sobre ele.

Além de nos possibilitar observar as ocorrências de um termo em um *corpus* estável e vasto, o *Trends* ainda nos permite avaliar essas ocorrências em comparação a outras, como fizemos na Figura 12:



**Figura 11.** *Google Trends*, Apocalipse e variante.

Como falado no capítulo dois, o *Google Trends* foi importante na delimitação do *corpus*, pois a partir das ocorrências encontradas nele, escolhemos a unidade lexical que usaríamos para traçar nosso percurso. Como a ocorrência de “apocalipse” é mais recorrente, escolhemos tratá-la como a possível unidade lexical detentora do estatuto formulaico e as outras como suas variantes, suas reformulações. A respeito de uma delas, há uma peculiaridade na causa da grande recorrência de “armagedom”. O *Google Trends* reúne todas as vezes que certo termo apareceu em determinado momento, a aba “pesquisa na Web” (que pode ser vista na figura acima) é a que determina isso.

“Apocalipse” está diretamente ligado a diversas produções cinematográfica, como vimos anteriormente; assim como com “apocalipse”, “armagedom” também está. Realçamos isso, pois, como podemos ver no gráfico, “armagedom” se mantém com a mesma relevância de “apocalipse” e, por vezes, até se sobrepõe. Entretanto, salientamos que isso se deve ao fato da grande procura feita nesse período por uma produção cinematográfica em específico dos anos 90. *Armagedom* é um filme norte-americano de drama, ficção científica e catástrofe que foi produzido em 1998. A obra foi inspirada na grande batalha relatada na Bíblia que precederia o Apocalipse. Além do grande lucro, tornou-se o filme mais visto do ano e é até hoje muito lembrado. Podemos afirmar que a grande ocorrência de “armagedom” se deve à procura por esse filme, pois, na aba “consultas relacionadas”, podemos ver termos como: “hd

filmes”, “mega filmes hd”, “the walking dead armagedom”, “armagedom filmes grátis completos”, entre outros, sendo correlacionados à unidade lexical.



**Figure 12.** *Google Trends*, Consultas relacionadas (*Google*, Jun/2019)

Portanto, desconsideramos a hipótese de “armagedom” ter uma grande circulação no espaço social, que os indivíduos versem sobre essa batalha, sobre esse episódio, pois se desconsiderarmos essas ocorrências relacionadas ao filme, o termo não seria tão recorrente; se assemelharia mais às outras reformulações (“fim dos tempos” e “juízo final”). Sabemos que “apocalipse”, também por ser retratado em inúmeras obras cinematográficas, tem vasta circulação, mas isso não se deve apenas a essas obras; os indivíduos, de fato, como vimos, estão preocupados ou pesquisam sobre o Apocalipse.

Por diversas vezes, o mundo teve uma data de expiração/destruição marcada, quer seja por catástrofes climáticas, por apocalipses zumbis, intervenção alienígena, etc. Pode-se dizer que o fim do mundo é um traço cultural. Podemos dizer que esse traço é dotado de uma longa memória, fala-se do fim desde que Zoroastro rompeu com a antiga tradição de se pensar o cosmos e conceituou pela primeira vez um dualismo escatológico que resultaria na destruição do planeta – como vimos no primeiro capítulo. Contudo, como pode ser observado, o mundo não acabou em nenhuma dessas previsões. Não obstante, esse traço permanece e parece ser intrínseco ao ser humano, novas previsões são criadas, novos apocalipses são cunhados – tais como 2019, 2060 e 2239<sup>77</sup>. Em virtude dessas repetitivas previsões, a unidade lexical –

<sup>77</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_datas\\_previstas\\_para\\_eventos\\_apocalípticos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_datas_previstas_para_eventos_apocalípticos)> Acesso em Maio 2015.

“apocalipse” – sempre se faz presente no âmbito social, sempre está no meio de debates, é retomada etc.

Podemos atestar a frequência com que o referente “apocalipse” é evocado por meio da grande circulação da unidade lexical em diversos campos discursivos. Como fizemos no capítulo dois, o levantamento das ocorrências de uma fórmula é um tipo de percurso; o percurso elaborado teve a função de mostrar que “apocalipse” ocorre em diversos campos discursivos e em número expressivo. Localizamos ocorrências da palavra em diversos campos discursivos, tais como: publicitário, jornalístico, filosófico, humorístico, político etc.

Contudo, atendo-nos a um desses campos, procuramos no campo jornalístico outra possibilidade de dizer que “apocalipse” reúne as prerrogativas de uma fórmula. Outro indício de que a unidade lexical teria atingido o estatuto formulaico está relacionado aos enunciados que a imprensa produz. Como apontado anteriormente, há uma marca particular que indica que as unidades lexicais são agora referentes sociais – as manchetes “x:y”. Segundo Krieg-Planque (2010),

a parte da esquerda (“x”) desse tipo de manchete, conforme escreve Moillaud, é um “enunciado referencial”: ela é seu pressuposto, remete a um mundo supostamente conhecido pelo leitor. [...] A parte da direita (“y”) constitui o “enunciado informacional” da manchete: ela é o posto do enunciado, o novo, o presumidamente desconhecido. É ela que, de certo ponto de vista, justifica a publicação do artigo: o enunciado informacional “pertence ao mesmo gênero que o artigo do qual ele representa um modelo reduzido” (p. 98).

O enunciado referencial “x” “mobiliza um suposto saber do leitor”. Esse enunciado referencial designa os acontecimentos, objetos ou fenômenos exteriores ao jornal que estão no mundo assim como o leitor o representa. A edição toma como posto que todo indivíduo compreende do que trata o enunciado referencial. Para a autora, as reiterações de uma mesma sequência, ou unidade lexical, na parte referencial da manchete contribuem para identificar temáticas da vida pública.

Grandes veículos de comunicação ocupam-se do Apocalipse e, assim, contribuem para a circulação do termo e de suas variantes. Em nosso *corpus*, além de encontrar a palavra em veículos ligados à área gospel – como nos maiores sites cristãos do Brasil: Gospel Prime e Mídia Gospel –, também encontramos ocorrências em mídias mais gerais – como nos sites Globo, na revista Veja, nos jornais Estadão, Folha de S. Paulo etc. Elencamos alguns enunciados em manchetes jornalísticas que correspondem a estrutura linguística “x:y”.

[E1] “Apocalypse” no Japão: a Europa repensa seus projetos nucleares<sup>78</sup>

Em 11 de março de 2011, ocorreu um desastre na Central Nuclear de Fukushima I ocasionado pelo derretimento de três dos seis reatores nucleares da usina. Após ser atingida por um tsunami provocado por um maremoto, a usina teve uma falha que resultou no derretimento dos reatores. A partir daí, quantidades significativas de material radioativo foram liberadas tornando-se o maior desastre nuclear desde o acidente de Chernobil. Apesar de se tratar de um evento resultante de um desastre natural, muitas pesquisas denunciaram a falta de segurança e de planejamento na construção dessas usinas<sup>79</sup>. Como resultado do próprio desastre e dessas pesquisas, um grande alarde sucedeu em países detentores de força nuclear. Para acalmar a opinião pública que estava preocupada com o “apocalipse no Japão”, a maioria dos países europeus se propôs a testar o nível de segurança de suas centrais nucleares. O “x” (que é tomado como suposto saber do leitor) dessa manchete faz referência ao acidente Fukushima I, mas não se explica o que é um apocalipse. Assim como Krieg-Planque anota, é tomado como dado, de conhecimento geral, saber do que trata o Apocalipse.

[E2] Fim do mundo outra vez: falta menos de duas semanas para o apocalipse<sup>80</sup>

A partir de uma reformulação do “apocalipse”, o enunciado acima alude à determinada profecia apocalíptica, derivada de um texto do Apocalipse, que diz que o mundo acabaria em Abril de 2018. Segundo o texto,

apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à luz (BÍBLIA, Apocalipse 12, 1 e 2).

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/211/apocalipse-no-japao-a-europa-repensa-seus-projetos-nucleares>> Acesso em Out. 2017.

<sup>79</sup> The Fukushima Disaster and Japan’s Nuclear Plant Vulnerability in Comparative Perspective. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~plipsy/LipsyKushidaIncertiEST2013.pdf>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>80</sup> Disponível em: <[https://br.sputniknews.com/mundo\\_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/](https://br.sputniknews.com/mundo_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/)> Acesso em Out. 2017.

Usando como base esse excerto do livro bíblico, algumas pessoas cunharam essa profecia. Segundo a exegese desses crentes, a mulher da passagem representa a constelação de Virgem. No dia 23 de abril, o Sol e a Lua estavam em Virgem, assim como o planeta Júpiter, que, para eles, representa o Messias.

Há outro fato que corrobora essa crença: o escritor e astrônomo (segundo ele mesmo<sup>81</sup>) David Mead afirmava que o sistema planetário X (ou Nibiru) surgiria no céu também em 23 de abril. Para ele, quando o planeta passar perto da Terra, ele provocará o “começo do fim”, que resultará em enormes erupções vulcânicas por causa de sua força gravitacional<sup>82</sup>. No entanto para os cientistas da NASA, isso não passa de mera fantasia. Em 2010, eles desconsideraram a hipótese da existência de um planeta que correspondesse aos traços do Nibiru/X e desmistificaram a crença de que ele atingiria a Terra em 2012<sup>83</sup>. Essa tomada de posição antagônica a respeito de um mesmo tema é uma das características das fórmulas discursivas em geral: a polemicidade; sobre isso falaremos no próximo tópico. Sobre aspectos linguísticos da manchete e sobre a nossa hipótese no momento (o caráter de referente social), podemos dizer que usar “fim do mundo” no enunciado referencial atesta, de certa maneira, que todos sabem do que este trata, todos já ouviram, ao menos uma vez, falar sobre alguma das teorias apocalípticas. Também realçamos o uso do “outra vez”, o que pressupõe que já existiram outras datas apocalípticas anteriores.

[E3] Apocalipsine: O fim do mundo nos cinemas <sup>84</sup>
[E4] X-Men Apocalypse: James Mcavoy fica careca para viver Xavier <sup>85</sup>
[E5] Apocalipse na TV: 9 programas sobre catástrofes, desgraças e o fim do mundo <sup>86</sup>
[E6] Apocalipse: arrebatamento bem feito, mas com Anticristo canastrão <sup>87</sup>

<sup>81</sup> A titulação de Meade é centro de alguns debates nos EUA. Ele já afirmou inúmeras vezes que se graduou em “astronomia e outras coisas” na Universidade de Louisville, mas o jornal The Washington Post relatou que a Universidade não confirmou se Meade havia sido aluno deles ou não.

<sup>82</sup> Disponível em: <<https://express.co.uk/news/weird/944211/end-of-the-world-rapture-april-23-prediction?utm>> Acesso em Abr. 2018.

<sup>83</sup> Disponível em: <[https://www.nasa.gov/sites/default/files/erc\\_jan\\_2010\\_newsletter\\_0.pdf](https://www.nasa.gov/sites/default/files/erc_jan_2010_newsletter_0.pdf)> Acesso em Abr. 2018.

<sup>84</sup> Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/11896-apocalipsine-o-fim-do-mundo-no-cinema>> Acesso em Mar. 2015.

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/x-men-apocalipse-james-mcavoy-fica-careca-para-viver-xavier>> Acesso em Out. 2017.

<sup>86</sup> Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/2017/apocalipse-na-tv-9-programas-sobre-catastrofes-desgracas-e-o-fim-do-mundo.htm?>> Acesso em Abr. 2018.

Agrupamos os enunciados acima, pois, de certa forma, remetem à mesma coisa: produções cinematográficas ou televisivas apocalípticas. [E3] e [E4] são manchetes que falam do Apocalipse no cinema; nas duas, “apocalipse” está em posição tópica, isto é, na parte referencial, funcionando como “x”. Em [3], ao criar um neologismo, a *Folha de S.Paulo* (Ilustrada, 03/12/2012) fez referência aos filmes que retratam o fim do mundo: “*apocalipsine*” representa a fusão de “apocalipse” + “cinema”. De certa forma, os sentidos relacionados ao caráter de destruição e catástrofe sobre a humanidade perdem a intensidade, e se restringem apenas ao fato de servirem como temática para algumas produções cinematográficas com intuito de entreter as pessoas.

Já [E4] é uma manchete que relata um acontecimento de uma dessas produções. *X-Men Apocalipse* também versa a respeito do fim do mundo e nele, novamente, o evento é reformulado. Segundo a narrativa, alguns humanos evoluíram, passaram por uma mutação genética, e a agora têm poderes sobrenaturais. Um desses humanos, que morrera na Antiguidade, ressuscitou nos dias atuais e tenta dominar o mundo, mas essa dominação não se deu de forma pacífica e muitos morreram nesse processo. Diferentemente dos apocalipses clássicos, esse não acontece devido a uma guerra entre o bem e o mal que teve início no começo do Universo, trata-se de apenas um humano evoluído que procura dominar o mundo. O mundo também não será salvo por uma divindade, mas, sim, por outros humanos desse tipo.

[E5] e [E6] referem-se a produções televisivas a respeito do fim do mundo. O primeiro expõe alguns programas que tratam da temática na televisão. A notícia faz uma mistura de apocalipses religiosos e modernos. De acordo com esses programas, o mundo pode acabar de diversas formas, é uma aproximação mais geral do assunto, com o intuito de apresentação. Deixamos [E6] por último nesse grupo, porque é uma manchete que revela fatos pertinentes sobre o espaço social brasileiro contemporâneo. A partir desse caso, passamos a supor que, com exceção dos apocalipses clássicos que são mais difundidos, a adesão dessas novas profecias apocalípticas pelo público geral se dá de forma equivalente à sua transmissão na mídia. Isto é, não se procuram livros escatológicos para descobrir aspectos do fim, não se vai às bibliotecas com intuito de pesquisa a respeito do fim; o que acontece é que a partir da produção midiática de um caso, ou filme a respeito do assunto, os indivíduos se posicionam

---

<sup>87</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/apocalipse-arrebatamento-bem-feito-mas-com-anticristo-canastrao/>> Acesso Abr. 2018.

sobre a temática. Esse fato atesta a importância que damos às obras que, de alguma maneira, versam sobre o Apocalipse.

Mais acima, desconsideramos a hipótese da grande relevância de “armagedom”, pois as inúmeras ocorrências da palavra eram devidas à enorme procura por uma produção cinematográfica. Por efeito de investigação, de pesquisa, mesmo sem o embargo de adir elementos ao nosso *corpus*, sempre averiguamos a circulação da unidade lexical que propusemos para nosso percurso. Podemos afirmar que o mesmo que aconteceu com “armagedom”, na atualidade, acontece com “apocalipse”. Isso se deve à criação de uma telenovela exibida por uma emissora brasileira cristã. *Apocalypse*, título da telenovela, é exibida no horário nobre televisivo, de segunda a sábado, e tem duração de, aproximadamente, uma hora. A novela se manteve como o assunto mais comentado no *Twitter* durante a exibição dos quinze primeiros capítulos (o que, além de contribuir para o caráter de referente social, também contribui para a dimensão discursiva, os indivíduos estão falando do Apocalipse). Após a criação da novela, houve um aumento exponencial na procura pelo termo. Como fizemos com “armagedom”, a aba “consultas relacionadas” nos indicou o seguinte: “apocalipse novela resumo”, resumo novela apocalipse”, resumo da novela apocalipse”, capítulo da novela apocalipse”, “*dailymotion*<sup>88</sup>”, entre outros.

[E6], ao mesmo tempo em que toma “apocalipse” como um referencial para todos, se inscreve em uma polêmica. A notícia se refere à cena de arrebatamento que resultou em muitos comentários à atuação do ator que interpreta o Anticristo. O arrebatamento, segundo o enredo, aconteceu quando o Cristo levou os que estavam salvos, os que seguiram seus preceitos, para o paraíso celestial. A cena se resume em inúmeras pessoas desaparecendo e não deixando rastro algum para trás. A situação se complicou quando pilotos de aviões, motoristas de transportes coletivos, médicos, etc. desapareceram enquanto praticavam seus ofícios. O caos se instaurou e, então, o Anticristo presume que é chegada a hora e que o fim estava próximo. Popularmente difundida entre alguns adeptos do protestantismo, é a crença de que o Anticristo se materializará na figura do Papa (reiteraremos esse aspecto, no próximo tópico, ao tratar da polemicidade das fórmulas). A novela também retratou essa crença, o que ocasionou alguns protestos da Igreja Católica contra sua transmissão.

---

<sup>88</sup> O *Daily Motion* é um site que, assim como o *YouTube*, disponibiliza vídeos dos mais variados conteúdos aos seus usuários. Colocamos isso em nota, pois a questão dos direitos autorais nele são um pouco arrefecidas se em comparação ao seu concorrente *YouTube*, ou seja, acha-se nele capítulos inteiros de telenovelas como a que falamos, enquanto no *YouTube* esse tipo de conteúdo é proibido.

[E7] Apocalipse é adiado, mas não cancelado <sup>89</sup>
[E8] O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019 <sup>90</sup>
[E9] Fim do mundo tem nova data <sup>91</sup>

Estas últimas manchetes, apesar de não corresponderem aos típicos exemplos de Krieg-Planque, veiculam em posição tópica uma reformulação de “apocalipse” (com exceção de [E7] que veicula o próprio item lexical). Compilamos essas manchetes, visto que, vinculada a todas elas temos uma mesma ideia: a da não credibilidade das profecias apocalípticas. [E7] é a manchete de uma notícia que relata a teoria do cientista Bill McGuire que diz que um meteorito poderia ter explodido se passasse próximo à Terra quatro horas mais tarde do que passou. Segundo ele, o meteorito teria feito desaparecer a cidade de São Petersburgo. Há uma discussão sobre a criação de barreiras que protegeriam a Terra desse tipo de catástrofe, mas o tema é frágil, facilmente os criadores dessas barreiras poderiam usá-las como armas contra seus inimigos. O predicado da primeira oração (“... é adiado”) indica que, a despeito de uma previsão, esse apocalipse não ocorreu. Acentuamos aqui a importância da oração adversativa (“..., mas não cancelado”) que segue; a partir dela, podemos inferir duas coisas: i) o mesmo apocalipse – ou seja, meteoritos que podem destruir cidades inteiras – voltará e, dessa vez, causará destruição; e ii) outra forma de destruição virá e um dia o mundo acabará. Nas duas hipóteses, temos atestada a frequência com que essa temática ocorre. Essas constatações também podem ser feitas a respeito de [E9].

Em [E8], temos uma negação ao apocalipse que aconteceria em 2012. Para o jornalista, o apocalipse não acontecerá em 2012, mas acrescenta “será em 2019”. Novamente, vemos nesse enunciado a criação (ou a veiculação) de uma nova data apocalíptica, o que afeta diretamente a credibilidade dessas. Havia uma profecia, dantes confiável, mas que agora sabe-se que não passava de um equívoco. E ainda, há um adendo: o mundo acabará em 2019. O redator da matéria, a partir da junção de comentários de três cientistas (um biólogo, um químico/físico e um médico pesquisador) que ele enxerga como profetas, afirma que o mundo

<sup>89</sup> Disponível em: <[https://br.sputniknews.com/portuguese/2013\\_02\\_19/Apocalipse-adiado-mas-nao-cancelado/](https://br.sputniknews.com/portuguese/2013_02_19/Apocalipse-adiado-mas-nao-cancelado/)> Acesso em Abr. 2018.

<sup>90</sup> Disponível em: <[http://scienceblogs.com.br/rnam/2009/08/o\\_fim\\_do\\_mundo\\_nao\\_sera\\_em\\_201/](http://scienceblogs.com.br/rnam/2009/08/o_fim_do_mundo_nao_sera_em_201/)> Acesso em Abr. 2018.

<sup>91</sup> Disponível em: <[https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/2014\\_02\\_01/novo-prazo-de-morte-de-todos-os-seres-vivos-na-terra-0777/](https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/2014_02_01/novo-prazo-de-morte-de-todos-os-seres-vivos-na-terra-0777/)> Acesso em Abr. 2018.

acabará em 2019 e isso se deve às alterações que o ser humano fez no planeta, à inteligência artificial e ao avanço da tecnologia.

Alguns excertos da notícia nos chamaram atenção:

Nada de fim do mundo Maia em 2012, ou na virada do século novamente. Nada de Nostradamus ou São Malaquias. Nada de borra de café, tarot ou Oráculo de Delphi. Nada de pólos da Terra se invertendo ou meteoros e planetas assassinos como o Hercólobus. Isso é coisa do passado. O novo futuro é 2019.

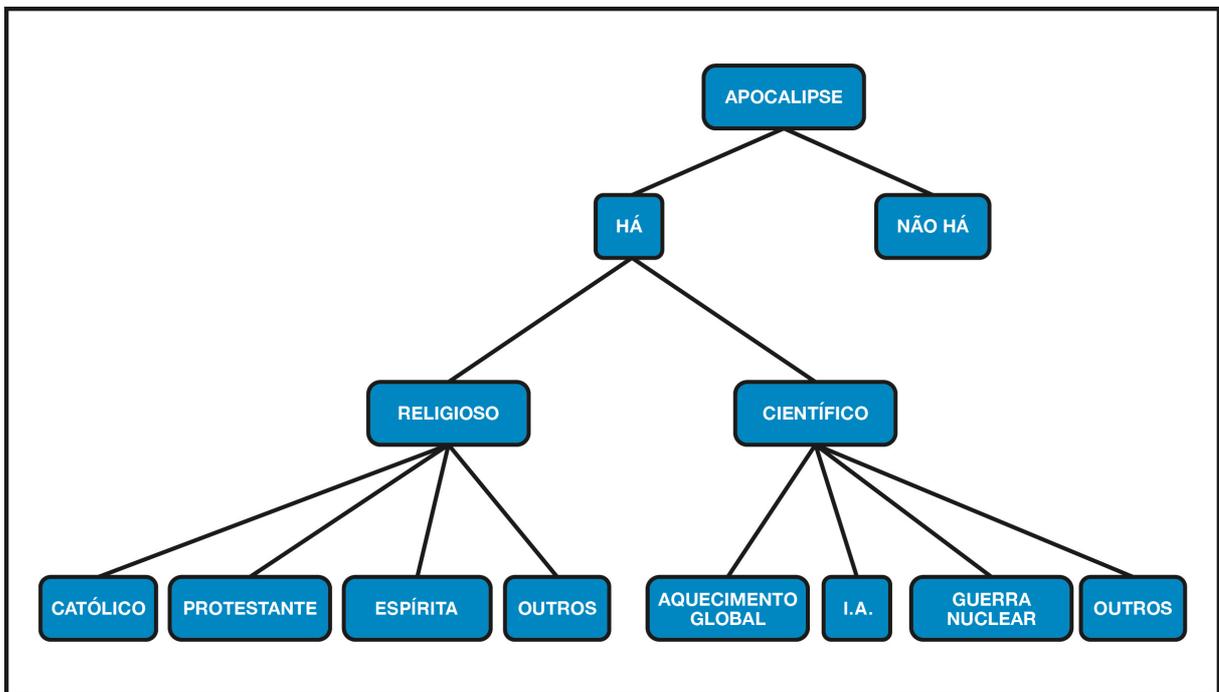
Assim como no título, o autor nega por diversas vezes o uso que se faz de “apocalipse” ou de suas reformulações. Salientamos esse ato, pois, como veremos abaixo, isso é algo que é feito com as fórmulas discursivas. As pessoas se posicionam frente a elas de maneiras diversas. O redator termina seu texto da seguinte maneira:

Pode não ser o fim, e os maias têm que estar errados para passarmos de 2012 e chegarmos lá em 2019. Mas uma coisa é certa: cada vez que damos um passo o mundo sai do lugar, e um novo mundo é o fim do mundo velho.

Realçamos nesse último excerto um exemplo claro da noção de desencaixe de Giddens (1991), como vimos no capítulo dois. Nota-se uma recusa ao que é novo, ao que é tecnológico; há um receio, um temor de que todas essas mudanças feitas pelo homem um dia destruam o que ele chama de mundo velho, que será então substituído pelo mundo novo. Realçamos também o fato dessa notícia estar vinculada a um *website* que tem por título *scienceblogs (blogs de ciência)*. Aqui, temos outro exemplo da questão do encontro de dois discursos diferentes. Além do site ter como título *blogs de ciência* (a despeito da carência de análises, aspectos ou dados científicos), o redator da notícia invoca as ideias de três cientistas que, segundo ele, embasam sua tese. O universo do discurso é povoado por muitos tipos de discursos. É por isso que a AD não aceita fundamentalmente a ideia de uma análise semântica de um texto. Um discurso nunca equivale a um texto; ele se materializa na dispersão de textos e não se pode desconsiderar a hipótese, como assinalada acima, de haver mais de um discurso em um mesmo texto. Retomaremos, na próxima sessão, por questões de ordem, alguns enunciados vinculados à sessão de comentários dessa notícia que servem de exemplos do caráter polêmico das fórmulas.

### 3.2.4 Caráter polêmico

Até aqui vimos que uma fórmula deve se assentar em uma materialidade linguística relativamente estável, ter um caráter discursivo e constituir um referente social. A quarta propriedade constitutiva de uma fórmula discursiva é polêmica. Krieg-Planque, na esteira dos preceitos teóricos de Fiala e Ebel (1983), afirma que antes de mais nada a fórmula é um objeto polêmico. O caráter polêmico é indissociável ao de referente social; é pelo fato de ser um território comum, algo que é partilhado, que instaura uma polêmica. Uma fórmula é portadora de questões sociopolíticas, ela faz circular algo que é grave. Para exemplificar como o polêmico se dá em “apocalipse”, criamos um fluxograma que exhibe alguns posicionamentos a respeito da questão:



**Fluxograma.** O polêmico em “apocalipse” (autoria própria)

O primeiro retângulo representa a unidade lexical que aqui analisamos. Logo em seguida, temos a primeira polêmica (primeira linha): há um posicionamento que acredita que o planeta passará por um evento que resultará em seu fim e um posicionamento que discorda da ideia. Uma vez que o segundo posicionamento não crê que o mundo possa acabar o debate a respeito do tema é inexistente nele. É no primeiro posicionamento que o debate toma forma. É nele que há a maior polêmica: as perspectivas religiosas e científicas (segunda linha). O “religioso” e o “científico” se dividem em grupos menores (terceira linha). Entres estes

também existem polêmicas a respeito do fim. Cada posicionamento tenta definir da sua maneira como o será o fim da vida na Terra. O grupo científico se envolve menos em debates diretos a respeito da questão. O que se faz nele é a tentativa de descobrir a forma como o mundo acabará para assim agir a favor da prevenção da vida humana. Já o grupo religioso leva esse embate de maneira mais acirrada. Esses posicionamentos traduzem o discurso de outrem de maneira pejorativa, o que dificulta a comunicação e ocasiona a produção de *simulacros*.

A análise de uma polêmica abrange fatores que envolvem a consideração do uso que grupos opostos fazem das palavras. Nessas polêmicas há um processo de interincompreensão que rege a relação entre discursos antagonistas – isto é, o discurso de *x* é entendido por *y* de maneira diferente da pretendida por *x* (e vice versa). Maingueneau (2008b) afirma que o espaço discursivo polêmico entre duas formações discursivas é privilegiado para a constituição de um *corpus*. Em *Polêmica como Interincompreensão*, o autor analisa o processo de interincompreensão regrada que rege a relação entre discursos antagonistas. É nesse capítulo também que o analista do discurso retoma o conceito de simulacro, isto é, a tradução depreciativa que é feita do discurso do outro seguindo a semântica global do discurso-agente para ler as práticas do discurso-paciente. Um discurso só é capaz de apreender o outro por meio de simulacros, ou seja, uma tradução depreciativa dos valores do outro em suas próprias categorias de análise.

#### **3.2.4.1 Aspectos iniciais da polêmica**

Abaixo, com a finalidade de fundamentar nosso fluxograma e continuar apresentando o aspecto polêmico de “apocalipse”, elencamos alguns enunciados que exemplificam suas linhas. Com o propósito de evidenciar o aspecto polêmico de “apocalipse”, organizamos essa etapa da pesquisa realçando a relação de oposição entre alguns enunciados do nosso *corpus*. Por exemplo, podemos ver a polêmica da primeira linha (“há x não há”) exemplificada nas seguintes formulações:

FORMULAÇÕES QUE ASSUMEM QUE **HÁ** UM APOCALIPSE:

- (1) “‘Pastor, eu nem acredito no inferno’. Ah filho, quando *cê* descobrir, vai ser tarde demais. Porque só dá pra ter certeza mesmo quando *tiver* lá **do outro lado** [...] Se você é ateu, não acredita em Deus, está com algum problema disso, ficou frustrado porque alguém te decepcionou, eu quero te dar uma notícia: Não adianta nada. Conversa com Deus, não *tô* falando de religião, de igreja. Fala com Deus: ‘Senhor, esse negócio de inferno é verdade mesmo? É quente?’ Eu preciso focar com vocês **a produtividade do reino**” (Pastor Cláudio Duarte, Sou Cristão, 25/03/2017).
- (2) “Eu começo a perguntar a você: **Você está preparado para o arrebatamento? A qualquer hora a trombeta vai soar** [...] Você quer ser arrebatado? Seja cheio do Espírito Santo e a sua lamparina não vai apagar até **aquele dia** [...] **A trombeta vai soar, a qualquer hora eu vou deixar essa Terra**. Parece que o mundo não tem lugar pra nós. **Nós *tamo* aqui de passagem**. Não há uma expectativa em você? Ou você *tá* tão acomodado a esse mundo que não sente nada? Maranata! Maranata! Maranata! Maranata! Maranata!” (Pastor Silas Malafaia, Labaredas de Fogo, 26/10/2017).
- (3) “O presente século é o século mais difícil de se servir a Deus de toda história cristã. Parece que a tecnologia roubou dos homens e das mulheres a crença daquilo que é metafísico, daquilo que é invisível, daquilo que ele pode tocar. O homem moderno só acredita nas coisas que ele pode reproduzir dentro de um laboratório. Só acredita naquilo que a química, que a física e que a matemática mostra pra ele que é verdade. [...] Embora a política seja um antro de coisa ruim, não dá pra viver sem ela. Hoje graças à política eu tenho informações que vou dar a vocês aqui, que me *dá* angústia e o coração chega a bater forte [...] A Inglaterra que foi berço de tantas coisas boas, semana passada, receberam com tristeza a notícia de que entraram no Supremo Tribunal Federal inglês com o pedido para que as igrejas cristãs se preparem para fazer casamento de pessoas do mesmo sexo, de maneira obrigatória [...] Anteontem, o Uruguai, um país vizinho nosso, aprovou a legalização da maconha [...] O governo que aí está [Brasil] é um governo socialista. O governo que aí está é um governo de esquerda. É um governo que faz de tudo para desestruturar o ser humano, que faz de tudo para destruir a família [...] Deus nessa noite quer nos preparar para **o arrebatamento da igreja**. E vai acontecer. Dada a palavra de ordem **o Senhor descera do céu com alarido e voz de arcanjo. Os que morreram em Cristo**

**ressuscitarão primeiro, depois nós, os que ficamos vivos, seremos transformados e arrebatados seremos e estaremos para sempre com o Senhor nos ares [...] Deus rege o mundo por sinais, leia sobre os sinais que antecederão a vinda de Jesus” (Pastor Marco Feliciano, Verdade Sobre o Fim dos Tempos, 08/12/2015)<sup>92</sup>**

No *corpus* desta pesquisa, encontramos mais ocorrências da ideia de fim do mundo no campo religioso do que no científico. Pode-se dizer que a ideia de um apocalipse é amplamente mais abordada no campo religioso do que no campo científico. Embora estejamos apresentando a primeira linha do fluxograma (“há x não há”), ressaltamos três enunciados que também poderiam ser inseridos nas formulações que assumem um apocalipse religioso. Por haver mais ocorrências desse tipo, preferimos reservar as ocorrências científicas para a próxima etapa do trabalho, quando trataremos especificamente do discurso científico.

Vimos acima alguns enunciados que corroboram a crença em um apocalipse. Durante suas pregações, os três pastores exaltam a ideia de que o mundo um dia acabará. Em (1), o enfoque de Duarte é na diferença entre o reino de Deus e o inferno. Para ele, é muito mais compensatório que o sujeito siga os preceitos cristãos na Terra, pois assim, um dia, ele será redimido para o reino dos céus. Duarte, em sua fala, faz uma oposição deveras intrigante entre o reino dos céus e o inferno. Reproduzindo estereótipos clássicos a respeito da imagem que se tem do inferno, o pastor preconiza seus fieis e os ateus a conversarem com Deus. Desse modo, eles descobririam o quão produtivo seria a entrada no reino celestial. De maneira semelhante, Silas Malafaia adverte os fieis a se prepararem para o dia do fim. O pastor afirma que o ser humano não pertence a esse mundo, que ele está “de passagem”. Ao citar Apocalipse 8, quando sete anjos recebem trombetas e as tocam anunciando o tempo do fim, Malafaia diz que a qualquer hora a trombeta pode soar e é bom que o homem esteja preparado para esse dia.

O terceiro excerto merece um destaque maior. Na primeira parte, o pastor, e também deputado federal, fala como é difícil seguir os preceitos cristãos no século corrente. Para ele, a tecnologia e a ciência são as grandes culpadas disso. Feliciano continua afirmando que alguns sinais corroboram a ideia de que o fim está próximo. Esses sinais, aparentemente, são contrários aos mandamentos divinos contidos no livro bíblico. Os sinais, basicamente, são ligados a uma pauta progressista, como o casamento homoafetivo, a legalização da maconha e, novamente, a “destruição da família” tradicional. Diante de todos esses sinais do fim, o

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PC8JPIxgsgY>> Acesso em Abr. 2018.

pastor incentiva os fieis a se prepararem para o arrebatamento. As partes em negrito, que são citações do Apocalipse, juntamente com o título do canal em que Feliciano reproduz sua fala (*Verdade Sobre o Fim dos Tempos*) deixam claro que o pastor acredita que o mundo acabará como o profeta João descreveu.

A pregação de Feliciano tem duração média de uma hora. Do começo ao fim, diferentemente de Silas Malafaia, que recorre a um recurso musical apenas no final de sua pregação, há uma música lenta, calma e sentimental (o que muito contrasta com a mensagem apocalíptica) como pano de fundo de sua fala. Com uma voz bastante impetuosa, mas mais branda do que a de Malafaia, Feliciano reitera, cita e faz alusões a inúmeros versículos do Apocalipse.

#### FORMULAÇÕES QUE ASSUMEM QUE NÃO HÁ UM APOCALIPSE:

- (4) **“Se é ciência deve ter método científico, certo? Pois a análise da BAS [Boletim de Cientistas Atômicos] não é científica.** Acessei matérias em inglês e o site deles. **Não há explicação metodológica, pq. não há um método p/ se classificar o risco de catástrofe. Mesmo feito por cientistas, o relógio não é escala** (até tem jeito de escala *logaritmica*). **É opinativo, arbitrário.** Reconheço que serve p/ alertar a humanidade, o que é positivo, mas está ‘na hora’ de criarem uma escala de fato (no mínimo como os *ratings* de agências de ri” (Hélio Shinsato, Folha de S.Paulo, 13/01/2012)<sup>93</sup>.
- (5) **“Agora imaginem essa frase, na cabeça de um compositor de samba enredo de escola de samba** (leiam cantando em samba enredo) *kkkkkk* **“E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça. E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsias de dar à luz’, diz o verso 12, capítulos 1 e 2 do livro de Apocalipse”** (Wladymir Kowaltchuk, Fim do mundo outra vez, 22/04/2018)<sup>94</sup>.

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://comentarios1.folha.uol.com.br/comentarios/29171skin=folhaonline&device=mobile>> Acesso em Mar. 2015.

<sup>94</sup> Disponível em: <[https://br.sputniknews.com/mundo\\_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/](https://br.sputniknews.com/mundo_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/)> Acesso em Abr. 2018.

- (6) “**Estive em todos os fins do mundo** desde o meio do século passado, **muito legais!**”  
(Eilor De Almeida Marigo, Fim do mundo outra vez, 22/04/2018)<sup>95</sup>.

Mencionamos anteriormente a criação do relógio *Doomsday*, apesar de alguns cientistas acreditarem que a vida na Terra tem hora para acabar, o enunciador de (4) desconfia da previsão apocalíptica feita por eles. Para ele, a cientificidade pressupõe dados, método e análise e como, na visão dele, os cientistas criadores do relógio não apresentam nada do que ele identifica como ciência, ele desconsidera a hipótese de haver um fim do mundo. Apesar de os cientistas se esforçarem para mostrar como os cálculos responsáveis pela medição da hora no relógio são feitos, o leitor discorda da hipótese levantada por eles.

O autor de (5), por meio do humor, satiriza um verso bíblico do Apocalipse. Ele compara o misticismo e o simbolismo dos versos com as fantasias que comumente se utiliza nas festividades de Carnaval. Imaginar um verso bíblico em uma letra de samba, ao mesmo tempo que ridiculariza a mensagem que é tida como seriíssima para os professos cristãos, também tira o peso dos escritos contidos ali. Essa ridicularização também pode ser interpretada como uma negação do evento em si, ou seja, o valor *de re*.

O enunciado (6) é o mais sucinto, porém mais elucidativo. O enunciador, também por meio do humor, diz que esteve em todos os fins do mundo durante sua vida. Pode-se inferir com isso que o mundo nunca acabou, que todas as previsões feitas eram falsas e não críveis. Ao adicionar que os fins de mundo foram “muito legais”, o enunciador nega toda a ideia que se tem de um fim de mundo. Para ele não houve dor, pranto, catástrofes, chuva de fogo ou algo que remeta a isso. Os fins, como não aconteceram, foram dias como outros quaisquer.

Seguindo com as linhas do fluxograma, apontaremos abaixo alguns enunciados que exemplificam a polêmica que se dá em sua terceira linha (“religioso x científico”). Apesar de separarmos um espaço para mostrá-la a seguir, por ser uma polêmica assaz pertinente em nossa pesquisa, retomaremos essa linha ao longo de todo tópico ora apresentado.

---

<sup>95</sup> Disponível em: <[https://br.sputniknews.com/mundo\\_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/](https://br.sputniknews.com/mundo_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/)> Acesso em Abr. 2018.

## FORMULAÇÕES QUE ASSUMEM UM APOCALIPSE RELIGIOSO:

- (7) “kkkkkkkkkkk *ves são ridiculos* por isso poucas pessoas *ve* esse site **o mundo não acabou em 2012 so deus sabe**” (Priscila Santos, *Science Blogs*, 27/04/2017)<sup>96</sup>.
- (8) “A maioria das pessoas **ao invés de confiar nas professias bíblicas, ficam com medos dessas previsões que nunca acertam !!** *To* nem aí para aqueles que falam em fim do mundo” (Sérgio Roberto, *Fim do mundo outra vez*, 27/04/2017)<sup>97</sup>.
- (9) “Pessoas más até se vangloriam em ter o poder nuclear de destruir o mundo daqui ‘5 minutos’. Não se preocupe, **no relógio de Deus falta só ‘1 minuto’ para ele acabar com as pessoas más e todos os que ‘continuam arruinando a Terra’**” (Lúcio, *Folha de S.Paulo*, 13/01/2012)<sup>98</sup>.

Nos dois primeiros exemplos, pode-se verificar que há um posicionamento religioso claro. É interessante realçar que o indivíduo que enuncia (7) desqualifica a crença do autor – percebemos isso por meio do processo de adjetivação feito para designar os editores da matéria e pela afirmativa de que poucas pessoas acessam o site, pois, segundo ela, podemos inferir, eles conjecturam demais –, ao mesmo tempo em que a compara com a profecia maia, dizendo que as duas teriam o mesmo fim: não se concretizariam. No mesmo movimento em que faz tudo isso, o enunciador deixa claro que tem uma crença no fim do mundo, pois, segundo ele, “só deus sabe” a data de validade do mesmo. Assim como em (8), o enunciador diz que não dá importância para as inúmeras previsões elaboradas, mas, sim, acredita na profecia bíblica que, segundo ele, é a única fidedigna.

O enunciado (9) também critica o relógio *Doomsday*. Referindo-se às grandes potências têm possuem poderio bélico atômico, o enunciador desmerece o poder dessas países. Para ele, no “relógio de Deus” falta apenas um minuto para a destruição da Terra. Para seu posicionamento, o religioso, é Deus que tem o controle de tudo. Pode haver guerras, bombas, epidemias etc., mas é Deus quem decide o destino do planeta.

<sup>96</sup> Disponível em: <[http://scienceblogs.com.br/rnam/2009/08/o\\_fim\\_do\\_mundo\\_ao\\_ser\\_em\\_201/](http://scienceblogs.com.br/rnam/2009/08/o_fim_do_mundo_ao_ser_em_201/)> Acesso em Abr. 2018.

<sup>97</sup> Disponível em: <[https://br.sputniknews.com/mundo\\_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/](https://br.sputniknews.com/mundo_insolito/2018041510996248-apocalipse-fim-do-mundo-teoria-conspiracao/)> Acesso em Abr. 2018.

<sup>98</sup> Disponível em: <<https://comentarios1.folha.uol.com.br/comentarios/29171skin=folhaonline&device=mobile>> Acesso em Mar. 2015.

Durante a análise do *corpus*, percebemos que os sujeitos que acreditam em um apocalipse religioso, além de enunciar baseados no discurso religioso, desmerecem seu discurso antagonico, o científico. Acima, vimos alguns enunciados, geralmente relacionados às notícias sobre o fim do mundo, que circularam nas mídias digitais. Os sujeitos que assumem um posicionamento religioso não leem o discurso científico da forma como o discurso científico pretende ser lido. Eles criam um simulacro do seu discurso antagonista.

#### FORMULAÇÕES QUE ASSUMEM UM APOCALIPSE CIENTÍFICO:

- (10) “As concentrações atmosféricas globais de CO<sub>2</sub>, metano (CH<sub>4</sub>) e óxido nitroso (N<sub>2</sub>O)  **aumentaram acentuadamente como resultado da atividade humana** desde 1750, e agora são muito mais elevados do que os valores pré-industriais, determinados a partir de núcleos de gelo que se estendem por muitos milênios [...]  **Com um grau de confiança muito alta, o efeito líquido das atividades humanas desde 1750 tem sido um aumento na temperatura** [...] muito provavelmente eles contribuíram para o aumento do nível do mar durante a segunda metade do século XX” (IPCC, 2007, p. 05 – *tradução nossa*).
- (11) “**O fim do mundo já ocorreu. Podemos ser incrivelmente precisos sobre a data em que o mundo acabou.** A conveniência não é prontamente associada à historiografia, nem mesmo ao tempo geológico. Mas neste caso, é estranhamente claro. **Foi em abril de 1784, quando James Watt patenteou a máquina a vapor, um ato que iniciou o depósito de carbono na crosta terrestre** – a saber, o início da humanidade como uma força geofísica em escala planetária [...] **O fim do mundo está relacionado ao Antropoceno, ao aquecimento global e à subsequente mudança climática drástica**, cujo escopo preciso permanece incerto enquanto sua realidade é verificada além de qualquer dúvida” (MORTON, 2013 – *tradução nossa*)<sup>99</sup>
- (12) “**Se você quer ter algo para se preocupar, afirma a maioria dos cientistas, deve refletir sobre as mudanças climáticas globais, asteroides ou guerra nuclear** [...] **O apocalipse geológico é uma aposta melhor.** Já houve grandes terremotos na Califórnia, e provavelmente haverá outros. Esses tremores poderiam destruir Los Angeles, como mostrou o filme, e Yellowstone poderia

<sup>99</sup> Disponível em: <<http://massivelyinvisibleobjects.org/wp-content/uploads/2015/04/Hyperobjects.pdf>> Acesso em Jun. 2018.

entrar em erupção novamente com uma força cataclísmica, mais cedo ou mais tarde” (Dennis Overbye, *The New York Times*, 23/11/2012)<sup>100</sup>.

O excerto (10) tem uma importância que vale a pena ser realçada. O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) é o grande suporte científico utilizado para justificar a abordagem alarmista que se tem recentemente a respeito do aquecimento global. A organização, criada em 1988 após uma ação conjunta entre a Organização Meteorológica Mundial (OMM) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), tem por objetivo principal “analisar as informações científicas necessárias para abordar o problema das alterações climáticas e avaliar as suas consequências ambientais e socioeconômicas e formular estratégias de resposta realistas” (IPCC, 2007, p. 03 – *tradução nossa*). Oliveira (2018), em seu protocolo, ressalta a importância de se procurar “textos-chave” na identificação de fórmulas. Reproduzindo as diretrizes do autor, digitamos em um buscador digital entradas como “documento fim do mundo”, “projeto fim do mundo” e “controvérsia fim do mundo” e, então, encontramos o texto do IPCC. O texto do IPCC pode ser considerado como um “texto-chave” para o posicionamento que acredita que o mundo pode ter seu fim por causa do aquecimento global.

Morton (2013), pesquisador referência no ramo da Ecologia, de certa maneira, retoma as ideias do IPCC. Para ele, como se pode ver nos grifos de (11), o fim do mundo ocorreu quando o homem passou a se preocupar mais com seu bem-estar do que com o bem-estar do planeta. Para esse posicionamento, a revolução industrial é o marco inicial da caminhada do planeta para o fim. Salientamos o último grifo em (11): “o fim do mundo está relacionado ao Antropoceno, ao aquecimento global e à subsequente mudança climática drástica”. O geólogo, e os cientistas em geral, ao afirmar que o fim do mundo está relacionado ao Antropoceno<sup>101</sup> rompem com uma ideia que é essencial na ideia de fim do mundo religiosa. Agora, o fim do mundo seria resultado das ações humanas e não mais de um conflito cósmico que influencia as atividades terrestres. Outra questão, também polêmica, levantada pelo discurso científico é a de que não há nada após o fim do mundo. Para a ciência, se a vida ficar impossibilitada no planeta Terra devido à ação do homem, este não será redimido para um outro lugar como prega o discurso religioso. Não há a abertura de uma nova vida para a

---

<sup>100</sup> Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/ciencia/2009/11/-cientistas-criticam-proposta-de-2012-e-indicam-cenarios-de-fim-do-mundo.shtml>> Acesso em Mar. 2015.

<sup>101</sup> Antropoceno é um conceito geológico que designa a idade geológica atual, visto como o período durante o qual a atividade humana tem sido a influência dominante no clima e no meio ambiente. O impacto humano no clima é o que se chama de “Era do Antropoceno”.

ciência. Após o fim não haverá nada. Retomaremos todas estas questões no tópico em que abordamos, mais especificamente, algumas visões apocalípticas no campo científico.

Em (12) vemos uma posição que pode ser tida como clássica da ciência. A partir de uma negação do suposto apocalipse maia, cientistas aconselham a população a se preocupar com o que, segundo eles, seriam reais ameaças: “mudanças climáticas globais”, “asteroides”, “guerra nuclear” etc. Vemos aqui também a ação do homem como causadora principal de um possível fim do mundo. Há também nesse excerto uma reformulação da unidade lexical “apocalipse”. “Apocalipse ecológico”, como colocado pelo autor da matéria, é ressignificado como um novo apocalipse. Embora se faça referência clara ao livro de São João, o Apocalipse não mais é o predito pelo profeta, mas, sim, um que é relacionado ao estudo científico da distribuição e abundância dos seres vivos e das interações que determinam a sua distribuição.

Como adendo, visto que não nos preocupamos especificamente com isso nesta parte do trabalho, chamamos a atenção para um enunciado que, de certa maneira, corrobora a tese de Giddens (1991b). Embora ele não se encaixe de maneira clara em um posicionamento relativo à questão, trata-se de uma postura que muitos dos envolvidos no debate têm. Muitos indivíduos tomam uma atitude mais reativa às profecias do fim. Um comentário vinculado a [E8] (“O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019”) que pergunta sobre a veracidade da notícia (“vai ser verdade?”) exemplifica essa postura. O sujeito da contemporaneidade, como Giddens explica, não tem mais uma relação de confiança em alguns aspectos do social, ele não se sente seguro. A partir de uma memória – que é fundamentalmente longa, como vimos no primeiro capítulo – que remete aos primeiros escritos escatológicos, o ser humano crê na finitude do mundo como o conhecemos. Nessa mescla de insegurança e retomada de mitos antigos, esse indivíduo pressupõe que o mundo, de fato, irá terminar e, a despeito do quão crível seja ou não a profecia, ele, na maioria das vezes, se põe em dúvida a respeito da ocorrência da mesma.

Embora tenhamos dito que essa breve análise foi feita como adendo, tal questão, de certa forma, também alude à questão da polemicidade das fórmulas. Krieg-Planque (2010) anota que

a fórmula é portadora de questões sociopolíticas. Estendemos com isso que ela põe em jogo algo grave. “Grave” não necessariamente num sentido dramático, mas no sentido de que ela põe em jogo a existência das pessoas: a fórmula põe em jogo os modos de vida (p. 100).

Vimos no capítulo dois alguns casos de como esse debate norteou “os modos de vida” de determinados grupos de pessoas. A fórmula não apenas participa desse tipo de debate, ela influencia nas práticas do sujeito, quer seja pela retirada das poupanças dos bancos (como no *Bug Y2K*) ou da imigração de toda uma comunidade para o meio da floresta Amazônica (como no caso de Jim Jones).

### **3.3 Ciência x Religião: uma antiga dicotomia**

O abismo entre ciência e religião têm crescido desde que Descartes (1991[1637]) rompeu com a tradição de produzir ciência a partir de dogmas religiosos e propôs um novo método para análise científica. Para o filósofo, tudo começa em uma dúvida. Duvidar de tudo, não aceitar nenhuma verdade, seria o primeiro passo. A dúvida, assim, se torna o pilar do método cartesiano, que passa a considerar falso tudo aquilo que possa ser posto em dúvida. O pensamento de Descartes resultou num rompimento com a filosofia tradicional aristotélica e medieval, abrindo caminho para o método científico e a filosofia moderna. Durante a Idade Média, a filosofia estava intimamente ligada à Igreja Católica e, apesar dos grandes avanços nessa área, o pensamento estava subordinado aos dogmas da Igreja. O filósofo francês foi um dos primeiros grandes pensadores a exercer a filosofia fora do ambiente da Igreja, o que até hoje é tido como uma revolução nos métodos filosóficos.

O Iluminismo, entre outros movimentos representativos, deixou essa fissura ainda mais lacerada. Com o propósito de iluminar as trevas em que se encontrava a sociedade, esse movimento intelectual filosófico defendia a primazia da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média. Como pode ser observado, desde os primórdios da ciência moderna, há uma forte tendência de se separar as inquietações religiosas das inquietações científicas. A razão, para os filósofos, difere da emoção. A razão está mais para a ciência, para o método e para os dados; em contrapartida, a emoção está mais para a religião, para a reza e para a fé.

Essa dicotomia afeta em demasia as interpretações que diferentes discursos fazem da unidade lexical que analisamos aqui. Pode-se observar a polêmica de uma fórmula discursiva quando grupos se posicionam de maneira divergente frente à sua interpretação; diversas interpretações opostas de uma palavra são um indício de que ela está atingindo o estatuto formulaico. “Como a fórmula frequentemente concentra uma pluralidade de questões e

também há diversas maneiras de tomar parte no debate, uma fórmula raramente participa de um único processo discursivo e, então, quase sempre entra em polêmicas variadas (*cf.* KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 102). O caráter polêmico da fórmula faz com que ela seja alvo de diversas discussões tanto acerca do uso do termo (valor *de dicto*), quanto acerca do que o próprio referente designa (valor *de re*). A propósito de “apocalipse”, pode-se observar inúmeros debates a respeito da possível ocorrência do evento, divergentes ideias sobre o que seria o apocalipse ou como o mundo irá acabar – o que constitui o seu valor *de re*.

A seguir, propomo-nos a analisar os diversos posicionamentos a respeito do tema “fim do mundo” dentro de dois campos discursivos: o científico e o religioso. Evidenciar esses posicionamentos tem a finalidade de explorar ainda mais o caráter polêmico de “apocalipse”. Num primeiro momento, explicitamos o que é o Apocalipse para cada uma das religiões que escolhemos para o fluxograma. Ainda no campo religioso, averiguamos se elas dialogam entre si, se há polêmicas entre elas e quais os discursos que fazem circular. Na segunda etapa, trabalhamos de maneira similar com o discurso científico. Explicitamos algumas causas que este prevê para o fim do mundo, se os posicionamentos desse campo dialogam entre si etc. Analisar as diversas profecias apocalípticas que as religiões têm e as diversas possibilidades para o fim do mundo que a ciência tem, além de evidenciar inúmeras relações polêmicas, evidencia a maneira como dois importantes campos discursivos da contemporaneidade se posicionam a respeito da temática e os discursos que os sujeitos inseridos neles fazem circular.

### **3.3.1 Apocalipse e religião**

A respeito de nossa palavra, o interdiscurso encontra-se dividido em dois posicionamentos: o primeiro acredita que um dia ocorrerá o fim e o segundo discorda da ocorrência desse fato (“há x não há”). Entre os que concordam com um possível fim para a “raça humana” estão os que acreditam que esse fim será devido a um aspecto que transcende a ação do homem (“religioso”) e os que, na outra ponta da polêmica, acreditam que a ação do homem é a maior culpada da ocorrência do evento (“científico”). Dividimos esses dois campos em espaços menores (terceira linha do fluxograma), uma relação de oposição pode ser vista não apenas na primeira (“há x não há”) e na segunda linha (“religioso x científico”), ela também está presente na quarta linha, isto é, não há homogeneidade tanto nas interpretações

apocalípticas cristãs, quanto nas possibilidades de fim do mundo científicas. E é isso que nos dedicamos a mostrar a seguir.

O campo religioso se divide em algumas vertentes. Segundo *O Livro dos Fatos Mundiais* (tradução para *The World Factbook*<sup>102</sup>), produzido pela Agência Governamental de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), há no mundo vinte e duas religiões populares. Sete destas são consideradas os sistemas religiosos e espirituais com maior número de adeptos e as quinze restantes são consideradas de porte mediano.

Como já apontado, diversas religiões versam a respeito do fim do mundo. A escolha que fizemos de analisar os espaços do Catolicismo, do Protestantismo e do Espiritismo não foi arbitrária. Como realçado, segundo dados do IBGE, o Cristianismo, com certa folga (86,8%), é a religião predominante no Brasil. Dentro desse grupo, a maior denominação é a Igreja Católica. 64,6%, dos 86,8% cristãos, são (ou se dizem!) católicos. Em segundo lugar estão os protestantes, que correspondem a 22,2% dessa fatia. No entanto, uma ressalva deve ser feita, os dados expostos correspondem ao censo de 2010, a estimativa é de que a porcentagem dos protestantes tenha aumentado drasticamente nos últimos anos. Escolhemos o Catolicismo e o Protestantismo (exponemos as razões pelas quais escolhemos o Espiritismo em um tópico posterior), pois são as denominações com mais adeptos no Brasil. Justificamos essa escolha devido à relevância que essas vertentes têm no espaço social brasileiro. Além disso, são os sujeitos que assumem posicionamentos dentro desses discursos que fazem o item lexical “apocalipse” circular amplamente.

### **3.3.1.1 Catolicismo e Protestantismo**

No primeiro capítulo, apresentamos um percurso histórico que exibiu a gênese de “apocalipse”. Ali, nos dedicamos a destrinchar as interpretações de fim do mundo de três religiões: o Zoroastrismo, o Judaísmo e o Cristianismo. Como já especificamos as perspectivas cristãs a respeito do fim do mundo, não nos deteremos aqui em revelar mais aspectos desta ordem. Reservamos essa etapa para apresentar a relação polêmica que há entre certos posicionamentos religiosos.

---

<sup>102</sup> Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook.html>> Acesso em Jun 2018.

Por conseguinte, começamos apresentando um momento em que o Papa Francisco, como representante de uma instituição – a Igreja Católica –, faz menção ao Apocalipse. Na audiência geral de Dezembro de 2013, o pontífice afirmou que haverá um tempo em que Deus restituirá seus fiéis ao domínio divino e “quem teme a Jesus não terá o Juízo Final”:

Concentro-me no juízo final. Mas não devemos ter medo: ouçamos aquilo que diz a Palavra de Deus [...] Quando pensamos no retorno de Cristo e no seu juízo final, que manifestará, até suas últimas consequências, o bem que cada um terá cumprido ou terá omitido de cumprir durante a sua vida terrena, percebemos nos encontramos diante de um mistério que paira sobre nós, que não conseguimos sequer imaginar [...] aquele juízo final já está em vigor, começa agora no curso da nossa existência. Tal juízo é pronunciado a cada instante da vida, como verificação do nosso acolhimento com fé da salvação presente e operante em Cristo [...] pensando neste juízo que começa agora, e já começou. Avante então com esta certeza, que nos levará à glória do céu<sup>103</sup>.

Segundo o líder religioso, os fiéis não devem ter medo do fim, eles devem se apoiar na palavra de Deus. Francisco continua sua fala aconselhando os seguidores católicos a se apegarem ao bem, pois quando o Cristo retornar, no Juízo Final, todo bem, assim como todo mal, será exposto. O juízo divino, segundo ele, já está em curso hoje. Os humanos serão julgados de acordo com suas ações enquanto estiveram na Terra. O papa termina com uma boa notícia para os fiéis: “Avante então com esta certeza, que nos levará à glória do céu”. Este enunciado evidencia as expectativas que tanto a Igreja, quanto os seguidores católicos, têm. Um dia, após o Juízo Final, que se passará no Apocalipse, os que fizeram predominantemente o bem serão redimidos para um reino celestial para morar juntamente com o Cristo ressurreto.

Anteriormente mostramos que a crença em um dualismo escatológico que resultaria no fim do mundo como o conhecemos é oriunda do discurso religioso e, por diversos séculos, foi reiterada ou reformulada pelo mesmo. Não obstante, há certa heterogeneidade ao se tratar da questão mesmo que dentro de seu campo de origem. As expectativas do Papa e dos católicos mencionadas acima não são consideradas fidedignas pelo segundo posicionamento que vamos analisar aqui, os protestantes.

Com mais de 900 milhões de adeptos, quase 40% de todos os cristãos, o Protestantismo é a segunda maior ramificação do Cristianismo no mundo<sup>104</sup>. Para efeito de análise, não podemos deixar de notar que há uma enorme divergência mesmo dentro do campo religioso, entre o posicionamento católico e o posicionamento protestante. Uma das

<sup>103</sup> Disponível em: <<https://acidigital.com/noticias/o-papa-quem-se-abre-a-jesus-nao-teme-o-juizo-final-51636>> Acesso em Out. 2017.

<sup>104</sup> Disponível em: <<http://www.gordonconwell.edu/resources/documents/1IBMR2015.pdf>> Acesso em Abr. 2018.

razões para essa divergência é o nascimento desse movimento que por si só faz com que essas vertentes do Cristianismo sejam opostas por natureza. O movimento teve sua origem na Alemanha do século XVI, a partir das 95 teses de Martinho Lutero, que eram um manifesto contra abusos relacionados à venda de indulgências pela Igreja Católica, que pretendia oferecer remissão de pecado aos seus compradores. Fazendo jus à sua gênese, os protestantes até hoje rejeitam a doutrina católica romana da supremacia papal e dos sacramentos.

Algumas diferenças entre a doutrina católica e a protestante são:

**(i) A remissão dos pecados** – Para os protestantes, o sacrifício do Cristo na cruz bastava para que o homem um dia pudesse ser redimido. Já os católicos diziam que as indulgências contribuíam com a salvação do homem;

**(ii) O batismo** – Trata-se do ato de sacramento do Cristianismo, que apaga o pecado original de quem o recebe e a este confere o caráter de cristão. Para os protestantes, o batismo é feito por imersão. Para os católicos, por aspersion;

**(iii) Orações e rezas** – Especificamos duas unidades lexicais pelo fato de a primeira ser mais usada no espaço protestante e a segunda no católico. Não é comum na doutrina protestante, salvo o caso do Pai Nosso, que se decore versos para se comunicar com uma divindade;

**(iv) Os dez mandamentos** – Encontram-se versões diferentes dos dez mandamentos nos posicionamentos católico e protestante. Segundo o Catecismo da Igreja Católica<sup>105</sup>, o segundo mandamento seria “não invocar o Santo Nome de Deus em vão”. Já para os protestantes, esse seria o terceiro mandamento. O segundo seria um que proíbe a veneração de “falsas imagens de escultura”. Os protestantes interpretam os santos expostos em igrejas e lares católicos como sendo essas falsas imagem de escultura. Outro mandamento polêmico é o terceiro. Para os católicos, o terceiro seria o que aconselha “a santificação dos domingos e festas de guarda”. Por outro lado, os protestantes têm em suas bíblias uma versão que diz para se santificar os sábados;

Todos esses aspectos divergentes constituem polêmicas entre esses posicionamentos. A respeito do Apocalipse, uma primeira polêmica que pode ser realçada é a afirmação dos protestantes de que a Igreja Católica é a “besta”, “a grande babilônia” ou “a prostituta” deste livro. Essas figuras simbólicas, de acordo com a exegese cristã, seriam inimigas do povo

---

<sup>105</sup> Disponível em: <<http://www.paroquiaz.org/downloads/acolitos/livros/compendio.pdf>> Acesso em Jun. 2018.

verdadeiro de Deus. Em excertos do próprio Martinho Lutero, por muitos considerados o pai da Reforma Protestante, podemos encontrar enunciados que corroboram a afirmação até hoje reproduzida pelos protestantes. Em 1519, o monge afirmou que não tinha certeza “se o Papa é o Anticristo ou seu apóstolo” (SCHINDEL, 1916, p. 73).

Esse pensamento é reiterado na fala de alguns pastores protestantes no espaço social brasileiro. Em uma entrevista ao *De Frente com Gabi*, exibido em fevereiro de 2013, um desses pastores, frequentemente envolvido em debates, afirma que o papado não representa coisa alguma para ele e, conseqüentemente, para seus fieis. Segundo Silas Malafaia, em suas palavras, o papa é “apenas o líder de uma religião. Não reconhecemos ele como sucessor de Cristo, esse reconhecimento nós não damos a ele”. Ao ser questionado sobre a existência de um sucessor do Cristo na Terra, o pastor, com certa jocosidade, responde:

O sucessor de Cristo são seus seguidores, que Ele mandou a gente aqui na Terra imitá-lo e pregar o que Ele deixou. Não tem uma pessoa... Ele não deixou: “Olha, esse cara aqui vai comandar”. Não teve essa. E outra, se Pedro foi sucessor de Cristo esqueceram de avisar eles que Pedro era casado. Jesus curou a sogra de Pedro. Devia de liberar eles pra casarem, mas *vamo embora, é outra história*<sup>106</sup>.

Malafaia, em diversos momentos, se envolve em polêmicas ao se referir ao papado como algo ruim. Recuperando uma crença protestante comum de que no tempo do fim haveria uma junção de todas as povos na perseguição da verdadeira igreja, o pastor afirma que sua igreja não participará desse movimento, pois, segundo ele, as doutrinas e os dogmas desses povos são diferentes<sup>107</sup>. Em uma rede social, Malafaia fez uma publicação afirmando ser a Igreja Católica a líder desse movimento.

---

<sup>106</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>> Acesso em Jun. 2018.

<sup>107</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZGcFcEM3JIs>> Acesso em Jun. 2018.



**Figura 12.** Exemplo de posicionamento polêmico frente ao debate<sup>108</sup> (Facebook, Jun/2018)

Realçamos essa publicação, pois é importante que se veja como os sujeitos desse posicionamento se colocam a respeito da questão e não apenas as instituições. Alguns enunciados, que circularam na seção de comentários da publicação, como “a trombeta está tocando”, “Jesus *esta* voltando esse *e* um sinal dos fim dos tempos” e “verdade Jesus está voltando!” mostram que os seguidores interpretam esse movimento como um sinal do Apocalipse.

Outra crença polêmica protestante é a de que o número da besta (como descrito em Apocalipse 13, 18) seria uma referência ao papado. Embasados em profecias de Nostradamus, que previu um “papa negro” assumindo o trono do Vaticano antes que o mundo finalmente chegasse ao fim, e de São Malaquias, padre irlandês que viveu no século XII, que diz que o 112º homem a assumir o trono do Vaticano depois de Celestine II seria “o Papa antes do fim

<sup>108</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/Pr.SilasMalafaia/posts/957339007753436>> Acesso em Jun 2018.

dos tempos”, alguns indivíduos acreditam que o Papa Francisco seja o último papa antes do Apocalipse.

A interpretação dessas previsões diz que a postura que o atual papa tem (Francisco tem revolucionado os ensinamentos da Igreja Católica com os seus pensamentos atuais sobre assuntos polêmicos para o catolicismo, como homossexualidade, tecnologia, aborto, drogas etc.), juntamente com o fato de que ele é o 112º homem a assumir o trono do Vaticano seriam sinais indiscutíveis de que Francisco é o último papa e de que o fim está próximo. Alguns numerólogos observaram a data da eleição em que Francisco foi eleito Papa. No dia 03/03/13, a luz que iluminava a Basílica de São Pedro se apagou repentinamente, cortando toda a claridade do lugar, o que leva a crer que Nostradamus não se referia a um papa de cor negra, mas sim “recebido” pela escuridão, representada pela falta de energia no local.

Aqui temos um exemplo de como o caráter polêmico de “apocalipse” influencia em outras propriedades discursivas da fórmula. Todas essas polêmicas em que a unidade lexical frequentemente está envolvida fazem com que ela circule amplamente no espaço social. Além de potencializar a circulação da palavra, a polêmica também auxiliou na produtividade lexicológica de “apocalipse”. A partir dessas profecias, criou-se um novo sintagma para se referir ao Papa Francisco. Vejamos alguns exemplos:

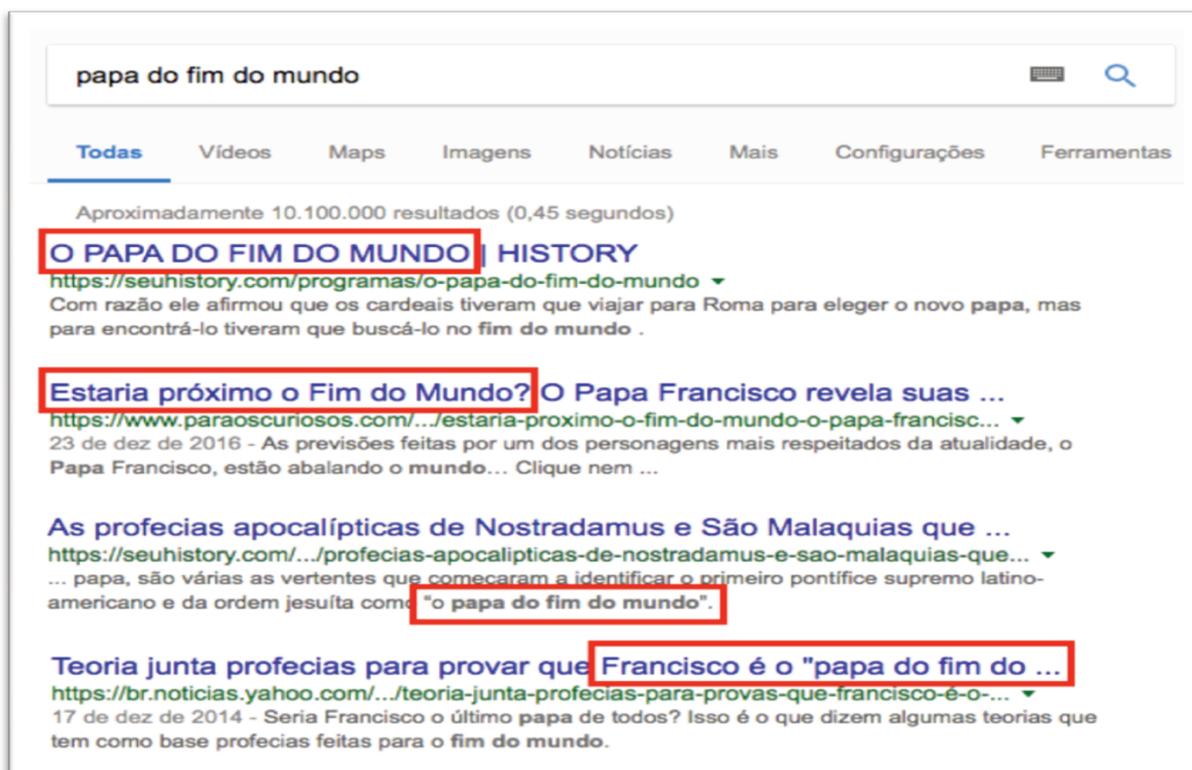


Figura 12. Printscreen das ocorrências de “papa do fim do mundo” (Google, Jun/2018)

Ao falar sobre a circulação de “apocalipse”, mencionamos anteriormente que, devido a uma telenovela, “apocalipse” tem circulado amplamente no corpo social brasileiro. Não consideramos esse fato relevante para a análise, uma vez que os sujeitos estão procurando mais aspectos relacionados à novela do que aspectos relacionados ao fim do mundo. Todavia, algo produtivo que pode ser retirado dessa circulação é o debate que foi (res)suscitado a partir da cena já mencionada em que o Anticristo foi representado como sendo o Papa. A emissora faz circular essa crença protestante de que o Anticristo, como descrito no Apocalipse, se materializará na figura papal. Muitos católicos protestaram contra a transmissão da novela e diversos sites católicos abordaram o ocorrido.

Em *Como responder ao “Apocalipse” da Rede Record*<sup>109</sup>, o padre Ricardo tenta auxiliar os católicos a como proceder no debate com os protestantes. O padre, retomando a questão da gênese do Protestantismo, afirma que “desde 1517, os ataques à Igreja Católica constituem, praticamente, a razão de ser do protestantismo”. De acordo com ele, a primeira medida que deve ser tomada é o boicote da novela; “um bom católico deveria boicotar toda e qualquer novela”. Mas isso não seria suficiente, a mensagem protestante está em todo lugar, em algum momento os fiéis católicos seriam abordados com esse tipo de questão. A segunda, e derradeira, medida seria o testemunho dos católicos. O padre aconselha seus fiéis a evitarem o debate, especialmente com pessoas que têm o intuito de provar a fé dos católicos. Para ele, “a um grupo que vê a Igreja Católica como ‘o reino do pecado, da morte e do inferno’, nenhum testemunho pode ser melhor que o da santidade de vida”.

Não obstante, essa advertência não é seguida nem mesmo na seção de comentários do site a que o artigo está vinculado. Em nossa análise, percebemos que as seções de comentários de notícias polêmicas pode ser um profícuo espaço para ver diferentes discursos que circulam a respeito de uma mesma temática. Além desse aspecto poder ser configurado como a circulação das fórmulas, ele também corresponde ao caráter polêmico destas. A seguir, elencamos alguns comentários feitos a respeito do texto de Ricardo. Seu site oficial, *Christo Nihil Praeponere* (CNP), por sempre abordar questões polêmicas, tem grande repercussão e sempre recebe uma imensidão de comentários. Separamos, a título de exemplo, alguns comentários que constituem formulações contrárias que exemplificam alguns aspectos polêmicos que apresentamos nesse tópico:

---

<sup>109</sup> Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/como-responder-ao-apocalipse-da-rede-record>> Acesso em Jun. 2018.

- (1) “Os protestantes não são nossos irmãos!” (Eva Sousa, *CNP*, 23/11/2017).
- (2) “**Vamos parar de intolerância religiosa**, vejam o exemplo do reitor do santuário de Aparecida **padre João Batista recebeu um grupo de monjes budistas!** (Paulo de Tarso Moreira, *CNP*, 23/11/2017).
- (3) “**Não deveria ter recebido**. Os católicos já são tolerantes demais, ao ponto de acharem que todas as religiões são iguais, que não existe mais pecado, que todo mundo está salvo e que é preconceito afirmar a existência de certo e errado, ou seja, católicos hoje não são católicos, porque **essa forma de pensar é contrária à doutrina católica** e nada tem a ver com a fé que os santos professaram. Mas nem essa apostasia é suficiente, e falsos católicos continuam batendo na nossa cabeça com esse discurso de tolerância (Fabi, *CNP*, 23/11/2017).
- (4) “Eu me senti muito ofendida com as colocações feitas pelos atores e pela própria novela em relação a Igreja Católica. Mas em meu coração a certeza que a **verdadeira Igreja de Jesus Cristo é a Igreja Católica** por isso é perseguida. A única coisa que me veio em mente foi a frase que Jesus Cristo falou quando estava sendo crucificado: ‘Pai eles não sabem o que fazem!’” (Giovana Wislocki, *CNP*, 23/11/2017).
- (5) “Ora, você está mostrando exatamente os princípios de Lutero, com isso não quero dizer que você é a favor ou contra record/universal. Os princípios de Lutero (sola scriptura, negação da transubstanciação, fé e obras, negação do papado, dos sacramentos, etc) você segue todos, **se não seguisse era católico**, não tem como dizer que não segue os princípios dele” (César Augusto Simões, *CNP*, 23/11/2017).
- (6) “Engraçado notar que apesar de passados tantos séculos, **vocês continuam tratando os Protestantes como ‘ignorantes’**. *rsrsrs* Basta ir a algum museu ou biblioteca para saber e ver o que foi e continua sendo essa ‘igreja’. Aliás, até os dias de hoje em pleno século 21, ainda existe a Companhia de Jesus (*Jesuitas*), o ‘*exercíto* maravilhoso’ do Papa que não *ve* a hora de entrar em ‘ação’ novamente. E por falar em Jesuítas.... você conhece o Juramento que um padre faz para se tornar um *Jesuita*??? Acesse os documentos oficiais da Igreja Católica, que mesmo eu como protestante, conheço melhor do que você. **Leia a Bíblia amigo! Especialmente o Livro de Daniel e de Apocalipse e você, se for realmente ‘sincero’, descobrirá ‘onde’ você está metido**” (Mimi Brasil, *CNP*, 23/11/2017)

(7) **“Tem que ter fumado muita maconha estragada pra comparar a Igreja Católica Medieval com as Igrejas Protestantes de hoje.** Onde está o São Tomás de Aquino protestante? Onde está o Santo Alberto Magno? Onde está o Duns Scott, o São Francisco, o Hugo de São Vitor? Vá estudar, seu pedante! Já deu uma olhada na Suma Teológica, na Suma Contra os Gentios? Já deu uma folheada? Você acha mesmo que um Malafaia, que um Augusto Nicodemus poderia escrever aquilo? Não creio que todo protestante seja um bocó. Já aprendi muito com os debates do Craig e com alguns poucos livros do Joaquim Jeremias, e eles, definitivamente, não são burros. **Mas você**, com esse negócio de comparar a Igreja Católica Medieval com as Igrejas Protestantes do Brasil atual, **está dando muita margem pra que as pessoas achem os evangélicos uns trouxas**” (Ricardo, CNP, 23/11/2017).

As questões apresentadas nesse tópico mostram como é grande a polêmica em torno de “apocalipse”. As duas maiores denominações cristãs do Brasil não concordam em nada a respeito do tema. As definições de “apocalipse” que eles têm são discursos totalmente opostos e que em muitos momentos entram em debate. Todo esse esforço de apresentar esses posicionamentos é efetivamente válido, pois por meio desse processo conseguimos explorar a polemicidade da palavra que neste trabalho propomos como fórmula.

### 3.3.1.2 Espiritismo

O Espiritismo, apesar de ser considerada uma religião completa e autônoma no Brasil, tem como origem a obra *O Evangelho segundo o Espiritismo* – entre outras – escrita pelo pedagogo francês Hippolyte Rivail, sob o pseudônimo Allan Kardec. Nessa obra, o autor dá maior enfoque a questões religiosas, éticas e comportamentais do ser humano e aborda os Evangelhos canônicos sob a óptica da doutrina espírita. Em outras palavras, Kardec (2013[1864]) narra os acontecimentos contidos nos quatro primeiros livros do Novo Testamento bíblico através de sua interpretação espírita.

Kardec definiu o espiritismo como “a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensino dos espíritos” (cf. CASTELLAN, 2001). Segundo ele, o espiritismo aliaria ciência, filosofia e religião, buscando uma melhor compreensão não apenas do

universo tangível (o científico), mas também do universo transcendental (o religioso). Mesmo não sendo reconhecida como ciência, seus adeptos a consideram uma doutrina de cunho científico-filosófico-religioso voltada para o aperfeiçoamento moral do homem e acreditam na existência de um Deus único, na possibilidade de comunicação útil com os espíritos através de médiuns e na reencarnação como processo de crescimento espiritual e justiça divina.

À luz da Doutrina Espírita kardecista, podemos afirmar que não há algo como o “final dos tempos”. Na verdade, o que há são términos de ciclos planetários. Pode-se afirmar isso com base nas obras básicas de Allan Kardec (2013[1868], 2013[1857]) nas quais o autor afirma que os mundos possuem uma gradação evolutiva, iniciando sua caminhada nos primeiros estágios (mundos primitivos) e concluindo ao atingir o estágio evolutivo (mundos celestes). A Terra está apenas no segundo estágio dessa cadeia evolutiva.

Kardec (2013[1868]) esclarece que

para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Substituí-los-ão espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade (p. 369).

A época atual, para o autor, é de transição. A exegese de seus textos concorda que o planeta não será destruído na sua forma física, mas que sofrerá uma mudança em sua psicosfera. Aqueles espíritos que estiverem presos aos sentimentos mais densos da alma precisarão ir para outra “escola”. O mundo e as relações interpessoais deverão ser de amor e baseados na cooperação entre os povos, e os anseios coletivos, sobrepor aos individuais. Toda essa ordem planetária faz parte do planejamento feito por Jesus.

Todavia, encontramos uma primeira polêmica quando é atribuída a Chico Xavier, um dos expoentes do Espiritismo no Brasil, uma espécie de apocalipse. Em maio de 2011, um jornal (Folha Espírita) de grande prestígio no meio trouxe uma revelação feita em 1986, pelo médium Chico Xavier, sobre o futuro reservado ao planeta Terra e a todos os seus habitantes nos próximos anos. Marlene Nobre, representante do Folha Espírita, entrevistou Geraldo Lemos Neto, que disse carregar o fardo das revelações de Xavier por muito tempo, cumprindo agora o dever de revelá-las em sua completude. A seriedade do jornal, juntamente à

credibilidade de Lemos Neto e à importância de Chico Xavier fizeram com que a profecia se espalhasse rapidamente e que muitos acreditassem nela.

Nas palavras de Lemos Neto, segundo Xavier,

O homem começaria a III Guerra, mas quem iria terminá-la seriam as forças telúricas da natureza, da própria Terra cansada dos desmandos humanos, e seríamos defrontados então com terremotos gigantescos; maremotos e ondas (tsunamis) consequentes; veríamos a explosão de vulcões há muito tempo extintos; enfrentaríamos degelos arrasadores que avassalariam os pólos do globo com trágicos resultados para as zonas costeiras, devido à elevação dos mares; e, neste caso, as cinzas vulcânicas associadas às irradiações nucleares nefastas acabariam por tornar totalmente inabitável todo o Hemisfério Norte de nosso globo terrestre<sup>110</sup>.

De acordo com essa previsão, as potências angélicas do sistema solar estavam preocupadas com a influência nociva dos seres humanos sobre a Terra, tendo em vista o armamento bélico, a questão nuclear e das armas de destruição em massa. A partir de tudo isso, uma reunião celeste é convocada e o Cristo defende a vida na Terra e pede uma extensão do prazo para que os humanos se reajustassem no caminho da paz e do respeito mútuo entre as nações. Após muito debate, foi decidido um prazo de 50 anos para a raça humana. Essa reunião aconteceu em 20/07/1969, logo o prazo expira no dia 20/07/2019. No documentário *Data Limite*<sup>111</sup>, o próprio Chico Xavier faz um comentário que corrobora, de certa maneira, a entrevista de Lemos Neto. Segundo o médium, “se não entrarmos numa guerra de extermínio nos próximos cinquenta anos, então nós podemos esperar realizações extraordinárias da ciência humana”.

Outra polêmica em torno de “fim do mundo” no espaço discursivo espírita é a não aceitação da possível profecia de Xavier. Para esse posicionamento, tudo que diz respeito a “última hora”, que o médium supostamente havia predito, não passa de invenção. Esse posicionamento se apoia nas afirmações que Xavier fizera antes de morrer. De acordo com o médium, após sua morte, muitos tentariam usar seu nome para disseminar mensagens que não foram dadas por ele. Para evitar esse tipo de prática, Xavier deixou uma espécie de código a três indivíduos de quem era muito próximo: o médico e amigo Eurípedes Tahan Vieira, o filho adotivo Eurípedes Higino dos Reis e Kátia Maria, sua acompanhante nos últimos anos de vida. Quaisquer mensagens enviadas de outro plano deveriam conter esse código.

<sup>110</sup> Disponível em: <<https://issuu.com/lyllensantos/docs/246107776-folha-espírita-anoxxxv-n->> Acesso em Jun. 2018.

<sup>111</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4JxukHvGVzE>> Acesso em Jun. 2018.

Inúmeros motivos como “as informações novas não condizem com a vida de Chico”, “estudos mostram que não é possível narrar um evento como presenciado” e “certos espíritos podem criar ilusões sobre pessoas suscetíveis”<sup>112</sup> fazem um grande grupo de pessoas dentro do Espiritismo desconfiar das previsões que Lemos Neto afirma terem sido feitas por Xavier.

Esse posicionamento tenta convencer de inúmeras maneiras que a posição contrária é um erro. Que não há provas de que Chico Xavier, de fato, revelou como seria o fim do mundo para Lemos Neto. Até aqui, apenas dentro do Espiritismo, temos três questões polêmicas: i) a definição de mundos kardecista; ii) a previsão de fim do mundo de Chico Xavier, que rompe com e discorda da tradição espírita kardecista; e iii) o posicionamento que discorda da suposta previsão de Chico Xavier.

As polêmicas em torno de “apocalipse” não ficam restritas ao espaço espírita. O Espiritismo dialoga com outras religiões e se posiciona de maneira adversa a respeito das outras interpretações de fim. Além de contribuir com uma profecia de fim do mundo, Xavier (1939) também dialoga com a visão de fim do mundo católica. Em uma obra, cuja autoria é atribuída a um espírito, o autor descreve, pelo ponto de vista espírita, a transição do planeta Terra, com enfoque na organização dos homens destacando a religiosidade. No capítulo quatorze, o médium, basicamente, fala sobre a edificação-cristã, o papel de São Paulo no registro e na compilação dos textos da Bíblia e sobre o Apocalipse. De maneira similar com a interpretação protestante, ele afirma que uma das profecias contidas no livro de São João se cumpriu na figura papal. O médium faz uma associação do número 666 com os números romanos contidos no título dos papas:

Quanto ao número 666, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo-Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de “VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS”, “VICARIVS FILII DEI” e “DVX CLERI” que significam “Vigário-Geral de Deus na Terra”, “Vigário do Filho de Deus” e “Príncipe do Clero”. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal, a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles (p. 67).

---

<sup>112</sup> Disponível em: <<https://textosespiritas.wordpress.com/2015/05/05/a-tal-data-limite-de-chico-xavier/>> Jun. 2018.

Em outro momento, Xavier (1938)<sup>113</sup>, novamente transmitindo a mensagem de um espírito, critica a prática da Igreja Católica de inserir novos dogmas ao Cristianismo e afirma que, até os dias de hoje, a maioria das instituições católicas não passam de obra humana.

A história do papado é a do desvirtuamento dos princípios do Cristianismo, porque, pouco a pouco, o Evangelho quase desapareceu sob as suas despóticas inovações, Criaram os pontífices o latim nos rituais, o culto das imagens, a canonização, a confissão auricular, a adoração da hóstia, o celibato sacerdotal e, atualmente, noventa por cento das instituições são de origem humaníssima, fora de quaisquer características divinas (p. 7).

Outros enunciados de Xavier (1938) como “o Catolicismo que, deturpando nos seus objetivos as lições do Evangelho, se tornou uma organização política em que preponderam as características essencialmente mundanas” (p. 5), “o dogma da trindade é uma adaptação da Trimúrti da antiguidade oriental, que reunia nas doutrinas do bramanismo os três deuses – Brama, Vishu e Siva” (p. 6) e “o Cristo terá de ressurgir dos escombros em que foi mergulhado pela teologia do Catolicismo” (p. 20) atestam a polêmica que existe entre o posicionamento espírita e a doutrina católica.

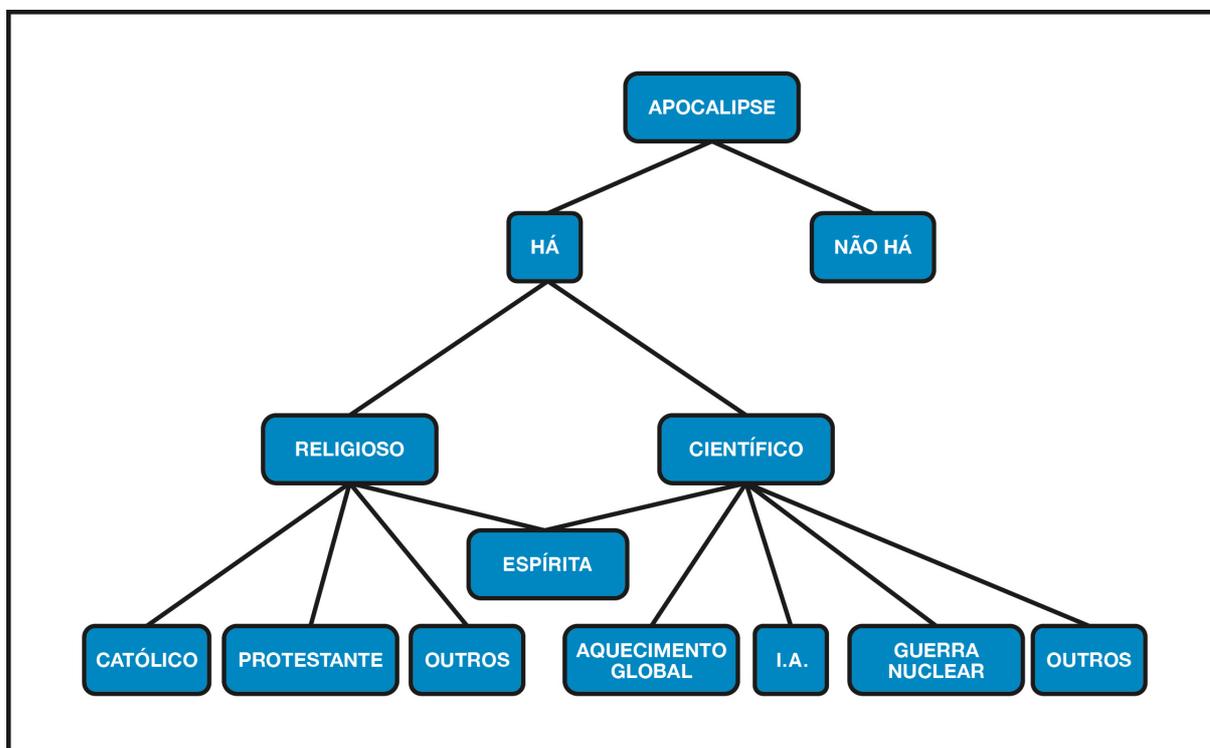
De um lado temos a figura eclesiástica mais alta na hierarquia da Igreja Católica Romana encorajando os fiéis a manterem-se focados na “Palavra de Deus”, pois o “Juízo Final”, o fim, segundo ele, já está acontecendo; mas que não tenham medo, pois eles fazem parte dos escolhidos, e serão “levados à glória do céu”. Do outro, temos o médium mais proeminente no cenário nacional, psicografando a mensagem de que o número 666 – referido no Apocalipse de São João como “o número da besta” – corresponde à figura papal. A interpretação espírita diz que o espírito ditador dessa mensagem referiu-se ao papado da Idade Média formado por líderes que deturparam a imagem o Cristianismo, com violência, autoritarismo, acúmulo de riquezas etc. Apesar dessa interpretação, nota-se que, de fato, as inúmeras interpretações de “apocalipse”, ou de suas reformulações, ou de aspectos que dizem respeito ou relacionados a ele, não são homogêneas.

Enfatizamos acima que a escolha das religiões a serem tratadas se deve ao fato dessas denominações serem predominantemente maiores no Brasil. Esse fato não é o único que nos fez escolher tratar a visão de fim do mundo para o Espiritismo. A visão espírita de fim do mundo (e aqui nos referimos a “Data Limite” atribuída a Xavier), diferentemente das outras religiosas, atribui causas que se assemelham mais às causas que a ciência dá para o fim do

---

<sup>113</sup> Todas as citações de *Dissertações Mediúnicas sobre importantes questões que preocupam a humanidade*, pelo espírito de Emmanuel, foram encontradas em uma versão *online* da obra de Xavier. Disponível em: <[http://bvespirita.com/Emmanuel%20\(psicografia%20Chico%20Xavier%20-%20espírito%20Emmanuel\).pdf](http://bvespirita.com/Emmanuel%20(psicografia%20Chico%20Xavier%20-%20espírito%20Emmanuel).pdf)> Acesso em Jun. 2018.

mundo do que às causas religiosas. Na tentativa de achar um terceiro discurso que enunciase a partir da religião, mas também a partir da ciência, por um momento, assim como alguns adeptos o fazem, cogitamos colocar o Espiritismo no entremeio da religião e da ciência. Se assim o fizéssemos, o fluxograma ficaria da seguinte maneira:



**Fluxograma 2.** Espiritismo como hipótese de um terceiro discurso (autoria própria)

Entretanto as similaridades entre o fim do mundo espírita e os religiosos foram maiores do que as entre o espírita e os científicos. A maior, e única, diferença da “Data Limite” com os apocalipses religiosos (o que também configura a maior semelhança com os apocalipses científicos) é a causa que ocasionaria o fim do mundo: a ação do homem. Para o Cristianismo, no princípio, houve nos céus um conflito cósmico que sempre determinou o que se passava na Terra. A despeito das ações do homem, o mundo um dia irá acabar. Além das semelhanças entre os apocalipses espírita e religiosos (a saber, i) a previsão do fim é dada por uma espécie de um receptor, um profeta, um médium, alguém que transmite a mensagem de algo superior, Deus, um espírito evoluído etc; ii) no final das tribulações e da destruição alguns sujeitos, ou almas, selecionados iriam para outro lugar que difere do estado da Terra como ela é hoje), um aspecto que foi determinante para abandonarmos a ideia de analisar o posicionamento espírita como religioso e científico foi a carência de dados e de análise na suposta previsão de Xavier. O campo científico tem toda uma ordem que prevê a prática

dentro dele. Não foi possível identificar traços de um *ethos* científico no Jornal Espírita e esse aspecto, juntamente com as semelhanças entre os fins de mundo espírita e religioso, foram determinantes para que abandonássemos a ideia contida no fluxograma 2.

A partir do que foi exposto, pode-se afirmar que a profusão de datas apocalípticas existentes reflete o pensamento divergente que os indivíduos têm a respeito da concretização do mesmo. Cada nova data apocalíptica cunhada reitera uma discordância com outra anterior, o que exemplifica uma pequena polêmica a respeito do Apocalipse. Packer, ex-presidente do Quórum dos Doze Apóstolos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, afirma categoricamente que os seres humanos têm tempo suficiente para planejar sua vida na Terra. Segundo o educador, o mundo não acabará tão cedo:

É uma época muito maravilhosa de se viver! O mundo não vai ter um fim tão cedo. Vocês terão tempo de falar, como estou falando agora, sobre seus filhos, netos e bisnetos. A decisão é sua! [...] Presto testemunho de que Jesus é o Cristo. Ele vive. Nós O conhecemos! Ele dirige esta Igreja. O evangelho é verdadeiro. O plano do evangelho é o grande plano de felicidade. Podem ansiar uma vida maravilhosa na maior obra que já existiu na face desta terra<sup>114</sup>.

No decorrer de nossa pesquisa, percebemos que a grande circulação de “apocalipse” deve mais aos adeptos a essa crença do que aos indivíduos que não a aceitam. Embora haja um grande debate a respeito da temática, esta acontece, em sua maior parte, dentro do seu campo discursivo de origem, o que significa que a maioria dos indivíduos envolvidos tem uma mesma crença – a que o mundo vai acabar –, e a partir dessa espécie de axioma é que se dá o debate, geralmente, ligado à forma como o mundo terminará. Parece haver certa unanimidade sobre a ideia do fim; vimos acima desde cientistas a pastores que congruentemente acreditam que algum tipo de apocalipse acontecerá um dia. Há, todavia, uma parcela do espaço social que não apenas discorda de alguma data apocalíptica, mas duvida do acontecimento em sua totalidade. Eis um breve exemplo que também circulou em uma mídia digital. Realçamos nesse exemplo que o locutor recusa o valor *de re* e ao mesmo tempo está enunciando a partir do discurso religioso:

O apocalipse foi a desculpa que arranjam, pra dizer que o mundo precisa de férias [...] Se Deus nos deu o livre arbítrio, como pode existir o

---

<sup>114</sup> Disponível em: <<https://lds.org/broadcasts/article/ces-devotionals/2011/01/truths-most-worth-knowing?lang>> Acesso em Out. 2017.

apocalipse? [...]O dia em que um bom presidente for eleito, o apocalipse vai ser anunciado! [...] A imaginação do homem é o princípio do apocalipse<sup>115</sup>.

“É porque constitui um problema, porque põe em jogo a existência das pessoas, porque é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais, que a fórmula é objeto de polêmicas” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100). O fato de haver formulações divergentes, conflitantes de um mesmo referente atesta a dimensão polêmica da fórmula. Encontramos em nosso *corpus*, uma quantidade relevante que nos faça dizer que “apocalipse” tem formulações divergentes no corpo social. Além disso, realçamos que encontramos ocorrências de “apocalipse” que contestam o uso do termo em si, seu valor *de re*, ou seja, são propostos outros termos para falar do Apocalipse. Esse indicativo, juntamente com a questão da heterogeneidade entre as interpretações da unidade lexical, atesta o caráter polêmico da unidade lexical que desde o princípio se considerava tão implícito.

### 3.3.1 Apocalipse e ciência

No fluxograma apresentado, destacamos algumas formas de fim do mundo oriundas do discurso científico: “aquecimento global”, “inteligência artificial”, “guerra nuclear” e “outros”. No tópico *Presente e futuro: a modernização de um antigo temor*, mostramos alguns posicionamentos que acreditam que o mundo possa acabar por causa da inteligência artificial, por grandes guerra nucleares, por um apocalipse zumbi etc. Uma vez que já falamos sobre essas possíveis causas do fim, a etapa que segue foi destinada a explicar a perspectiva que diz que o mundo pode acabar por um aquecimento sem precedentes das temperaturas do globo.

Uma das possíveis causas de fim do mundo mais abordadas no campo científico é o aquecimento global. O aquecimento global é basicamente definido como o processo de aumento da temperatura média dos oceanos e da atmosfera da Terra causado por massivas emissões de gases que intensificam o efeito estufa, originados de uma série de atividades humanas, especialmente a queima de combustíveis fósseis e mudanças no uso da terra, como o desmatamento. Essas causas são um produto direto da explosão populacional, do crescimento econômico, do uso de tecnologias e fontes de energia poluidoras e de um estilo de vida insustentável, em que a natureza é vista como matéria-prima para exploração.

---

<sup>115</sup> Disponível em: <[http://pensador.uol.com.br/frases\\_apocalipse/](http://pensador.uol.com.br/frases_apocalipse/)> Acesso em Out. 2017.

Como visto anteriormente, o embasamento científico para tal crença é o IPCC. De acordo com essa organização científica, uma série de evidências como o aumento do nível do mar, a intensificação destrutiva dos furacões no Atlântico Norte, o degelo das calotas polares, entre outros, corroborariam a hipótese de uma tendência de aumento progressivo na temperatura global. As causas deste aquecimento global seriam o aumento das emissões de gases de efeito estufa (gás carbônico [CO<sub>2</sub>], metano [CH<sub>4</sub>] e óxido nitroso [N<sub>2</sub>O]) potencializado sob um ritmo crescente através do aumento das atividades humanas, as mudanças no uso do solo e a utilização em larga escala de combustíveis fósseis após a Revolução Industrial (*cf.* IPCC, 2007, p. 02-06). Se mantido o nível atual das emissões desses gases, o aumento das temperaturas poderá ser para o século XXI muito superior ao aquecimento ocorrido no século XX, variando segundo os modelos matemáticos computacionais utilizados por eles, num aumento entre 1,8°C e 4°C da temperatura média global (*ibid.*, p. 08).

Nobre (2001), cientista renomado brasileiro, em um exemplar de uma revista que tem como título *Modelos e cenários para a Amazônia: o papel da ciência*, atesta que o aumento das temperaturas no Brasil apontam para um aquecimento que pode variar de 4 a 6°C no final do século XXI (p. 239). Nesse contexto, uma série de consequências oriundas destas mudanças climáticas são previstas em vários lugares do globo. Assim, áreas glaciares do Ártico desapareceriam por completo no final do século XXI e cidades costeiras, além de pequenas ilhas, ficariam submergidas pelo aumento do nível dos oceanos, fazendo surgir uma nova categoria de imigrantes, classificados como “refugiados do clima” (*cf.* IPCC, 2007, p. 07-12).

Como consequência do aquecimento global, os furacões ficariam cada vez mais intensos e frequentes. Um número considerável de espécimes da flora e da fauna estariam condenados à extinção, a floresta Amazônica sofreria um processo de savanização, além de as mudanças climáticas intensificarem a escassez hídrica em várias pontos da Terra, intensificando os conflitos geopolíticos etc. Para que se evite esse cenário apocalíptico, o IPCC propõe algumas ações que podem mitigar os efeitos catastróficos que o acontecimento poderia causar. Dentre estas ações, se destaca a necessidade de se reduzir as emissões dos chamados gases de efeito estufa e uma conscientização ambiental da parte de todos (*cf.* IPCC, 2007, p. 14-20). Assim, se a raça humana não proceder dessa maneira, o mundo chegará ao seu fim.

Essa visão é corroborada por muitas organizações que pretendem cuidar do planeta das mais diversas formas, como o *Greenpeace* e o *World Wide Fund for Nature* (WWF). O *Greenpeace* e o WWF são organizações não governamentais que atuam nas áreas da conservação, investigação e recuperação ambiental. Em seus sites oficiais, podem-se encontrar alguns enunciados, imagens e notícias que também fazem circular uma ideia de fim do mundo. Por serem organizações tidas como sérias, aspectos relacionados ao tema vinculados a seus sites, assim como os cientistas que escreveram o IPCC, legitimam a ideia de fim na perspectiva do aquecimento global. Eis alguns exemplos:



Figura 13. *Greenpeace*, Mudanças climáticas<sup>116</sup>

<sup>116</sup> Disponível em: <<http://greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Mudancas-climaticas-vaio-agravar-a-desigualdade-social-no-Brasil/>> Acesso em Jun. 2018.



Figura 14. WWF, Causas do aquecimento global<sup>117</sup>

Outro cientista que assume o posicionamento que estamos expondo é Morton (2013). O aquecimento global é uma realidade já esta estabelecida e em movimento irreversível. Para o autor, estamos diante da possibilidade de uma catástrofe ecológica. Mas a emergência ambiental também é uma crise para nossos hábitos filosóficos de pensamento, confrontando-nos com um problema que parece desafiar não apenas nosso controle, mas também nosso entendimento. O aquecimento global é o exemplo mais dramático do que Morton chama de *hiperobjetos* – entidades de dimensões temporais e espaciais tão vastas que acabam derrotando as ideias tradicionais sobre o que é uma coisa. Morton (2013) explica o que são os hiperobjetos e seu impacto na maneira como pensamos, como coexistimos uns com os outros e com os não-humanos, e como vivenciamos nossa política, ética e arte.

Segundo o autor, os hiperobjetos mostram que o fim do mundo já ocorreu no sentido de que conceitos como “natureza” e “meio ambiente” não são mais um horizonte significativo no qual os eventos humanos ocorrem. Em vez de habitar um mundo, nos encontramos dentro de uma série de hiperobjetos, como clima, armas nucleares, evolução ou relatividade. Tais objetos colocam tensões insuportáveis em nossos modos normais de raciocínio. Insistindo que temos que reinventar como pensamos para começar a compreender o mundo em que vivemos,

<sup>117</sup> Disponível em: <<http://wwf.org.au/what-we-do/climate/causes-of-global-warming#gs.03AFWjA>> Acesso em Jun. 2018.

Morton propõe uma abordagem ecológica pós-moderna ao pensamento e à ação dos seres humanos. O autor também evidencia um aspecto já mencionado da polêmica em “apocalipse”. Para ele, o fim do mundo não é algo que acontecerá repentinamente, como narrado pelo campo religioso, ele acontece diariamente. E o causador dele é o homem e não o desejo de uma divindade. Novamente, a ciência se posicionando no debate de maneira adversa à religião.

**São os hiperobjetos que trouxeram o fim do mundo.** Claramente, o planeta Terra não explodiu. Mas o mundo conceitual não está mais operacional e os hiperobjetos são o que provocou sua morte. **A ideia do fim do mundo é muito ativa no ambientalismo [...] A preocupação não é se o mundo vai acabar, mas se o fim do mundo já está acontecendo, ou se talvez já tenha ocorrido [...] O fim do mundo não é um ponto de pontuação repentino,** mas é uma questão de tempo profundo. Vinte e quatro mil anos no futuro, ninguém será significativamente relacionado a mim. No entanto, **tudo será influenciado pelas menores decisões que tomo agora**<sup>118</sup>

Morton também afirma que o fato de a exploração humana ser feita sem qualquer consciência ambiental é reflexo da crença de que um dia a raça humana possa habitar em “outro lugar”.

**Não há “outro lugar” para onde possamos varrer significativamente a poeira radioativa [...] Não há “outro lugar” nesta superfície, não existe aqui e ali [...] tentar chegar ao melhor mundo é apenas inibir o progresso ecológico.** Considere o desejo contemporâneo de maximizar o rendimento: poluir o ar com a ação dos condicionadores de ar. O ar condicionado é agora o ponto de referência do conforto; jovens cingapurianos, habituados ao conforto térmico homogêneo dos edifícios modernos, estão começando a suar ao ar livre. **Essa arquitetura se baseia na noção de “outro lugar”.** Mas não existe “outro lugar” após o fim do mundo. Seria mais sensato agir de uma forma mais ecológica, admitindo nossa coexistência com substâncias tóxicas que criamos e exploramos (2013, p. 23 e 81, – *tradução e grifo nossos*).

Os primeiros enunciados do excerto acima são negativas que dialogam com a visão de um apocalipse religioso. Morton, a partir do discurso científico, alude nesse momento aos mitos do Paraíso e da vida pós-morte abordados pelo discurso religioso. Para ele, esses mitos não são verdadeiros; “não existe aqui e ali”, não há “outro lugar” no qual o homem encontrará refúgio. Todavia, poderia ser dito que o “outro lugar” ao qual o autor se refere nesses trechos são os outros planetas do sistema solar nos quais o homem, por inúmeras vezes, se aventurou na tentativa de achar refúgio. Afirmar que Morton, ao negar a possível existência de “outro

<sup>118</sup> Disponível em: <<http://massivelyinvisibleobjects.org/wp-content/uploads/2015/04/Hyperobjects.pdf>> Acesso em Jun. 2018.

lugar”, se referia também aos mitos criados no campo religioso não parece algo forçado à proporção que se lê em outro excerto de seu livro:

Todas essas narrativas apocalípticas da desgraça sobre o “fim do mundo” são, desse ponto de vista, parte do problema, não parte da solução. Ao adiar a desgraça para algum futuro hipotético, essas narrativas nos inoculam contra o objeto muito real que se intrometeu no espaço ecológico, social e psíquico. Como veremos, os feitiços dos hiperobjetos condenam agora, não em alguma data futura (*ibid.*, p. 77 – *tradução nossa*).

No trecho acima, o cientista se refere claramente as previsões de fim do mundo do campo religioso. Realçamos o caráter polêmico vinculado ao excerto. Segundo o cientista, ao contar uma versão fraudulenta sobre o fim do mundo, as previsões apocalípticas apenas fazem o ser humano esquecer da verdadeira possível causa do fim da raça humana – os hiperobjetos. Ao contrário das narrativas apocalípticas, que castigarão o planeta num futuro, os malefícios causados pelo homem são visíveis hoje.

Destacamos um excerto responsável por nos fazer retomar toda a questão da cristalização das fórmulas discursivas. Morton segue defendendo sua tese de que o mundo como o conhecíamos não mais existe. Agora, o ser humano está imerso nos hiperobjetos etc. Fazendo um paralelo entre o que é antigo e novo, ao realçar os novos malefícios que podem ser causadores do fim da raça humana, o cientista afirma que o que pode ser ouvido hoje em dia é **“o som do fim do mundo, mas não de um apocalipse, não uma conclusão previsível”** (p. 81).

O uso da unidade-lexical apocalipse foi o que captou nossa atenção. Ao enunciar “apocalipse”, o autor remete ao evento cristão. Morton não apenas se refere às profecias apocalípticas cristãs, ele reformula “apocalipse”. É possível afirmar isso, pois o autor faz uma oposição clara entre “fim do mundo” e “apocalipse”. Não encontramos em nosso *corpus* ocorrências da unidade lexical “apocalipse” para designar “fim do mundo” no campo científico. Cientistas preferem usar o sintagma “fim do mundo”. Como dito acima, a negação de Morton nos fez pensar na questão da cristalização das fórmulas. Não encontrar ocorrências do uso da unidade lexical no campo científico é um aspecto da pesquisa muito significativo. Em todos os excertos que mostramos aqui, os cientistas se referem ao possível fim da “raça humana” como “fim do mundo” e não como “apocalipse”.

A partir dessa recusa de enunciar “apocalipse”, cogitamos a hipótese de, no caso da candidata a fórmula analisada neste trabalho, a polêmica que envolve o tema ser tão grande que isso afeta em grande medida os usos que as pessoas fazem da unidade lexical. O que por sua vez, afeta a cristalização da palavra. Salvo nos casos de um uso metafórico, o indivíduo

que assume um posicionamento científico se recusa enunciar “apocalipse” ou qualquer reformulação desse significante para designar os eventos que darão fim ao planeta. “Fim do mundo” para Morton, e para a ciência, é algo que se difere do Apocalipse como narrado no campo religioso. Portanto, não pode ser designado pelo mesmo referente.

Essa particularidade de “apocalipse” levanta algumas questões sobre as fórmulas como descritas por Krig-Planque. A autora diz que para ser fórmula não é necessário que os quatro caracteres estejam presentes de maneira igual. A primeira questão é “como pode ser mensurado o quanto de cada caráter uma fórmula deve ter?”; e a segunda, se “há a possibilidade de haver outras fórmulas cujos caracteres interferem sobre os outros de maneira que essa interferência impossibilite ou diminua o outro caráter?” (assim como acontece com “apocalipse”). Questões como essas são de suma importância, pois possibilitam o desenvolvimento de uma noção que é relativamente pouco mobilizada nos estudos em AD no Brasil.

Como feito com os apocalipses cristãos, a fim mostrar que o debate não fica apenas no âmbito institucional, apresentamos abaixo enunciados que circularam no campo jornalístico (mais especificamente em notícias, em manchetes e nas seções de comentários dos leitores) a respeito do fim do mundo científico.

- (1) “Stephen Hawking não é um mané, é muitíssimo respeitável como cientista, os ignorantes que se acham mais inteligentes afirmam que não existe vida fora da Terra pensam como o europeus da idade média. **Um fundo de verdade existe, tantos bilhões para colonizar Marte, para quê se a Terra não corre perigo? Apenas curiosidade?**” (SA080, UOL, 28/11/2017)<sup>119</sup>.
- (2) “Tudo tem limites, qual o limite para crescimento populacional ??? 7 bilhões é muito para o planeta suportar, **estamos destruindo a Terra**” (X Man 2013, UOL, 28/11/2017).
- (3) “Aqui é dito aqui que Stephen Hawking é uma das mentes mais respeitadas da ciência. **Já li num artigo dizendo que não é bem assim...**” (Fei, UOL, 28/11/2017).
- (4) “Fraude.... e o pior, **como é que o cara mal mexe os olhos pode prever alguma coisa????**” (Sebastião, UOL, 28/11/2017).

---

<sup>119</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2017/11/2-previsoes-de-stephen-hawking-sobre-o-fim-do-mundo.htm#comentarios>> Acesso em Jun. 2018.

- (5) “Em relação ao ponto 2 (inteligência artificial), **o cinema já previu, em Matrix, o que resulta em deixar as máquinas no controle.** E na literatura, a grande saga Duna, em seu ‘prequel’ mostra um mundo e universo conhecido dominado por uma mente computadorizada chamada Omnius” (Ollemhebb, UOL, 28/11/2017).
- (6) “O sol é finito. o dia q ele apagar já era tudo, ou como quiser, já era todo o sistema solar. **então, o fim é certo**” (Mohadvogado, UOL, 28/11/2017).
- (7) “Esse é outro cuja prodigiosa cachola parece não estar batendo bem ultimamente. Mas como ele é famoso pelas teorias, parece que vai ficar mais ainda devido à ‘teoria do óbvio’, pois a maioria desses pensamentos me parecem mais do que óbvios. **Uma guerra nuclear pode devastar o planeta? Óbvio. Um ataque de uma raça alienígena avançada pode nos destruir? Óbvio. Nosso planeta irá esgotar seus recursos naturais e vamos precisar nos mandar daqui? Muito óbvio.** Ou seja, um gênio que vem dizendo o óbvio há muito tempo, com um bando de dementes babando em sua volta e o tratando como um deus. Meio patético isso, não é óbvio?” (Vla.D, UOL, 28/11/2017).

Elencar algumas formulações tem a função de mostrar que mesmo dentro de um campo as definições e tomadas de posição não são homogêneas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta do material e a análise do *corpus* seguindo a metodologia descrita acima nos permitiu observar que “apocalipse” tem a maior parte das propriedades constitutivas das fórmulas discursivas. A principal característica é o fato de essa formulação atravessar os limites de seu campo de origem (o religioso) e se tornar uma espécie de interpretante para várias situações e condições históricas de nossa época e de nosso país. Assim, a propósito da circulação dessa unidade lexical, discute-se ampla temática: problemas sociais, artes, política, economia, ecologia etc., tornando-se um ponto de convergência e de confronto entre os discursos.

Após a análise, podemos afirmar que “apocalipse” reúne três propriedades das fórmulas: o discursivo, o de referente social e o polêmico. Além de circular por diferentes espaços, suscitando, assim, debates a respeito da temática, todos sabem do que se trata e se posicionam a respeito da palavra, brigam por seu(s) sentido(s) etc. Isso atesta as dimensões discursiva e polêmica da palavra; ela circula, todos versam a respeito do tema, há um salto de ocorrências dela que diz que os indivíduos estão falando mais sobre o tema. Seu significado é instável. Ele é constantemente disputado e até mesmo “desqualificado”, como nos casos do campo humorístico em que os sentidos ligados à destruição, extinção da sociedade humana ou terror apocalíptico são ridicularizados. Sobre o caráter de referente social, manchetes, como as que mostramos acima, que exemplificam a estrutura “x:y” de Krieg-Planque são um indício de que “apocalipse” funciona(ou) como referente social em determinado momento. Elas atestam que o item lexical é tomado como algo de conhecimento geral, já está dado, é um referente e, por isso, funciona como tópico de manchetes e notícias no geral.

No início da análise, esbarramos numa questão. Não encontramos um rastro para verificar se há reformulações do significante “apocalipse”. Nessa etapa, pensávamos que não se podia afirmar que “apocalipse” tinha um caráter cristalizado, como Krieg-Planque descreve. Todavia isso não é um problema, uma vez que analisamos uma palavra e não um sintagma. É típico das fórmulas discursivas que o significante permaneça relativamente estável em suas variantes; essa não é uma das características de “apocalipse”, suas reformulações são sempre muito diferentes. É um pouco do que falamos no início, se se pudesse dizer que “apocalipse” é uma fórmula, esta não seria uma fórmula prototípica; seu significante não é estável, não se compara com o das outras fórmulas. Todavia, a análise de “apocalipse” nos revelou que a falta de cristalização de “apocalipse” pode ser relacionada às

questões referentes à polemicidade da unidade lexical. Como mencionado anteriormente, os sujeitos que assumem um posicionamento científico se recusam a enunciar “apocalipse” ou quaisquer possíveis reformulações do significante. A separação entre religião e ciência não é algo que teve sua gênese na contemporaneidade. Essa dicotomia é um aspecto que pauta o modo como se produz ciência desde o período medieval. Toda essa problematização também afetou nossa fórmula discursiva; a cristalização de “apocalipse” é inviabilizada por sua polemicidade.

Sobre questões referentes à polemicidade da unidade lexical, sabemos que a fórmula discursiva é um objeto que se situa num *continuum*; isto é, “uma sequência é mais ou menos fórmula conforme preencha mais ou menos uma das quatro propriedades que a caracterizam”. Para atingir o estatuto formulaico, uma sequência precisa atender às quatro propriedades das fórmulas discursivas, todavia a ocorrência dessas propriedades pode acontecer de maneira desigual (*cf.* KRIEG-PLANQUE, 2012, p. 111). Pode-se dizer que “apocalipse” é uma fórmula que se situa nesse *continuum*, que atende às propriedades, mas não de maneira idêntica. Consideramos essa hipótese, pois, em nosso *corpus*, encontramos muitos momentos em que a unidade lexical é frequentemente enunciada, debatida e retomada no espaço social – o que significa dizer que “apocalipse” possui o caráter discursivo – e também encontramos inúmeros indícios de que a unidade lexical é conhecida por todos e os indivíduos se posicionam de maneiras diversas a respeito do tema – o que corresponde aos seus caracteres de referente social e polêmico.

Sobre a polemicidade do termo, uma questão que também foi decisiva para que se fosse considerado o estatuto formulaico do termo foi o significativo investimento semântico na reformulação de “apocalipse” enquanto unidade lexical. Encontramos locutores que reformulam, rejeitam e questionam a palavra. Também encontramos ocorrências que recusam diretamente o termo “apocalipse” e sua significação como “fim do mundo”. De acordo com excertos do *corpus*, o “apocalipse” não é o fim do mundo, mas ele existe de fato – é a crise, a velhice, o tempo em que vivemos aqui, a distribuição de renda ou uma operação política. A retomada e a reformulação do termo por outro campo discursivo (o científico) reforça a propriedade polêmica de “apocalipse”.

Outro aspecto, também referente ao caráter polêmico de “apocalipse”, que nos fez refletir sobre seu estatuto formulaico foi o fato de a unidade lexical afetar “as decisões do regime político e as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos”. Afirmamos

acima que “apocalipse” afeta o “modo de vida” de algumas pessoas e isso pode ser sustentado. De acordo com Krieg-Planque (2010), a fórmula, como vimos,

põe em jogo os modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros (p. 100).

Os indivíduos que assumem um posicionamento católico ou protestante pautam sua vida inteira em propósito do dia em que uma possível divindade viria resgatá-los do caos terrestre. Suas ações são diretamente relacionadas à sua salvação. Outro exemplo seria o posicionamento espírita, para os adeptos a vida é um duradouro processo de evolução. A relação que se tem entre cidadãos e a ideia que fazem da nação é fortemente afetada pelo discurso de que participam. Esse aspecto não se vê apenas no discurso religioso, “fim do mundo” no discurso científico também influencia os modos de vida. O sujeito que pretende evitar que o planeta passe por uma possível destruição tem que se portar de maneira mais comprometida com o meio ambiente, tem que ter consciência ecológica etc.

Diante do que foi exposto, portanto, afirmamos que “apocalipse” pode ser considerado como uma fórmula discursiva. Como realçado no início do texto, exploramos a noção de fórmula como um teste. “Apocalipse”, em um primeiro momento, aparentava reunir todos os caracteres necessários às fórmulas discursivas. A partir daí, decidimos explorar o percurso que seria traçado. Concluir que “apocalipse” é uma fórmula, além de mobilizar todo um aparato teórico-metodológico, nos permitiu chamar atenção para determinadas características que ocorrem a propósito dessa fórmula, mas que não são comuns às outras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira, vols. I, II e III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991 (vol. I: livro I a VIII), 1993 (vol. II: livro IX a XV) e 2000 (vol. III: livro XVI a XXII) [m. 413)].

AGOSTINHO, S. **Comentários aos Salmos (Enarrationes in psalmos)**. São Paulo: Paulus, 2014[428].

AVESTA. **Bundahishn**. Disponível em: <<http://avesta.org>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

AVESTA. **Yasna**. Disponível em: <<http://avesta.org>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

BÍBLIA HEBRÁICA. **Daniel**. Disponível em: <<http://www.judaismo-iberico.org/interlinear/tanakh/0101PT.HTM>>. Acesso em 22 Ago. 2016.

BÍBLIA. A. T. **Êxodo**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. A. T. **Gênesis**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. A. T. **I Samuel**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. A. T. **Isaías**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. A. T. **Jeremias**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. N. T. **Apocalipse**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. N. T. **I São Pedro**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. N. T. **São João**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. N. T. **São Lucas**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. N. T. **São Mateus**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

BÍBLIA. N. T. **São Tiago**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>> Acesso em 13 Set. 2017.

- BORNKAMM, R. **Theology of the new testament**. Londres: Fortress Press, 1952.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- CALDAS AULETE, H.G. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 5 vols. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1974.
- CASTELLAN, Y. **El espiritismo. ¿Qué sé?** México D.F: Publicaciones Cruz O., 2001.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu *et al.* São Paulo: Contexto, 2004.
- COHN, N. **Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no apocalipse**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- COLLINS, J. J. **The apocalyptic imagination: An introduction to the Jewish matrix of Christianity**. Nova Iorque: Crossroad Pub Co, 1984.
- COLLINS, J. J. **Early Judaism: a comprehensive overview**. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2009 [1981].
- DE AQUINO, T. **Suma Teológica**, Iª e IIª 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- DESCARTES, R. **Discurso do método; As paixões da alma; Meditações metafísicas**. 5ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 [1637].
- DE LIÃO, I. **Contra as heresias**. [Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa]. São Paulo: Paulus, 1995 [180].
- EBEL, M. & FIALA, P. Relations paraphrastiques et construction social du sens. Analyse d'une formule dans les discours xénophobes. In: **Modèles linguistiques**, Lille: Presses Universitaires de Lille, 1983.
- ERDOES, R. **AD 1000: Living on the Brink of Apocalypse**. San Francisco: Harper & Row, 1988
- FOSSEY, M. F. **Polêmica sobre sexo seguro: uma abordagem discursiva**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. L. F. De A. Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1971 (1969).
- FREUD, S. **A negativa**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1925.
- FREUD, S. **Obras completas**, 3ª ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991a.

GIDDENS, A. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1991b.

GLEISER, M. **O fim da Terra e do Céu: o apocalipse na ciência e na religião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, J. R. **Apocalypse: from antiquity to the empire of modernity**. Cambridge: Polity press, 2009.

HAROCHE, C; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. **A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem, discurso**. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Revista Linguagem, São Carlos, SP, n. 3, out./nov. 2008. Disponível em: <[www.lettras.ufscar.br/linguagem/edição\\_03/tradução\\_hph.php](http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edição_03/tradução_hph.php)>. Acesso em: Abr. 2018.

HEATON, E. W. **The book of Daniel (Torch bible commentary)**. Londres: SCM, 1956.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005[1927].

HINNELLS, J. R. **Iranian influence upon the new Testament**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

IPCC. **Informe de síntesis del grupo intergubernamental de expertos sobre el cambio climático**. Genebra: OMM, 2007.

KARDEC, A. **A gênese. Os milagres e predições segundo o espiritismo**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013[1868].

KARDEC, A. **O evangelho segundo o espiritismo**: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida/Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. – 131. ed. 1. imp. (Edição Histórica) – Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013[1864].

KARDEC, A. **O livro dos espíritos. Princípios da doutrina espírita**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013[1857].

KRIEG-PLANQUE, A. **“Purification ethnique”**. Une formule et son historie. Paris: CNRS Editions, 2003.

KRIEG-PLANQUE, A. **A fórmula “desenvolvimento sustentável”: um operador de neutralização de conflitos**. Revista Linguagem, n. 19, São Carlos: UFSCAR, 2012.

KRIEG-PLANQUE, A. **A palavra etnia: nomear o outro – origem e funcionamento do termo etnia no universo discursivo francês**. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos, n. 22, Campinas: Editora RG, 2008.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de fórmula em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KRIEG-PLANQUE, A. **A propos des “noms propres d’événement”. Événementialité et discursivité.** Les Carnets du Cediscor, Paris, Presses de la Sorbonnenouvelle, n. 11, 2009.

KRIEG-PLANQUE, A. Fórmulas e lugares discursivos: propostas para a análise do discurso político. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (org.) **Fórmulas discursivas.** São Paulo: Contexto, 2011.

LÉNÁRD, S. **O vale do fim do mundo.** Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LIPSCY, P. Y; KUSHIDA, K. E; INCERTI, T. **The Fukushima Disaster and Japan’s Nuclear Plant Vulnerability in Comparative Perspective.** Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~plipscy/LipscyKushidaIncertiEST2013.pdf>> Acesso em Abr. 2018.

MAFFESOLI, M. **Apocalipse: opinião pública e opinião publicada.** Porto Alegre, Sulina, 2010.

MAINGUENEAU, D. A noção de autor em análise do discurso. In: **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 25-47.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A.R. & SALGADO, L. (orgs.). **Ethos discursivo.** São Paulo: Contexto, 2008a.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1984].

MAINGUENEAU, D. Subjetivação, espaço canônico e espaço associado. In: **Discurso literário.** São Paulo: Contexto, p. 134-148, 2006.

MAINGUENEAU, D. Unidades tópicas e não-tópicas em Análise do Discurso. In: **Cenas da enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008b, p. 11-26.

MAINGUENEAU, D. **Os termos chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MCGINN, B. **John’s apocalypse and the apocalyptic mentality.** In: EMMERSON, R. K. & MCGINN, B. (orgs.). *The apocalypse in the middle ages.* Nova Iorque: Cornell University Press, 1992.

MOIRAND, S. **Estudos da língua(gem) – Imagens de discursos /** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. v. 6, n. 1. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

MORIN, E. **O homem e a morte.** Sintra: Europa-America PT, 1988.

MORTON, T. **Hyperobjects: Philosophy and Ecology After the End of the World**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

NEWTON, I. **Observations upon the prophecies of Daniel and the apocalypse of St. John**. Montana: Kessinger Publishing, 2010 [1733].

NEWTON, I. **Philosophy of Nature: Selections from his writings**. Nova Iorque: Hafner Library of Classics, 1953.

NICKELSBURG, G. W. E. **Resurrection, immortality, and eternal life in intertestamental Judaism**. Londres: Cambridge Mass, 1977.

NOBRE, C. Mudanças climáticas globais: possíveis impactos nos ecossistemas do país. **Parcerias Estratégicas**, n. 12, p. 239-258, 2001. Disponível em <[http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias\\_estrategicas/article/viewFile/186/180](http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/186/180)> Acesso em Jun. de 2018.

OLIVEIRA, H. **Consciência negra: uma fórmula para discutir o racismo no Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PAVEAU, M. **Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. P. Cunha. 5. Ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014 (1975).

PÊCHEUX, M. & GADET, F. **La langue introuvable**. Paris: Maspero, 1981.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. HAK, T (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. E. P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014 (1969).

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: E. P. Orlandi (et al). Campinas: Editora Unicamp, 1988 (1975).

PLATÃO. **Diálogos: apoloíia de Sócrates, Eutifron, Criton, Fedon, Symposio, Fedro**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 1921[370].

POSSENTI, S. (Não) Fazer a lição de casa: circulação e sentidos. In: POSSENTI, S. & PASSETI, M. C. **Estudos de texto e discurso: política e mídia**. Maringá: Eduem, 2010.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN e BENTES (orgs.) **Introdução à linguística** vol. 3. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 353-392.

POSSENTI, S.; ARDHENGUI, A.; OLIVEIRA, H. **Futebol arte, o verdadeiro futebol brasileiro**. Revista ALED, número 14, 2014. <<http://www.comunidadealed.org/?p=523>>

RASKIN, V. Linguistic heuristics of humor: a script-based semantic approach. In: **International journal of sociology of language**, 1987

ROBIN, R. **Berlin chantiers: Essai sur les passes fragiles**. Paris: Stock, 2001.

ROWLAND, C. **Christian origins. An account of setting and character of the most important messianic sect of Judaism**. Londres: SPCK, 1985.

SCHINDEL, J. J. **Works of Martin Luther**. Philadelphia: A. J. Holman Company, 1916.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000[1844].

SERGENT, B. **La Fin du monde: Treize légendes, des déluges mésopotamiens au mythe maya**. Paris: J'ai Lu, 2012.

SONTAG, S. **AIDS and Its Metaphors**. Harmondsworth: Penguin, 1989.

XAVIER, F. C. **Dissertações mediúnicas sobre importantes questões que preocupam a Humanidade** (pelo Espírito Emmanuel). 25. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1938.

XAVIER, F. C. Identificação da Besta Apocalíptica In: **A caminho da luz** (pelo espírito Emmanuel). Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1939.

ZIZEK, S. **Vivendo no fim dos tempos**; tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.